



## LIVRO DE RESUMOS

ENCONTRO DOS ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA DA USP

ENAPOL XV ANOS: FACES E FRONTEIRAS DA LINGUÍSTICA

28 DE MAIO A 1 DE JUNHO DE 2012

**COMISSÃO ORGANIZADORA:**

Aline Garcia Rodero Takahira

Everton Machado

João Vinicius de Almeida Braga

Julia Lourenço

Marina Maluli

Natália Guirado

Rafael Rocha

Tatiana Ferreira

# COMUNICAÇÕES

## Língua, Padrão e Simbolismo em Edward Sapir

Adan Phelipe Cunha (Mestrado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cristina Fernandes Salles Altman  
Área: Historiografia Linguística  
([adancunha@usp.br](mailto:adancunha@usp.br))

Com vistas a debater o conceito de relativismo linguístico subjacente à obra do linguista e antropólogo norte-americano Edward Sapir (1884-1939), um primeiro exercício analítico que se faz necessário é a reconstrução do seu conceito de língua e, subsequentemente, de seu conceito de padrão linguístico e simbolismo, uma vez assumido que neste autor, o relativismo linguístico implique em uma discussão acerca das relações sobre língua-pensamento-cultura, como seus textos nos levam a crer. Deste modo, a presente comunicação terá por objetivo central apresentar, ainda que de maneira concisa, um breve resultado desta tentativa de reconstrução, através da apresentação e discussão sobre alguns dados extraídos de alguns textos deste autor. Além de seu bastante difundido manual, intitulado *Language: an introduction to the study of speech*, de 1921, utilizamos aqui o também conhecido trabalho *Sound Patterns in Language*, artigo programático publicado na edição número um do até hoje prestigiado periódico *Language*, da *Linguistic Society of America*, de 1925, e o dois textos escritos para uma enciclopédia, intitulados *Language*, de 1933, e *Symbolism*, publicado em 1934. Embora todos os textos hajam obtido ampla divulgação, seja por seus conteúdos, seja por haverem sido incluídos na coletânea de textos do autor, reunidos por David G. Mandelbaum (1911-1987), em 1949, com exceção do manual supramencionado, nenhum dos demais trabalhos costuma ser trazido à discussão quando se pensa em uma possível hipótese Sapir-Whorf, pela qual, segundo diversos autores da segunda metade do século XX, a língua influenciaria a visão de mundo de seus falantes. Ainda que diversos autores do início do século XX, reconhecidos pelas gerações posteriores como pertencentes ao Estruturalismo, tenham enfatizado a diversidade estrutural dos sistemas linguísticos, Edward Sapir, juntamente com Benjamin Lee Whorf (1897-1941) serão consagrados na tradição ocidental como os “grandes” proponentes de uma hipótese específica. Além do mais, especificamente no contexto norte-americano, Sapir será rotulado como “mentalista”, por, dentre outras possíveis razões, propor que seja possível investigar a língua cientificamente centrado-se na psicologia do falante. Se de fato Sapir defende que a língua influencia a “visão de mundo” de seus falantes, como inúmeras passagens em sua obra nos permitem inferir, indubitavelmente, o rastreamento de suas concepções sobre “padrões linguísticos”, e “simbolismo” auxilia-nos justamente a refinar sobre qual visão de mundo o autor parece se referir. Esta leitura é direcionada por parâmetros de análise previamente estabelecidos, baseados nos princípios da Historiografia Linguística, e apresentados no projeto de mestrado “A Emergência da Hipótese do Relativismo Linguístico em Edward Sapir”, atualmente em desenvolvimento.

Palavras-chave: Edward Sapir; Língua; Padrão Linguístico; Simbolismo.

## Concordância sujeito-verbo no português brasileiro

Aline Garcia Rodero Takahira (Doutorado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Paula Scher  
Área: Morfologia  
([alinegr@usp.br](mailto:alinegr@usp.br))

Este trabalho se insere na área de Teoria da Gramática e tem como objetivo geral investigar a morfologia de flexão verbal, mais especificamente, a relação sujeito-verbo no português brasileiro (PB), como nas sentenças abaixo:

- (1) a) *Os meninos comeram o bolo.*  
b) *Os meninos comeu o bolo.*  
c) *Os menino comeram o bolo.*  
d) *Os menino comeu o bolo.*

Com base nos dados apresentados, as seguintes questões se colocam: 1-Os traços de concordância dos DPs são sintaticamente relacionados aos traços de concordância anexados aos verbos?; 2-Se sim, de que forma essa relação se dá e como ela permite as variações de concordância sujeito-verbo apresentadas acima? Se não, o que regula as possibilidades de concordância sujeito-verbo? Ainda, verificamos se há influência do tempo verbal nesses tipos de concordância, com base em uma comparação dos exemplos anteriores, no presente do indicativo, com exemplo como os colocados abaixo, no futuro:

- (2) a) *Os meninos comerão o bolo.*  
b) \* *Os meninos comerá o bolo.*  
c) *Os menino comerão o bolo.*  
d) \* *Os menino comerá o bolo.*

Percebemos que formas perifrásticas para o tempo futuro apresentam maior flexibilidade de realizações coloquiais, como:

- (3) a. *Os meninos vão comer o bolo.*  
b. ? *Os meninos vai comer o bolo.*  
c. *Os menino vão comer o bolo.*  
d. *Os menino vai comer o bolo.*

Mais algumas questões se colocam: 3- Se as sentenças de (1) a (3) apresentam diferentes possibilidades de concordância sujeito-verbo, os tempos verbais influenciam nessa relação?; e, 4- O que há nas formas perifrásticas que permite mais possibilidades de concordância sujeito-verbo? A análise desses tipos de sentenças será realizada através de uma proposta baseada nos pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ, 1993), doravante MD. A MD considera que uma base verbal, uma raiz, desprovida de flexão, e traços como tempo, pessoa, número, etc. entram na derivação e ficam disponíveis nos nós terminais. O material fonológico referente a esses traços, itens de vocabulário, é inserido pós-sintaticamente. Dentro desse modelo, buscamos mostrar se, considerando os mecanismo de empobrecimento, inserção tardia, e regras de reajuste, a concordância nas variantes do PB poderá ser explicada. Essa investigação nos levará a uma descrição apurada dos dados do PB e, assim, a um maior conhecimento dos mecanismos de concordância nas línguas naturais, além do conhecimento dos traços formais envolvidos na derivação.

Palavras-chave: Concordância Sujeito-Verbo; Português Brasileiro; Morfologia Distribuída.

## Os coros nas encenações de Medeia de Antunes Filho

Alpha Condeixa Simonetti (Doutorado)  
Orientador: Prof. Dr. Waldir Beividas  
Área: Semiótica  
([alphasimonetti@hotmail.com](mailto:alphasimonetti@hotmail.com))

O presente trabalho pretende expor uma análise do coro nas encenações de Medeia, dirigidas por Antunes Filho (2001 e 2003), tendo como metodologia de análise a semiótica de filiação francesa. Procuramos compreender a entoação como um discurso, reconhecendo seu funcionamento por meio de unidades suprasegmentais que se relacionam com os enunciados. Nosso principal objetivo é esquadrihar a participação da entoação nos processos de significação das encenações, partindo do detalhamento do comportamento vocal que surge com suas recorrências internas e colabora com o gerenciamento global de tensões e repousos das peças em questão. Avaliamos os ápices da tragédia e as variedades qualitativas no expurgo das emoções representadas, tendo em vista que a culminância da tragédia ou o momento de maior tensão é geralmente avaliado como momento catártico. Selecionamos a cena da súplica para descrição da fala do coro, em que o ápice da intensidade é problematizado. No âmbito geral do gerenciamento das tensões, essa cena pode ser considerada uma espécie de culminância da encenação, em decorrência tanto da sua expressão sonora quanto da progressão do conteúdo dramaturgico. Pois, em ambas as encenações os coros caracterizam-se pelo tônus elevado das falas apelativas que atraem a atenção do interlocutor na plateia. Por outra via, a descrição contempla suas propriedades particulares. Isto é, na primeira encenação o coro produz suplementos de tonicidade, com certa dinâmica de variação, enquanto na segunda ele é condicionado pela aceleração e pelos agravamentos dos tons. Assim, chegando a diferentes cargas patêmicas em cada enunciação, observamos os posicionamentos dos sujeitos enunciativos o que permite o adensamento de determinadas qualidades passionais. Surgindo em meio à contenção, a súplica é proferida pelo antagonista que, com o seu querer, procura instaurar um dever supremo ou social para impedir o curso da ação da protagonista. Na primeira encenação, a voz do coro sobredetermina o conteúdo apelativo e, provavelmente, intensifica o dever implicado na cena, já na segunda o pathos trágico é projetado por um tom sombrio e atrasado. Por fim, do ponto de vista metodológico, consideramos que as amostras dos coros em Medeia teriam especial importância, pois elas trazem uma unidade comum em relação a qual o discurso vocal pode ser percebido como um objeto relativamente autônomo, sendo rapidamente identificado pela audiência.

Palavras-chave: Semiótica; Teatro; Voz; Tensões; Catarse.

## Morfossintaxe da língua Arara (Karíb)

---

Ana Carolina Ferreira Alves (Doutorado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana Storto  
Área: Línguas Indígenas  
([carolfalves@gmail.com](mailto:carolfalves@gmail.com))

O projeto “Morfossintaxe da Língua Arara (Karíb)” visa descrever estruturas gramaticais referentes à morfossintaxe da língua Arara. Esta língua, também conhecida como Arara do Pará ou Arara do Xingu, é falada por aproximadamente 350 pessoas na região do Médio Xingu, Estado do Pará. O estudo linguístico será direcionado para o entendimento de aspectos do sistema gramatical de Arara, especialmente nas áreas de interface entre a Morfologia e a Sintaxe. De acordo com Gildea (2012), comportamentos morfossintáticos reveladores que merecem receber mais atenção em descrições modernas de línguas Karíb são a predicação não verbal, a verbalização, a cópula, a combinação de sentenças, e as distinções evidenciais nas marcações de tempo, aspecto e modo em orações principais. Esses tópicos serão descritos neste trabalho. Além disso, outra questão analítica a ser trabalhada compreende o tipo de sistema de marcação dos argumentos verbais. As línguas da família Karíb apresentam os sistemas cindidos mais complexos já vistos dentre as línguas do mundo (Gildea 2012). No entanto, a língua Arara ainda não possui estudos aprofundados sobre este tipo de mecanismo linguístico. Dentre os dados do corpus, um indício de alinhamento ergativo-absolutivo é o prefixo de primeira pessoa plural uk- e kut-. Este ocorre como (1) sujeito do verbo transitivo, enquanto aquele é atestado como (2) objeto do verbo transitivo e (3) sujeito do verbo intransitivo, como ilustrado nos exemplos a seguir:

1. Kut-sujeito do verbo transitivo: kudangkonangrimo imro  
kud- angko –nangri –ngmo imro  
1PL- cortar - NPASS -COL 3SG  
‘nós o estamos cortando’
2. uk- objeto verbo transitivo: ugangkonangri imro  
ug- angko -nangri imro  
1PL-cortar -NPASS 3SG  
‘ele nos está cortando’
3. uk- sujeito verbo intransitivo: ukpageny  
uk- page -ny  
1PL-acordar -PASS  
‘nós acordamos’

A metodologia de registro da língua em seu ambiente natural, que envolve textos e sessões de elicitación, será feita através de gravações em áudio e vídeo com qualidade digital. O projeto inclui compilação, sistematização em banco de dados informatizado e arquivamento digital de materiais linguístico-culturais do povo Arara. Esta fase do projeto será realizada em parceria com o Museu Paraense Emílio Goeldi e seu Acervo digital de línguas e culturas da Amazônia. A execução de trabalhos como este tem como implicações o aumento dos conhecimentos acerca de uma língua amazônica relativamente pouco estudada. Em maior escala, o projeto também espera contribuir para a inserção de dados das línguas indígenas brasileiras nas discussões teóricas sobre a tipologia da ergatividade, além de universais da ciência linguística.

Palavras-chave: Língua Arara (Karíb); Morfossintaxe; Ergatividade.

## Metáfora na gestualidade em dança

---

Ana Luisa Seelaender (Mestrado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Evani de Carvalho Viotti  
Área: Linguística Cognitiva  
([ana.seelaender@usp.br](mailto:ana.seelaender@usp.br))

Partindo de McNeill (1992), Mittelberg (2006, 2008) e Mittelberg e Waugh (2009), este trabalho descreve os gestos metafóricos presentes em narrativas dançadas, incorporando o signo peirceano. A descrição baseia-se em duas versões de Romeu e Julieta, livremente inspiradas na obra de William Shakespeare: uma coreografada por Kenneth McMillan para o The Royal Ballet e outra criada por Rudolf Nureyev para o Ballet de L'Ópera de Paris. O primeiro passo para descrever os gestos metafóricos em narrativas dançadas foi estabelecer o conceito de gesto em um sistema semiótico quinésico. Inspirada pela estrutura tríplice proposta por Poyatos (2002) para o discurso verbal (composta pelos níveis linguístico, paralinguístico e quinésico), sugiro a existência de três diferentes níveis para o discurso dançado: técnica (que inclui gestos convencionais da técnica), paraquinese (que inclui tempo, peso e fluência aplicados aos dois outros níveis) e gestual (constituída por gestos expressivos que contribuem para o desenvolvimento da narrativa). Neste trabalho, os gestos analisados serão aqueles pertencentes ao nível gestual. Para prover o contexto necessário para a interpretação dos gestos, as frases coreográficas foram divididas em unidades ideacionais, propostas para o discurso verbal por Chafe (1980a). Os dados foram transcritos através do *software* ELAN (EUDICO Language Annotator), versão 4.1.1, desenvolvido pelo Instituto Max Planck de Psicolinguística, e largamente utilizado para transcrição de línguas sinalizadas. Desse modo, foi possível a visualização e codificação de diversos aspectos dos gestos, como movimentos de mãos, olhos, boca, cabeça, entre outros, todos pertinentes para a construção do gesto. Nas línguas naturais há um número de indicadores para o mapeamento dos domínios fonte e alvo na construção do espaço metafórico. Um dos processos de elaboração das metáforas é o metonímico. Em dança, esses indicadores são gestuais e dependentes do espaço construído pelos coreógrafos. O que pretendo mostrar é como metáforas conceituais (como propostas por Lakoff e Johnson 1980) refletem-se nos corpos, movimentos e expressão facial dos bailarinos. Por exemplo, metáforas conceituais como FELICIDADE É PARA CIMA, TRISTEZA É PARA BAIXO e MAIS É PARA CIMA são elaboradas no decorrer da coreografia, mantendo as prioridades observadas na fala, e apresentadas em gestos que variam entre novos e convencionais.

Palavras-chave: Gesto; Dança; Metáfora.



## A célula rítmica no romance e no cinema semiótica

Bruna Paola Zerbinatti (Doutorado)  
Orientador: Prof. Dr. Luiz Tatit  
Área: Semiótica  
([brunapaola@uol.com.br](mailto:brunapaola@uol.com.br))

Este trabalho tem como objetivo principal verificar como ocorre a adaptação e tradução intersemiótica de um romance para um filme. Mais precisamente, escolhemos obras de partida bastante fragmentárias e em que a narratividade não é central, o que, por si só e pelas características do cinema clássico narrativo colocam um desafio para a transposição fílmica. A partir do instrumental que a semiótica greimasiana em sua vertente tensiva nos oferece, pretendemos verificar quais e como determinados efeitos de sentido produzidos nos romances foram transpostos para o cinema, linguagem considerada sincrética. Para tanto, tomamos como corpus um romance e um filme brasileiro e contemporâneo. Como romance tomamos *Catatau*, de Paulo Leminski e sua adaptação para o cinema, *Ex Isto*, dirigido por Cao Guimarães. Esperamos, assim, compreender e definir traços de recorrência e variação que podem nos levar a determinadas respostas sobre como se adapta, o que se adapta e para que se adapta um romance considerado experimental, de modo que isso possa, quem sabe se estender a outras obras. Tomaremos então o conceito de ritmo e célula rítmica conforme trabalhado por Claude Zilberberg a partir dos trabalhos de Saussure, Valéry, Bachelard, entre outros. Saussure aponta que toda vez que há algum tipo de abertura sonora deve haver um fechamento. Assim, na estrutura mesma da sílaba, toda soante implica na presença de uma consoante e vice-versa, de modo que se construa assim um ritmo e toda uma extensão discursiva. Zilberberg toma tal noção e busca generalizá-la de modo expandi-la por todo o discurso. Dessa maneira, tomando a noção de ritmo e tentando pensar o texto de *Catatau* a partir dela, podemos estabelecer uma célula rítmica do romance. Comporão o que denominamos célula rítmica, três diferentes constituintes elementares: (1) A exposição de uma ideia, pensamento ou visão do ambiente em que o sujeito se encontra; (2) O questionamento do que se vê e do que se pensa, a tentativa de construção de uma razão e sua desconstrução em seguida; (3) Um fluxo de baixa densidade de conteúdo caracterizada sobretudo pela riqueza de expressão. Tentaremos, em seguida, mostrar de que maneira podemos verificar uma célula rítmica também no filme, linguagem sincrética que joga com diferentes elementos para compor seu próprio ritmo.

Palavras-chave: Literatura; Cinema; Ritmo; Adaptação.

## O tratamento do verbo impessoal 'haver' em Ribeiro (1881) e Maciel ([1894]1902)

Bruna Soares Polachini (Mestrado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Olga Ferreira Coelho  
Área: Historiografia Linguística  
([bpolachini@gmail.com](mailto:bpolachini@gmail.com))

O verbo impessoal 'haver' foi tema de debate em gramáticas oitocentistas do português. Duas questões centrais abrangiam esses debates: (1) a existência de um sujeito para esse verbo; (2) formulação de regras para seu uso. A primeira demonstra que houve mudanças metodológicas de análise sintática nas gramáticas brasileiras do português do século XIX, pois, entre gramáticos do início do século, defendia-se a existência do sujeito, que, estando elíptico, poderia ser restituído à sentença, enquanto que, entre os do final do século, apresenta-se mais frequentemente a descrição do verbo impessoal como destituído de sujeito. As duas gramáticas analisadas nesta comunicação – a “Grammatica Portugueza” (1881) de Julio Ribeiro, e a “Grammatica Descriptiva” ([1894]1902) de Maximino Maciel – são deste segundo viés e, portanto, concordam acerca da questão (1). Todavia, aparentemente discordam sobre a questão (2), visto que Ribeiro e Maciel, ao menos acerca desse verbo, parecem ter critérios diferentes para a formulação de regras. Nosso objetivo nesta comunicação é tratar dessas duas questões por meio da concepção de Swiggers (2004:134) sobre o conhecimento linguístico, que se articularia em pelo menos quatro ‘camadas’, cujas superposições poderiam ser índices da dinâmica da história da linguística. A ‘camada técnica’ (referente aos mecanismos de análise e aos métodos de apresentação dos dados) é importante para a questão (1), em relação ao tratamento que Ribeiro e Maciel dão ao verbo ‘haver’ impessoal, de modo a aceitarem a ausência do sujeito numa construção com esse verbo. As camadas ‘teórica’ (referente à visão global de linguagem e à concepção do status do estudo da linguagem) e ‘documental’ (relativa à documentação linguística e filológica sobre a qual se constrói o estudo) são importantes para a questão (2), visto que pretendemos relacionar os critérios para a formulação das regras para o verbo ‘haver’ por Ribeiro e Maciel com a concepção de ‘gramática’ que manifestam na introdução de suas respectivas obras, e com o dado linguístico descrito, observando qual é sua proveniência, se de cânones da literatura, se da fala cotidiana do Brasil e/ou de Portugal. A ‘camada contextual/institucional’ não será abordada nesta apresentação. A partir dessa organização, visamos observar a dinâmica de superposição dessas três camadas no que diz respeito aos dois autores analisados e ao tema específico do verbo impessoal ‘haver’. A proposta de Swiggers (2004) é também utilizada na dissertação que engloba o estudo desta apresentação. Nessa dissertação visamos apreender os modos de tratamento de fenômenos sintáticos característicos do PB na gramaticografia brasileira oitocentista do português e, para isso, na ‘camada teórica’, estudamos os conceitos de ‘gramática’, ‘língua’ e ‘linguagem’ apresentados nas introduções das gramáticas estudadas – além das citadas, Morais Silva (1806), Coruja (1873[1835]) e Sotero dos Reis (1866); na ‘camada técnica’, observamos os métodos descritivos utilizados nas seções de sintaxe; na ‘camada documental’, observamos os dados linguísticos descritos, enfatizando aqueles identificados como do PB; na ‘camada contextual/institucional’, analisamos o contexto de produção das obras. A ideia é, a partir da correlação entre dados desses diferentes domínios, observar como se constituiu uma tradição de descrição gramatical do PB no Brasil.

Palavras-chave: Historiografia Linguística; Gramáticas Brasileiras do Português; Século XIX; Verbo Impessoal ‘Haver’.

## **Roberto Piva e o ethos subversivo Semiótica**

---

Carolina Fernochi Sant'Ana (Mestrado)  
Orientador: Prof. Dr. Antonio Vicente Pietroforte  
Área: Semiótica  
([karowfsantana@gmail.com](mailto:karowfsantana@gmail.com))

Os primeiros poemas de Piva datam da primeira metade dos anos 1960. Foi nessa época que escreveu os poemas reunidos no primeiro volume da coletânea, *Um Estrangeiro na Legião*. Nesse livro, há muitos poemas que oferecem dificuldades de leitura, quer seja pela disposição desorganizada dos versos na página, pelo excesso de figuras díspares unidas sequencialmente, pelo ritmo exaltarório e declamativo sempre em ascensão e sem pausas de leitura ou pela ausência de pontuação. Essa experiência de incompreensão é parte estruturante do sentido da obra, pois recusar-se ao sentido é, em si, um ato de rebeldia. O livro em análise, *Um estrangeiro na legião*, será considerado como uma totalidade discursiva, na qual as partes estão diretamente entrelaçadas ao todo, constituindo uma unidade integral, na qual o ethos do sujeito é depreensível através do modo de dizer que remete a um modo de ser. Os poemas são marcados, em geral, por um sistema de oposições manifestadamente esquemático. Nesse jogo de oposições, evidentemente, um lado é euforizado e outro é disforizado. O lado euforizado é o lado que demarca valores de rebeldia (versus conformismo), liberdade (versus opressão), profano (versus sagrado), obscenidade/voluptuosidade (versus puritanismo). Nesse contexto, a rebelião, a desordem e o sexo são instrumentos de resistência ao cerco imposto à liberdade individual dos seres humanos. Este trabalho busca fazer uma análise do ethos e da construção identitária do primeiro volume das obras reunidas de Roberto Piva. Considerando que o ethos é a construção da identidade pelo modo de dizer, ou seja, um modo próprio de constituição do sujeito, que o situa no mundo, e que o efeito de sentido de identidade é resultado de uma isotopia de imagens de si, o trabalho a ser realizado buscará compreender, através da análise semiótica de alguns poemas, como se dá a construção coesa de um ethos que permeia todo o livro *Um estrangeiro na legião*. A esse ethos dar-se-á o nome de subversivo. Os poemas analisados são três, mas outros poemas serão evocados constantemente, a fim de melhor demonstrar e exemplificar o que se fala. Os poemas escolhidos são “A piedade” e “Poema Porrada”, ambos do livro *Paranóia* e “A máquina de matar o tempo”, do livro *Os que viram a carcaça*.

Palavras-chave: Roberto Piva; *Um Estrangeiro na Legião*; Semiótica.

## A Configuração mútua de dois estilos: Classicismo e Barroco

Carolina Tomasi (Doutorado)  
Orientador: Prof. Dr. Antonio Vicente Pietroforte  
Área: Semiótica  
([carollausp@hotmail.com](mailto:carollausp@hotmail.com))

O estudo que propomos nesta comunicação parte de uma semiótica da estesia e não das divisões estéticas em períodos, com base em um contínuo que considera, de um lado, objetos de dominância clássica e, de outro, objetos de dominância barroca (Wölfflin, 2006). A simplificação que investigamos toma como base elementos do próprio texto (Hjelmslev, 1975), sem recorrer a nomenclaturas variadas e destituídas muitas vezes de relação direta com a estrutura imanente ao texto. Para Mukarovsky (apud Lopes, 1997, p. 295), “a linguagem poética tende a enfatizar o valor autônomo do signo”. Partimos da hipótese de que podemos encontrar “cifras” barrocas em uma obra clássica, assim como “cifras” clássicas em uma obra barroca (ainda que em escala mínima). Serão obras, ora predominantemente barrocas (“enunciatório efetivamente ativo, abertura, aceleração, prevalência do sensível”), ora predominantemente clássicas (“simulacro da distância do enunciador em relação ao enunciatório, fechamento, desaceleração, preocupação normativa, prevalência do inteligível”). Interessa-nos, então, não o termo simples, isolado (por exemplo, barroco, clássico, neobarroco), mas o termo complexo: um texto seria mais barroco e menos clássico, sem possibilidade de exclusão absoluta. Desse modo, não se trata de uma oposição binarista, mas de uma complementaridade, proposta aqui em termos da semiótica tensiva (Zilberberg, 2011). Classicismo e barroco, para nós, pertenceriam a uma continuidade complementar: por exemplo, se prevalecerem elementos conjuntivos, de mistura, o objeto seria “mais barroco”; se prevalecer a triagem, o objeto seria “mais clássico”. Como considerarmos, então, sob esse ponto de vista, as outras estéticas? Para nós, um texto penderia para “mais ou menos” barroco e “mais ou menos” clássico, ou seja, “neoclassicismo, realismo, parnasianismo, impressionismo” tenderiam para a graduação do “mais clássico”, enquanto “romantismo, simbolismo, decadentismo, surrealismo” tenderiam para a graduação do “mais barroco”. Existe um desejo na divisão estética em períodos, quer antiga ou atual, de voltar-se para modalidades “exotáticas” (Greimas; Courtés, 1989, p. 283), que, muitas vezes, apoiam-se em sobremodalizações do dever, do poder, do fazer, noutros termos, o barroco deve ser assim, o barroco pode ser assim, deve-se fazer barroco assim, desconsiderando as modalidades “endotáticas” que estão no nível do querer, do saber e do ser. Nesse caso, os analistas, muitas vezes, projetam seus quereres no objeto sob exame. Diante dos mais variados manuais de literatura, detectamos comumente listas intermináveis de componentes, que antes que descrever o barroco, estabelecem normas para o enunciatório encontrar no objeto o “rótulo” barroco. Se não encontrar tais elementos, o texto sob análise é endereçado a algum outro modelo em que possa se encaixar (romantismo, naturalismo, futurismo, dadaísmo etc.). Outra questão que evoca este projeto: que lógica produz conhecimentos discretos que opõem uma estética a outra? Tensivamente, um termo X ou é mais ou é menos, ou pende mais para uma coisa ou para outra. Trata-se, portanto, de uma postura metodológica que partirá da estrutura do objeto para investigar o barroco e o classicismo como cifras, um tipo de configuração mútua, presente nos textos em maior ou menor grau: “um texto é mais barroco ou menos barroco, mais clássico ou menos clássico”.

Palavras-chave: Semiótica Tensiva; Linguística; Literatura.

## Conservação e Recriação: o lugar do músico improvisador na tradição do Jazz

Cleyton Vieira Fernandes (Mestrado)  
Orientador: Prof. Dr. Antonio Vicente Pietroforte  
Área: Semiótica  
([cleytonfernandes@hotmail.com](mailto:cleytonfernandes@hotmail.com))

O semioticista Jean-Marie Floch propõe, em vários de seus textos, a categorização dos discursos em Referenciais ou Míticos, de acordo com o grau de vínculo que tais discursos possam estabelecer com a construção de uma significação fora deles ou neles mesmos. Considerando que tais categorizações antecedem a materialização do signo, de acordo com Pietroforte, tais categoria podem ser aplicadas a quaisquer planos de expressão, e, em nosso caso, interessa-nos o olhar sobre o discurso musical. Nas décadas de 1970 e 80 era bastante acirrado o debate entre musicólogos que defendiam a chamada “interpretação histórica” e os que defendiam uma interpretação que conservasse a liberdade do músico em recriar ou, ao menos, imprimir sua própria marca à obra. O ato de interpretar levanta a polêmica entre compositores e intérpretes: até onde iria a liberdade do instrumentista em interferir na obra ao qual propõe-se a executar. Por outro lado, na tradição ocidental da música popular, o músico improvisador ocupa uma posição bastante peculiar no processo de criação musical. O ato de improvisar recria e amplia o tema musical proposto e confere ao improvisador o estatuto de compositor e intérprete, simultaneamente. Também, a música erudita do século XX iniciou, gradativamente, uma retomada nos espaços de improvisação dados aos intérpretes, até então, limitados sobretudo nos repertórios Clássicos e Românticos. Em nosso trabalho, pretendemos discutir os vários posicionamentos tomados pelos improvisadores em alguns períodos do Jazz nos Estados Unidos. Ao observarmos diferentes formas de improvisação, verificamos que tais músicos, ora se posicionam como intérpretes, ora como recriadores. Evidentemente, tal observação se dá pelas marcas presentes na enunciação enunciada para, a partir daí, nos fazer ver a transformação de uma linguagem em constante processo de renovação. O ato de improvisar pode, em dados momentos, levar em conta uma discursivização programática e narrativa, ou, pode remeter à outros sistemas musicais e contrapô-los em níveis fundamentais da linguagem, afirmando então a discursivização mítica. Discutir tais conceitos e aplicá-los será o objetivo dessa comunicação. Finalizaremos apresentando um breve modelo que caracteriza o modus operandi de tais intérpretes e os relaciona numa cadeia de oposições em relação ao ato de recriar ou conservar.

Palavras-chave: Semiótica da Música; Jazz; Improvisação.

## Diálogos entre linguagens a partir de um díptico

Daniela Nery Bracchi (Doutorado)  
Orientador: Prof. Dr. Ivã Carlos Lopes  
Área: Semiótica  
([bracchi@gmail.com](mailto:bracchi@gmail.com))

Um díptico que une a reprodução de uma porção de um quadro e uma fotografia serve para explorar as estratégias discursivas distintas que os meios da fotografia e da pintura constroem para o leitor de imagens. Entre fotografia e pintura, onde se localizam as respostas para a compreensão sobre o significado de tal díptico? O dilema estabelecido inicialmente sobre o modo de leitura das imagens e a preponderância de um meio visual sobre o outro se desenvolve na tentativa de abordar as duas imagens em conjunto, de modo que o sentido expresso em uma imagem seja complementado, restrito ou ainda expandido pela outra. Hells Diptic, do fotógrafo brasileiro Miguel Rio Branco, é capaz de ostentar as escolhas compositivas do autor a partir do momento em que apresenta o recorte de um quadro de Marten de Vos com cores e sombras alteradas. O jogo de luz e sombra que o fotógrafo repropõe em relação ao quadro de referência coloca Rio Branco como enunciador que define os termos em que o díptico será visto. A apropriação da obra do pintor belga é transformada quando colocada ao lado de uma fotografia do próprio Rio Branco que constrói rimas visuais em termos de formas apresentadas no quadro, inter-relacionando as duas obras e criando a figura retórica de uma anáfora visual. Estabelecida a relação entre as imagens, é a partir da consideração da organização plástica da imagem que surge a categoria visual da textura como modo de compreensão dos próprios sistemas de expressão e de construção de corporeidades distintas. Enquanto a fotografia apresenta em sua microtopologia os vestígios de um corpo (textura representada), a pintura ostenta a textura de sua própria feitura e a pincelada se impõe como vestígio da corporeidade do pintor. Temos, por fim, o tratamento não apenas de uma tematização prática no díptico, mas a construção de uma temática metalinguística. Sendo assim, o que se apresenta em Hell's Diptic não é apenas os caminhos do corpo que busca liberdade ou salvação, mas o próprio modo de distinção e complementariedade que a fotografia pode apresentar em relação à pintura para a construção do sentido.

Palavras-chave: Fotografia; Pintura; Intersemiotividade.



## **Atribuição de Autoria e Perfil Sociolinguístico**

---

Dayane Celestino de Almeida (Doutorado)  
Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes  
Área: Linguística Forense  
([daycelestino@gmail.com](mailto:daycelestino@gmail.com))

Este trabalho propõe a utilização de perfis sociolinguísticos em casos de atribuição de autoria no contexto forense, bem como delinea os primeiros passos em busca de uma metodologia para a obtenção de tais perfis. A Linguística Forense é o estudo da língua direcionado para a resolução de problemas no âmbito criminal e judicial. Um dos subcampos dessa disciplina é a Atribuição de Autoria, em que se inclui este estudo. Se antigamente era possível, por meio de análises grafológicas, formular hipóteses sobre o autor de uma mensagem, mais recentemente isso se tornou quase impossível, já que a maioria dos textos que circulam não são manuscritos. Assim, a análise linguística deve contribuir para identificar a autoria de textos como cartas de suicídio, cartas e mensagens anônimas (e.g. em caso de sequestros, chantagens, ameaças, mensagens via celular, etc.), documentos suspeitos de falsificação (como testamentos), websites com conteúdo ilegal, entre outros. Nas investigações de atribuição de autoria, o linguista pode: a) comparar um ou mais escritos cuja autoria esteja sendo questionada, com uma amostra de outros textos dos suspeitos e b) analisar um escrito cuja autoria esteja sendo questionada, sem que haja outros textos para comparação. A atividade descrita em “b” é a que se desenvolve no presente trabalho e configura o que Grant (2008) chama de “single text problem”, ou seja, “não há nenhuma possibilidade realista de comparação dos textos produzidos”. Não se trata de encontrar necessariamente o autor da mensagem, mas sim de identificar perfis, procurando desvendar que tipo de pessoa escreveu o texto. Com a análise linguística, procura-se, segundo Grant (2008) revelar que tipo de “pessoa linguística” escreveu o texto “e isso pode ser chamado de elaboração de perfil sociolinguístico”. É impossível apontar um indivíduo dentre milhares como provável autor de um texto, mas deve ser possível ao menos definir um grupo no qual provavelmente ele esteja inserido. Estudos dessa ordem já tem sido realizados com textos orais, como afirmam Foulkes e French (s/d). Os pressupostos teórico-metodológicos adotados para esta empreitada serão os da Sociolinguística, que postula ser possível associar certos usos linguísticos a certos fatores sociais. A investigação dessas correlações possibilitaria definir um conjunto ao qual pertence o possível autor do texto cuja autoria se pretende revelar, diminuindo consideravelmente o número de suspeitos.

Palavras-chave: Linguística Forense; Atribuição de Autoria; Perfil Sociolinguístico.

## A complexificação do tempo e do espaço em uma HQ autobiográfica

Débora Cristina Ferreira de Camargo (Mestrado)  
Orientador: Prof. Dr. Antonio Vicente Pietroforte  
Área: Semiótica  
([deborafc2@yahoo.com.br](mailto:deborafc2@yahoo.com.br))

O presente estudo utiliza-se dos postulados teóricos da semiótica tensiva desenvolvida por Zilberberg para analisar as relações entre tempo e espaço presentes na HQ autobiográfica de Alison Bechdel, *Fun Home*, publicada em 2006. Assim, diferente de muitas autobiografias, o tempo dos acontecimentos narrados em *Fun Home* não é cronológico, ou seja, os acontecimentos estão embaralhados no tempo e parecem estar em função da temática e não da ordem que sucederam. A capacidade da premiada quadrinista Alison Bechdel de “brincar” com a sequência cronológica da narrativa foi elogiada por diversos críticos, entre os mais elogiosos é comum uma euforia em relação a densidade emocional e a riqueza de detalhes do enunciado, tanto no texto verbal como no texto visual da HQ. No entanto, o presente trabalho pretende descrever não o que, mas sim como a engenhosidade do trabalho de Bechdel constrói e produz sentidos por meio de articulações semióticas. Os modelos da semiótica tensiva permitem, portanto, uma análise da estrutura que sustenta os discursos e os sentidos produzidos em *Fun Home* que complexifica dois gêneros: autobiografia e quadrinhos. Assim, pretende-se demonstrar como a relação entre tempo e espaço está complexificada na própria estrutura do enunciado e como o sincretismo inerente ao gênero, ou seja, a relação entre texto verbal e visual podem construir uma forma particular de complexificar tempo e espaço. E, ainda, pretende-se por meio da temática da morte e de sua pertinência para a produção de sentidos em *Fun Home* utilizar o modelo de Zilberberg sobre os modos de presença das categorias enunciativas e as suas relações com o tempo e o espaço, assim como os efeitos de sentido que produzem. Partindo do princípio semiótico de que as partes estão no todo assim como o todo está nas partes, faremos uma análise de um trecho da obra composto por dezesseis quadros distribuídos por páginas em sequência. Assim, no recorte analítico temos dois tempos e dois espaços distintos na narrativa e por meio da análise do corpus pretende-se verificar as articulações semióticas mais abstratas que regem os efeitos de sentido que arquitetam o discurso da memória e do fluxo do tempo na HQ contemplada.

Palavras-chave: HQ; Autobiografia; Tensiva.



## **Ladrão: um legado afrodescendente nas tradições orais mazaganenses**

Edna dos Santos Oliveira (Doutorado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Margarida Maria Taddoni Petter  
Área: Semiótica  
([ednaoliveira@usp.br](mailto:ednaoliveira@usp.br))

Este trabalho apresenta o recorte de um aspecto constitutivo das manifestações socioculturais de Mazagão, a cidade transplantada da África para a Amazônia no período colonial. De caráter eminentemente oral, o ladrão é a música que dá sentido às rodas ritmadas pelos tambores no marabaixo e no batuque. A ocorrência está diretamente associada aos festejos religiosos que ocorrem ao longo do ano exclusivamente nas comunidades afro-descendentes. O termo ladrão faz referência aos versos que são cantados por quem puxa a cantiga, seguidos sempre do coro dos demais participantes da roda, assim como do público presente que eventualmente os conhecem. O conteúdo traduz a dinâmica da vida ordinária restrita às comunidades que preservam as tradições afro-descendentes de batuque e marabaixo. A cantiga pode ser considerada a parte literária, se levarmos em conta a produção como poesia oral, tendo em vista a forma, a melodia e a função social. Estamos lidando com a hipótese de que os ladrões constituem a materialidade linguística tipicamente oral das tradições afro descendentes em Mazagão que subsistiram através da força das tradições das festas religiosas e pelo valor simbólico que representam. Nossa intenção consiste em uma breve análise comparativa de alguns ladrões, enquanto manifestação linguística oral, em interface com os aspectos sócio-históricos, buscando desvelar as circunstâncias de produção da referida tradição oral, focando na comunidade de Mazagão Velho, ainda que esta seja uma prática social corrente no conjunto das comunidades negras amapaenses. Os ladrões, em razão de constituírem as manifestações de batuque e marabaixo, foram solidariamente difundidos pelo interior do Amapá. Dessa forma, foram compartilhados por um conjunto de comunidades que ocupam uma área extensa do Estado. Uma vez que postulamos que a propagação das festas tradicionais, em cuja realização há a ocorrência de batuque e marabaixo, é resultado do hibridismo produzido no complexo processo de contato, estamos trabalhando com a hipótese tributária dessa postulação que é considerar os ladrões como as implicações linguísticas das dinâmicas socioculturais, difundidas pelo interior do Amapá, em razão de um intenso movimento populacional ocorrido no período colonial na região do cabo norte. Tendo em vista que falar de oralidade pressupõe outras categorias como memória (Habwachs, 1990), autoria, tradição, documento e monumento (Le Goff, 1990), estamos nos apoiando, para a análise linguística dos ladrões, nas proposições de Ferreira Netto (2008), que apresenta um arsenal teórico para a análise linguística de narrativas orais, partindo do modelo laboviano (1997). É com o referido aparato teórico que estamos operando, preliminarmente, a análise do conteúdo e da forma dos ladrões mazaganenses e que nos permitiu perceber a mudança de conteúdo em razão da mudança da mídia usada no suporte da composição dos ladrões. Ou seja, o conteúdo tratado na composição oral é diferente do conteúdo apresentado na composição escrita. É provável que essa transposição não esteja restrita à substituição da mídia, mas, seja tributária de mudanças no cenário social da comunidade mazaganense, o que significa haver aspectos de natureza social implicando, quiçá, corroborando esse processo.

Palavras-chave: Mazagão; Tradição Oral; Ladrões.

## Crer saber, saber mal e saber pouco

---

Eliane Pereira Domaneschi (Mestrado)  
Orientador: Prof. Dr. Waldir Beividas  
Área: Semiótica  
([eliane.pereira@usp.br](mailto:eliane.pereira@usp.br))

O trabalho ora apresentado insere-se em um quadro mais amplo de pesquisa que constitui a área de investigação de meu projeto de mestrado: o universo do crer e do saber dentro domínio teórico da semiótica da Escola de Paris. Inicialmente abordadas sob perspectiva eminentemente categorial, como a de Greimas, que descreve o ato epistêmico por meio de termos alocados nas categorias previstas no quadrado semiótico e de operações juntivas, as modalidades crer e saber passam posteriormente por certa reformulação teórica, notadamente a feita por Zilberberg em Razão e Poética do Sentido, de 1988. Essa mudança da abordagem do crer e do saber, que se transforma de categorial para gradual e tensiva, é reflexo de uma reestruturação mais geral sofrida no decorrer da década de 1980 pela teoria semiótica. Sabe-se que, em sua origem, a semiótica de Greimas priorizava o 'inteligível' com o objetivo de verificar como ocorria a construção de sentido nos textos e operacionalizar o modelo do percurso gerativo de sentido. Com o avanço da teoria, surgiu a necessidade de dar conta também dos conteúdos passionais aderidos ao discurso, ou seja, o investimento afetivo do sujeito em sua relação aos objetos ou a outros sujeitos, dimensão tímica indissociável de qualquer tipo de produção discursiva, privilegiados pelo modelo zilberbergiano. A abordagem e as ferramentas teóricas providas pela semiótica tensiva nos permitem pensar em cifras tensivas associadas a uma paixão ou modalidade. De fato, as cifras tensivas, constituídas por um valor de intensidade e outro de extensidade, substituíram as equações de Greimas para a análise das paixões, que operavam sob a lógica juntiva. A reformulação tensiva e posterior manipulação e desenvolvimento do paradigma zilberbergiano também possibilitam a abordagem de um texto em termos das densidades de presença do sujeito na narrativa, como definido em Tensão e Significação (1998) por Fontanille e Zilberberg, e permitem conceber o percurso narrativo como ascendência (+ +) ou descendência (- -). Tais noções teóricas se mostram pertinentes para a análise ora proposta, que toma como corpus um breve poema declamado por Antônio Abujamra ao final do programa de TV Provocações do dia 26 de julho de 2011. O texto põe em jogo as modalidades crer e saber, explora-as tematicamente e extrai alguns efeitos de sentido de sua oposição, exacerbação e atenuação, bem como do sujeito do saber em plenitude, vacuidade e falta.

Palavras-chave: Crer; Saber; Operação Cognitiva; Modalização.

## Entre a sensibilização e a moralização: os diferentes modos de interação

Eliane Soares de Lima (Doutorado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Norma Discini  
Área: Semiótica  
([li.soli@usp.br](mailto:li.soli@usp.br))

Para a semiótica, os sujeitos participam de dois tipos de relações: entre sujeito e objeto, simulando a ação do homem sobre o mundo; e entre sujeitos (destinador e destinatário), referente à atividade de comunicação, compreendida como forma de manipulação que conjuga um fazer persuasivo e outro interpretativo (BARROS, 2003). Assim, é esta última que a teoria tem considerado, e explorado, como forma de interação. No entanto, em seu sentido comum, registrado pelos dicionários de língua portuguesa, a interação é definida, sobretudo, como “ação mútua” entre interactantes, o que nos autoriza, com base também nos desenvolvimentos da semiótica tensiva, a pensá-la, dentro do quadro geral da teoria, não só como uma relação de comunicação em que se privilegiam as atividades persuasiva e interpretativa, mas também como aquela que se fundamenta a partir de uma relação perceptiva entre sujeito e objeto-valor, com as posições sendo intercambiáveis e definindo graus de transitividade do liame interactancial, de gradação interativa. A transmissão de valores e a própria composição do “valor do valor” estariam, assim, alicerçadas no ato mesmo da percepção, na tensão que liga o sujeito ao objeto. Esse ponto de vista nos parece válido na medida em que expande a noção de interação, dentro da perspectiva semiótica, para além da manipulação entre destinador e destinatário dentro de uma troca comunicativa verbal, permitindo examinar sua configuração mesmo nas relações em que não há uma intencionalidade persuasiva explícita. A partir, então, dessa ideia de graus de modulação recíproca, nosso objetivo é apresentar a noção de “modos de interação”, demonstrando que a diferença entre eles repousa sobre o peso que atribuem, respectivamente, ao sensível e ao inteligível na relação intersubjetiva. Nesse sentido, a interação com aquilo que se põe no campo de presença do sujeito será mais da ordem da sensibilização, quando o ato perceptivo se funda predominantemente no eixo da intensidade, e mais da ordem da moralização, quando no eixo da extensidade – lembrando que são as determinações tensivas, próprias à inserção de uma grandeza no campo perceptivo do sujeito, as responsáveis por tal especificação. Quanto maior for a reação do sujeito quando da percepção do objeto, maior será a força, a densidade de presença, deste último sobre ele, apontando para um grau menor de inteligibilidade da interação e maior de sensibilidade; do lado contrário, quanto mais ação do sujeito sobre o objeto (criação de simulacros impressivos), maior será sua presença e o grau de inteligibilidade da ligação entre eles; e, correlativamente, menor o de sensibilidade. A intenção é oferecer um caminho de análise dos modos de interação que se estabelecem entre sujeito e objeto, compreendendo o porquê de uma configuração que privilegia uma relação mais sensível entre eles, ou uma mais moralizante, mais da ordem do inteligível.

Palavras-chave: Interação; Percepção; Sensível; Inteligível.

## Remanescentes de falares africanos na região diamantina de Minas Gerais

Everton Machado Simões (Mestrado)  
Orientadora: Profª Drª Margarida Maria Taddoni Petter  
Área: Linguística Descritiva  
([evertonmsimoes@yahoo.com.br](mailto:evertonmsimoes@yahoo.com.br))

Este trabalho dá continuidade ao Projeto-Piloto IPHAN/USP no 20173 “Levantamento etnolinguístico de comunidades afro-brasileiras de Minas Gerais e do Pará”, coordenado pela Profª Drª Margarida Maria Taddoni Petter e a Profª Drª Márcia Santos Duarte de Oliveira, e tem por objetivo específico coletar mais dados linguísticos no distrito de Milho Verde, município de Serro (MG), e expandir a pesquisa a demais comunidades histórica e culturalmente ligadas à região diamantina. Ligada à Estrada Real, a região diamantina é conhecida pelo grande fluxo de escravos africanos durante os séculos XVIII e XIX, primeiramente do oeste-africano e, em seguida, da África Austral. Tal presença maciça se reflete atualmente na manutenção de costumes e mesmo de vestígios de línguas da África, as quais apresentam forma e léxico diferenciados. Na extensão do projeto, decidiu-se pela busca de informantes nas comunidades remanescentes de quilombo de Quartel do Indaiá, em São João da Chapada, e, na comunidade do Espinho, município de Gouveia. Além da proximidade geográfica e do passado histórico em comum, estas comunidades compartilham aspectos culturais de preservação de um léxico africano majoritariamente banto, o qual se encontra especificamente em cantos religiosos, em uma língua antigamente utilizada no garimpo de diamantes e, finalmente, nos vissungos, que são cantos que acompanham uma prática social, introduzidos pelos escravos africanos, os quais os entoavam em diversas situações, tais como: o trabalho e rituais funerários. Estes cantos são uma valiosa fonte para melhor se entender a presença dos africanos na região e mesmo as línguas que trouxeram consigo, principalmente pela forte presença de léxico africano. Entretanto, apresentam desafios à pesquisa, tanto pela presença da língua portuguesa, quanto pelo pouco conhecimento que os falantes têm das línguas africanas, gerando muitas vezes múltiplas versões do mesmo canto. Almeja-se, no projeto, não somente avaliar a situação atual dos falares africanos na região, mas também recuperar suas fontes. Nesta apresentação, analisarei o léxico encontrado em um vissungo de multa, coletado em Milho Verde: “Ô quimbanda jirauê Barunguanda quimbanda jimbiruru catimbandá”. Os vissungos de multa eram entoados quando um indivíduo entrava na região de garimpo sem pedir licença. Os cantantes, desta forma, cobravam uma multa, a qual poderia ser dinheiro, rapadura ou cachaça. Encontra-se, a título de exemplo, no item “barunguanda”, palavras do idioma quimbundo relacionadas ao tema do vissungo: “Mbalu” (adj. Classe IX), “indômito; que anda a monte”; “Nganda” (sub. Classe IX), “Lugar onde se reúnem cavalheiros”. Tais elementos se mostram sujeitos à influência do português brasileiro, visível nas mudanças fonológicas ocorridas e em decalques, tal como a variação registrada entre “quimbanda” e “que anda”. Finalmente, esse trabalho se justifica pela urgência da pesquisa, pois, com a mudança e fim das práticas sociais, os falares africanos da região diamantina estão quase extintos e permanecem somente na memória de membros mais antigos das comunidades, sendo necessário, portanto, o resgate e documentação do que ainda subsiste, alcançando melhor conhecimento da sócio-história do português brasileiro e de seu contato com as línguas africanas.

Palavras-chave: Comunidades Quilombolas; Léxico de Origem Africana; Vissungos; Línguas Africanas no Brasil.

## Efeitos de frequência e fatores sociais na atualização contínua da gramática

Fernanda Canever (Mestrado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Evani Viotti  
Área: Linguística Cognitiva  
([fernandacanever@gmail.com](mailto:fernandacanever@gmail.com))

À luz de modelos de língua baseados no uso (Langacker 2000), que assumem que os princípios fundamentais da estrutura linguística são derivados da experiência com a língua, o objetivo deste estudo é contribuir para a investigação de como se dá o contínuo processo de atualização do nosso conhecimento linguístico, em especial explorando a questão de como algumas inovações são incorporadas na língua. Para responder a essa questão, ainda em aberto na literatura baseada no uso, o fenômeno linguístico investigado foi o infinitivo flexionado, cujo uso gramáticos modernos consideram intrigante. A partir de um recorte de construções com o infinitivo que apresentam variação entre as formas flexionada e não-flexionada, foi feita uma quantificação da variação no emprego da flexão do infinitivo em um corpus sincrônico de língua escrita culta. Para o levantamento dos dados, foi compilado um corpus de 11.000.000 palavras formado por 180 teses e dissertações de alunos do curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da USP, que recebeu o nome de Corpus LLIC-PósLetrasUsp. Como se trata de um grande volume de dados, a extração dos dados feita de modo automático com o *software* livre R, apontado atualmente como o mais completo concordanceador disponível (Gries 2009). Os resultados encontrados no estudo de corpus apontam para diferentes tendências de emprego da flexão a depender dos contextos sintáticos em que ocorrem. Apesar de ter sido verificada uma tendência à não-flexão em algumas construções, tais como as perífrases modais e aspectuais, nas orações finais, causais e temporais, por exemplo, a preferência pela forma flexionada do infinitivo é clara. Uma vez que modelos baseados no uso propõem que há uma correlação entre a frequência de ocorrência de estruturas e seu grau de arraigamento cognitivo, a alta frequência de ocorrência de formas flexionadas do infinitivo em variados contextos sintáticos, inclusive em contextos em que o sujeito do infinitivo está claro, demonstra que a flexão do infinitivo está se tornando cada vez mais arraigada na gramática dos falantes. Assim, esta pesquisa vem ressaltar a importância dos estudos de frequência para o mapeamento dos fatos linguísticos e para a descrição gramatical das línguas naturais. Neste estudo, também é feito um esboço de um modelo de língua baseado no uso mais dinâmico e mais social, que incorpora as propostas dos estudos da “terceira onda” (third wave) de investigação sociolinguística e que representa uma tentativa inicial de acomodar a teoria da variação dentro do quadro teórico baseado no uso.

Palavras-chave: Modelos de Língua Baseados no Uso; Variação Linguística; Mudança Linguística; Frequência; Infinitivo Flexionado.



## Foco sobre informativo e inversão de escopo no português brasileiro

Fernanda Rosa da Silva (Mestrado)  
Orientador: Prof. Dr. Marcelo Barra Ferreira  
Área: Semântica Formal  
([fernandarosa2006@yahoo.com.br](mailto:fernandarosa2006@yahoo.com.br))

O presente trabalho tem como tema principal as relações de escopo entre quantificadores em sentenças do português brasileiro (PB). Mais especificamente, este procura investigar o efeito semântico de um tipo de foco a que chamamos de foco sobreinformativo, nas relações de escopo em sentenças declarativas do PB. Este tipo de foco parece facilitar a inversão de escopo. Tomemos como exemplo, a sentença abaixo: (1) Mais de três alunos reclamaram de toda palestra do congresso. Quando enunciada em um contexto não marcado (ou seja, em que a pergunta em discussão seria algo como “o que aconteceu?”), a leitura mais saliente para essa sentença é a de que o número de alunos que reclamaram de todas as palestras do congresso é maior que dois. Consideremos agora um contexto diferente: dois professores que participaram de um congresso estão conversando e um professor comenta com o outro: “Mais de dois alunos reclamaram da minha palestra”. O outro, para consolá-lo, responde: “Não deve ser nada pessoal, porque mais de dois alunos reclamaram de TODA PALESTRA DO CONGRESSO”. Aqui, a mesma sentença acima parece admitir outra interpretação, a de que para toda palestra x, mais de dois alunos reclamaram de x. Desta vez, é o sintagma quantificado na posição de objeto que tem escopo sobre o sintagma na posição de sujeito. Estamos diante de um caso de inversão de escopo. O que foi crucial para a obtenção dessa interpretação foi a entonação peculiar com que o sintagma objeto foi pronunciado. Essa entonação indica que o falante está abordando uma pergunta (implícita) do tipo “de que palestras mais de dois alunos reclamaram?” Com isso, o sintagma quantificador objeto aparece focalizado na resposta, o que parece ser o motivo pelo qual a interpretação de escopo invertido se tornou saliente. A este tipo de foco denominamos foco sobreinformativos. Nossa proposta é de que, apesar do Português Brasileiro ser uma língua voltada para o discurso, conforme afirma Negrão (1999), e, em contextos neutros, priorizar interpretações das sentenças a partir da estrutura fornecida pela sintaxe aberta, em contextos marcados por foco, em especial foco sobreinformativo, poderá haver inversão de escopo (cf. Erterchik-Shir (2007); Büring (1995)). Após análise de sentenças do PB que apresentam dois sintagmas quantificados em contextos de foco sobreinformativo, concluímos que o português brasileiro pode apresentar inversão de escopo. Um exemplo é contextos em que haja uma marcação de foco sobreinformativo. No entanto, não são todos os sintagmas quantificados que permitem inversão de escopo. Sintagmas quantificados indefinidos (alguns) tanto na posição de sujeito como de objeto não aceitam inversão de escopo nem mesmo em contextos marcados por foco. Na posição de sujeito, observamos que a estrutura sintática da sentença não permite tal inversão. Na posição de objeto, no entanto, indefinidos como alguns não permite inversão por restrições pragmáticas. Já sintagmas quantificados universais (todo), cardinais (dois), cardinais modificados (mais de dois) podem ou não apresentar leitura de escopo invertido em contextos marcados por foco. Isto dependerá de sua posição sintática e da interação que estabelece com outro tipo de quantificador.

Palavras-chave: Foco; Quantificadores; Inversão de Escopo; Pragmática.

## **Concordância Nominal: Um contraste dentro da cidade de São Paulo**

Fernando Gomes da Silva (Mestrado)  
Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes  
Área: Sociolinguística Variacionista  
([fernandog@yahoo.com.br](mailto:fernandog@yahoo.com.br))

Este trabalho objetiva verificar, de acordo com as premissas teóricas metodológicas da Sociolinguística Variacionista (Labov 2006), como se dá a concordância nominal, na fala de paulistanos (nascidos e criados na cidade de São Paulo) e na fala de Alagoanos que se estabeleceram na cidade de São Paulo. A proposta é verificar a variação na concordância em sintagmas nominais de duas ou mais posições (p.ex. “as pessoa” e “as casas novas”), mas também em estruturas predicativas (p.ex. “esses filhos e esse marido foram ruim para ela”, “todos eles foram mandado embora” e “ai vamos fica noivo”). Dessa forma, o objetivo principal dessa pesquisa é verificar quais são os fatores linguísticos e sociais que concorrem para a realização ou não da concordância nominal. Para isso, serão utilizadas 24 entrevistas sociolinguísticas com paulistanos nativos, integrantes do corpus já gravado e transcrito pelo GESOL (Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística do DL). Além dessas, serão gravadas outras 24 entrevistas sociolinguísticas com alagoanos que vivam na cidade de São Paulo, seguindo as orientações do projeto “SP2010 - Construção de uma mostra da fala paulistana”. Essas duas subamostras são definidas com base em três variáveis sociais: Sexo / Gênero (masculino e feminino), três faixas etárias (20 a 34, 35 a 59 e 60 anos ou mais) e dois níveis de escolaridade (até Ensino Médio e Ensino Superior). A proposta é que 12 dos informantes alagoanos tenham se estabelecido na cidade até no máximo três anos atrás e que a outra metade esteja na cidade há dez anos ou mais. As análises quantitativas serão realizadas com o auxílio do GoldVarb X. De acordo com trabalhos sobre tal variável já realizados, a variação na concordância de número é presente em toda a comunidade brasileira, verificando-se diferenças relativas a frequências, mas não necessariamente em relação aos contextos linguísticos que favorecem a variante não-realização da concordância (Scherre, 1996). Um dos interesses de se estudar esse fenômeno na cidade de São Paulo, em duas subcomunidades é justamente verificar em que contextos é favorecida a não-concordância, bem como começar a analisar heterogeneidades interna à comunidade de fala paulistana.

Palavras-chave: Concordância Nominal; Variação; Fala Paulistana.

## Memória toponímica do sul de Minas na estrada real

Francisco de Assis Carvalho  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Vicentina de Paula do Amaral  
Área: Linguística Histórica  
([francarvalho@usp.br](mailto:francarvalho@usp.br))

A Toponímia é o estudo dos nomes dados ao espaço habitado pelo ser humano. A palavra é derivada dos termos gregos τόπος (tópos), lugar, e ὄνομα (ónoma), nome, literalmente, o nome de um lugar. Dorion (2003) salienta que a toponímia, assim como as outras ciências humanas, se inscreve em uma dupla dimensão: a do espaço, chamada também de “função toponímica” e a do tempo, que pode ser compreendida como “a memória toponímica”. Assim, a toponímia tem uma relação especial com a geografia, já que os nomes de lugar constituem o vocabulário próprio desta ciência, e com a história, tendo em vista que os topônimos constituem o testemunho através do tempo da relação entre o homem e o espaço. A região espacial que atualmente abrange o Sul de Minas Gerais remonta à descoberta das jazidas de ouro e ao ciclo das bandeiras. Os historiadores afirmam que esta região começou a ser mais densamente povoada após a década de 1740, a oeste do rio Sapucaí. Sabemos, no entanto, que a jurisdição primitiva da região pertencia a São João del-Rey, vila fundada em 1718 que abrangia todos os municípios, paróquias, distritos e vilas do centro-sul mineiro. De tal forma que, podemos afirmar que um dos principais pontos de formação do território mineiro começou no Sul de Minas, nas nascentes do Ribeirão Passa Quatro, no rumo da Garganta do Embaú. Foi nesta rota que os desbravadores do sertão mineiro adentraram as minas gerais pela serra da Mantiqueira até chegar aos campos do rio Grande para encontrar o ambicionado metal. Os caminhos entre os portos fluminenses da Corte e as “minas gerais”, no decorrer do tempo, passaram a ser autorizados pela Coroa e tornaram-se “oficiais”. Caminhos únicos e obrigatórios que controlavam quem ia e vinha. Passaram a ser chamados de “estradas do rei” e em decorrência de “estradas reais”. Assim, pelos caminhos da Estrada Real foi surgindo uma rede urbana. Essa passou a desenvolver-se pelo comércio alimentício e pelos efeitos do povoamento. O objetivo de nossa pesquisa visa, primordialmente, investigar a motivação toponímica que influenciou a denominação dos lugares, considerando-se os aspectos linguísticos e culturais preservados pela toponímia das cidades e distritos do Sul de Minas que pertencem a rota da Estrada Real, observando o processo de formação e a estrutura morfossintático e semântico-lexical, de acordo com Dick (1992). Desejamos coletar dados históricos e socioculturais que fundamentem a origem e a motivação dos nomes designativos dos lugares, fazendo a classificação dos topônimos segundo as taxonomias propostas pela metodologia da autora citada (1990). Por último, buscamos apresentar referências toponímicas na literatura produzida pelos Viajantes Estrangeiros dos séculos XVIII e XIX que passaram por estes caminhos, analisando os registros cartográficos do ponto de vista histórico-linguístico e geográfico com base na metodologia da linha do Atlas Toponímico Brasileiro (ATB), concebida por Dick (1994).

Palavras-chave: Toponímia; Sul de Viajantes Naturalistas; Memória.



## Prefixos do português brasileiro: uma análise sob o olhar da fonologia prosódica

Graziela Pigatto Bohn Casagrande (Doutorado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raquel Santana Santos  
Área: Linguística Aplicada  
([grazie.b@usp.br](mailto:grazie.b@usp.br))

Valendo-se da interface entre fonologia e morfologia, este estudo tem como objetivo analisar o comportamento prosódico de alguns prefixos do Português Brasileiro. Para tanto, faremos uso do modelo fonológico “Fonologia Prosódica” de Nespor & Vogel (1986) e embasaremos nossa pesquisa no trabalho de Schwindt (2000). Nosso principal fim será levantar questões acerca do *status* prosódico dos afixos contra-, ultra-, extra-, ante- e sub- a partir de um re-estudo de algumas conclusões obtidas por Schwindt (2000). Devido ao fato de estarmos analisando o comportamento prosódico dos prefixos supramencionados, será necessário que duas hierarquias prosódicas sejam exaustivamente abordadas: a palavra prosódica e o grupo clítico. Se o afixo em estudo não possui estrutura prosódica suficiente para sozinho fazer parte de um enunciado, deverá agregar-se a um elemento prosódico adjacente, neste caso uma palavra prosódica. No entanto, em algumas línguas, afixos comportam-se de maneira desassociada da palavra prosódica e constituem, por eles mesmos, elemento independente da frase fonológica. Decidimos, portanto, verificar se alguns prefixos do Português Brasileiro comportam-se como palavra prosódica ou grupo clítico. Para tanto, partimos de um estudo morfofonológico realizado por Schwindt (2000) no qual o autor categoriza prosodicamente os prefixos no PB. Sua pesquisa limita-se a vocábulos cuja prefixação seja sincronicamente identificável e é norteada em caracterizar o comportamento dos prefixos no PB e as semelhanças e diferenças deles com compostos e clíticos. Primeiramente, Schwindt divide os prefixos em composicionais e legítimos. Prefixos Composicionais (PCs) possuem estrutura de vocábulos fonologicamente independentes (PW) e comportam-se como compostos autênticos. Prefixos legítimos (PLs) são sílabas átonas ( $\sigma$ ) adjuntas à base que se ligam e comportam-se como clíticos. Para sustentar sua hipótese o autor faz uso da diferença entre formas livres e formas presas. Dessa forma, PCs podem receber acento e se estabelecer como forma livre. PLs não recebem acento e são formas presas. A fim de determinar se o prefixo é composicional ou legítimo, o autor seleciona 5 processos fonológicos que tem como domínio de aplicação a PW e os categoriza em dois grupos: I e II. PCs estão sujeitos às regras do grupo I que constituem processos que ocorrem entre PWs. São elas: neutralização da átona final e elisão. PLs estão sujeitos às regras do grupo II que ocorrem no interior da palavra: neutralização da pretônica, harmonia vocálica e assimilação nasal. Em uma breve análise de dados acerca do comportamento prosódico desses prefixos do PB, podemos afirmar, a priori, que o mesmo prefixo parece comportar-se ora como PC ora como PL. Esta instabilidade, ao contrário do que mostra Schwindt, nos impede de definir com exatidão seu *status* na hierarquia prosódica do PB.

Palavras-chave: Fonologia Prosódica; Prefixo; Palavra Prosódica; Grupo Clítico.

## O mesmo e o diverso na construção do sentido de um discurso quilombola

Ilica Suzana Lopes Vilela (Mestrado)  
Orientador: Prof. Dr. Ivã Carlos Lopes  
Área: Semiótica  
([ilcasuz@yahoo.com.br](mailto:ilcasuz@yahoo.com.br))

Este trabalho visa apresentar uma análise parcial do corpus constitutivo da pesquisa em andamento no curso de mestrado: dez bonecas produzidas artesanalmente na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas. Para esta apresentação, escolheu-se, aleatoriamente, apenas três bonecas, de modo a descrever os aspectos invariantes e específicos da nova totalidade constituída. Importa destacar que as bonecas são um texto sincrético composto por elementos linguísticos, visuais e táteis, que, para fins descritivos, serão abordadas enquanto um texto-objeto sincrético. Para isso, buscaremos apoio no quadro teórico-metodológico da semiótica de linha francesa. Essa semiótica tem como fundador o lituano Algirdas Julien Greimas e compreende a linguagem como um sistema de significações apreensível por meio da análise do seu objeto precípua, o texto, interessando à descrição tanto o que se diz quanto o modo como é dito, e, em sua lógica geral subjacente a todos os textos, apresenta-se como um percurso gerativo do sentido, que se funda na narratividade, na ação do homem sobre o mundo em busca de valores; em seguida, nos desdobramentos da teoria, esta incidirá menos sobre a ação e passará à manipulação, para depois, estudar as modalizações do ser e do sujeito epistêmico. Entretanto, a perspectiva cognitiva da teoria só cederá espaço ao sensível com o estudo das paixões, dimensão esta que vem alcançando diferentes rendimentos teóricos nas contribuições realizadas por vários dos continuadores da Escola greimasiana. Depois de apresentar um quadro-sumário de algumas características invariantes observadas nas diferentes totalidades recortadas, seguir-se-á para o exame de algumas especificidades das bonecas, de modo a articular os dados desenvolvidos com vistas a explicitar a construção do sentido desvelada pela observação do corpus selecionado. No que tange às características invariáveis, as bonecas simbolizam a luta e resistência do quilombo de Conceição das Crioulas, por meio da simulação de mulheres historicamente representativas; é feita de fibra de caroá, bromélia nativa; é colocada dentro de uma espécie de invólucro, um folder de material reciclado, que traz um mesmo texto para a apresentação de todas as bonecas, o qual se estrutura de maneira descritiva e metafórico-metonímica; além disso, concilia efeitos de sentido de objetividade e subjetividade; quanto aos aspectos plásticos, destacamos as seguintes invariantes: cromaticamente temos o monocromático vs policromático e o predomínio das cores quentes; eideticamente temos rotundidade vs emaciamento; forma retangular vs não-retangular; trançado vs não-trançado; topologicamente; englobante vs englobado; acima vs abaixo; quanto à textura, liso vs áspero, etc. No tratamento das especificidades, analisamos cada uma das três bonecas sob um tema pertinente, a saber, tridimensionalidade; sobriedade e tradição oral. Por fim, a partir da articulação dos dados observados, construiu-se a hipótese do ethos negociador como um estilo do sujeito quilombola.

Palavras-chave: Bonecas de Conceição das Crioulas; Discurso Político; Semiótica.

## Interação entre valência verbal e núcleos funcionais de aspecto

Ivan Rocha da Silva (Doutorado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana Storto  
Área: Línguas Indígenas  
([rocha.i@usp.br](mailto:rocha.i@usp.br))

Esta pesquisa visa continuar a descrição e análise teórica das estruturas argumentais da língua Karitiana (Família Arikem, grupo Tupi, Rondônia-Brasil, aproximadamente 400 falantes) iniciada na pesquisa de mestrado (ver Rocha 2011). O trabalho tem como meta estudar as estruturas argumentais em orações subordinadas relativas, complementivas e adverbiais. As orações subordinadas adverbiais são estruturas que se subordinam a um verbo principal sem funcionar como um argumento deste verbo, mas modificando-o adverbialmente, como um adjunto. As subordinadas complementivas são estruturas onde uma oração subordinada é complemento do verbo da oração principal. Orações relativas em Karitiana são de núcleo interno, enquanto em português e inglês uma relativa tem núcleo externo. Assim, o sintagma relativizado (sujeito, objeto direto ou indireto) sempre aparece como o primeiro elemento da relativização, evidenciando movimento do elemento relativizado dentro da subordinada. Pretende-se observar a interação entre valência verbal e núcleos funcionais de aspecto nos diferentes tipos de subordinadas. A metodologia utilizada, além de dados naturais retirados de textos (um rito, um mito, um relato histórico e uma narrativa (ver Malloso 2003)), é a elicitación de dados com os colaboradores (falantes) nativos. Os fatos observados na descrição serão analisados à luz de teorias formalistas de estrutura argumental, tais como a teoria de estrutura argumental de Hale e Keyser (2002) e a proposta teórica de núcleos Aplicativos de Pylkkänen (2008). Conforme Storto (a sair), Karitiana é uma língua de núcleo-final na qual complementos são selecionados à esquerda pelos seus núcleos. Assim, núcleos aspectuais, quando aparecem, ocupam invariavelmente a posição final da oração. Os subordinadores que aparecem nestas sentenças têm semântica aspectual. O subordinador *tykiri* se refere a um evento terminado (perfectivo). No caso de um evento em andamento, usa-se o subordinador *tyki'oot*. O subordinador *kiit* caracteriza um evento pontual (coincidência temporal), *takiit* marca anterioridade, enquanto *byyk* marca posterioridade (perfectivo subsequente). O progressivo pode coocorrer com um marcador de aspecto *pasangng* em predicados estativos. Em termos de projeção, estes núcleos tomam um VP como complemento à esquerda. Conforme os dados descritos, núcleos funcionais de aspecto ocorrem frequentemente em orações subordinadas adverbiais e tais núcleos podem ou não ocorrer nas subordinadas completivas, mas não há nenhum dado de orações subordinadas relativas no corpus com esses núcleos funcionais. Alguns dos núcleos aspectuais que ocorrem em subordinadas também ocorrem em sentenças principais. Os testes a serem aplicados procurarão determinar quais sentenças subordinadas podem ocorrer com quais núcleos aspectuais, ampliando a descrição sobre estes núcleos na língua.

Palavras-chave: Estrutura Argumental; Orações Subordinadas; Aspecto; Karitiana.

## Formação das causativas sintéticas no português brasileiro

Janayna Maria da Rocha Carvalho (Doutorado)

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Paula Scher

Área: Morfossintaxe

([janaynacarvalho@gmail.com](mailto:janaynacarvalho@gmail.com))

Estudamos, neste trabalho, a presença de verbos intransitivos ou transitivos não-causativos em sentenças com leitura causativa, como (1) O homem sangrou o porco e (2) A Aline repetiu o aluno. (1) e (2) são construções causativas sintéticas (CSs) (BITTENCOURT, 2001), que diferem de causativas mono-oracionais (CM) como (3) O aluno destruiu a casa. Silva (2009) analisa as CSs como aplicação da operação conflation (Hale e Keyser, 2002), em que os verbos “sangrar” e “repetir”, por exemplo, seriam alçados para v0. Contudo, os verbos em (1) e (2) não possuem características de verbos leves e as CSs têm uma estrutura de período composto que as aproxima de causativas perifrásticas (CPs). Uma evidência para essa hipótese é o fato de (1) e (2) não formarem passivas como as CMs formam (\*O porco foi sangrado pelo homem; \*O aluno foi repetido pela Aline). Além disso, em (1) e (2) o verbo é de atividade, incompatível, portanto, com CMs, que têm verbos com ponto de culminação, como em (3), em que “destruir” é um accomplishment. As CPs, por outro lado, podem ter verbos de atividade, accomplishments e achievements em sua estrutura, como se evidencia nestes períodos, correspondentes às CSs em (1) e (2): “O homem fez o porco sangrar” e “A Aline fez o aluno repetir”. Tendo em vista as evidências acima, discordamos da hipótese de Silva (2009) para a formação de CSs e postulamos que essas estruturas resultam da não realização fonética da posição v0 em estruturas de CPs. Ou seja, os verbos “sangrar” e “repetir” não sobem para v0, mas alguns dos traços de verbo leve que compõem o feixe de traços desse nó terminal são apagados. Analisar as CSs desse modo evidencia a correspondência dessas estruturas com as CPs. A Morfologia Distribuída (MD), um dos desenvolvimentos atuais da Gramática Gerativa, possibilita a relação aqui estabelecida entre CSs e CPs, pois concebe palavras e sentenças como formadas, pelas mesmas operações sintáticas, a partir de traços abstratos, os quais podem ou não sofrer reajustes no módulo morfológico após a derivação sintática. Em seguida, o produto da derivação recebe peças fonológicas de acordo com as características de seus traços. Dessa forma, as sentenças “A Aline repetiu o aluno” e “O homem sangrou o porco” e suas CPs correspondentes teriam a mesma manipulação de traços abstratos, isto é, a mesma formação sintática, e a diferenciação se daria no componente morfológico devido ao apagamento de traços abstratos do morfema em v0, sem mudança de significação (empobrecimento). Assim, as CSs resultam do apagamento de alguns traços de v0, o que torna impossível a inserção do verbo leve “fazer” nesse núcleo empobrecido. Por fim, o traço de tempo do nó terminal empobrecido se agregaria ao outro verbo da estrutura. Essa análise evidencia que as alternâncias entre formas analíticas e sintéticas, em geral analisadas como bloqueios (cf. Embick e Marantz, 2008), podem ter outras explicações, como empobrecimento de morfemas após a derivação sintática.

Palavras-chave: Causativas; Morfologia Distribuída; Empobrecimento.

## A estrutura argumental da língua Dâw – Considerações iniciais

Jéssica Clementino da Costa (Mestrado)

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana Raccanello Storto

Área: Línguas Indígenas e Sintaxe

([iesclementinojes@gmail.com](mailto:iesclementinojes@gmail.com))

Na pesquisa de mestrado intitulada “A Estrutura Argumental da Língua Dâw”, investigamos as classes verbais e os processos de mudança de valência verbal na língua Dâw, família Nadahup (Makú). Os dados da língua estão sendo coletados e estudados a partir da gramática “Fonologia e Gramática Dâw”, desenvolvida por Martins (2004), que aborda a fonologia, morfologia e sintaxe da língua Dâw. Nessa gramática, a autora afirma que há três tipos de verbos na língua: verbos ativos (intransitivos, transitivos e bitransitivos), verbos de processo e verbos estativos (equativos: subdivididos em identificacionais e existenciais; e descritivos: subdivididos em atributivos, qualificativos e posicionais). Haveria, ainda, duas outras subclasses apresentadas pela autora como verbos de movimento e verbos de posição, todavia, esses verbos são classificados, em algumas passagens na gramática, como pertencentes a outras classes de verbos. Tendo em vista o paradigma dos verbos supracitado, pretendemos reavaliar essas classes verbais trazendo como arcabouço teórico a teoria de estrutura argumental desenvolvida por Hale & Keyser (2002). Do mesmo modo, buscamos esclarecer alguns fenômenos importantes da língua, no que se referem às classes verbais, a saber: a alternância causativo-incoativa – teste de alternância estrutural que identifica se a língua possui subclasses de intransitivos como inergativos e inacusativos; o processo de intransitivização – processo de formação de verbos intransitivos a partir de transitivos; causativização analítica – processo de transitivização que se dá por meio de um auxiliar. Os dados referentes às classes verbais e aos processos de mudança de valência na língua Dâw estão sendo coletados diretamente da tese de Martins (2004). Até o momento, coletamos 616 verbos na gramática Dâw, assim como seus respectivos contextos sentenciais. Concluída a coleta dos verbos na tese de Martins (2004), as classes verbais serão confrontadas com outras possibilidades de análise tendo em vista a metodologia empregada de acordo com o paradigma teórico adotado na pesquisa (Hale & Keyser, 2002). Os próximos passos são: elaboração e aplicação de testes linguísticos com falantes nativos. Esses testes elicitarão pelo menos três paradigmas verbais completos para cada classe verbal encontrada por Martins (2004) em contextos de sentenças ativas, passivas, transitivas e intransitivas. Por meio desses testes avaliaremos a gramaticalidade da transitividade e intransitividade de cada verbo em Dâw, o que nos proporcionará dados sistemáticos sobre fenômenos linguísticos que estão por trás da formação dos verbos e dos processos de mudança de valência da língua estudada. O estudo contribuirá para a linguística descritivo-teórica sobre o tema, mas também, no futuro, para a linguística tipológica e comparativa, ao esclarecer se os padrões encontrados em Dâw são os descritos na literatura tipológica e histórica disponível. Mais especificamente, poderemos comparar os verbos em Dâw com os de outras línguas aglutinantes ou polissintéticas da família Nadahup e inseri-los em uma perspectiva comparativa mais global. Poderemos, também, no futuro, através da aplicação do método histórico-comparativo a estes dados, obter informações sobre a dispersão geográfica e contatos intertribais dos povos desta família linguística entre si e de outras famílias vizinhas. Estes resultados poderão ser usados por outras disciplinas, tais como a antropologia e a arqueologia.

Palavras-chave: Língua Dâw; Classes Verbais; Estrutura Argumental; Transitivização; Intransitivização.



## O caráter simbólico-gestual dos verbos depictivos: estudo da estrutura interna de sinais híbridos em libras

---

João Paulo da Silva (Mestrado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Evani de Carvalho Viotti  
Área: Descrição de Língua de Sinais  
([jplettras@gmail.com](mailto:jplettras@gmail.com))

O objetivo deste trabalho é apresentar uma descrição inicial de alguns verbos depictivos na língua de sinais brasileira (libras). Segundo Liddell (2003), os verbos depictivos são sinais que possuem uma exigência semântica para a representação imagética de certos aspectos de seus significados. Eles distinguem-se de verbos e nomes icônicos, segundo Dudis (2007), por serem capazes de representar entidades, cenário e ações de um evento, de maneira dinâmica e visual. Uma vez instanciados, verbos depictivos normalmente evocam um espaço depictivo, conceitualmente integrado, que, segundo a teoria de integrações conceituais (Fauconnier & Turner 2002), é resultado da projeção de elementos provenientes de dois espaços mentais distintos: o espaço real (conceitualização do ambiente imediato da enunciação) e o espaço do evento (conceitualização da história contada). O espaço depictivo é usado para representar as entidades em tamanho reduzido, expressando localização, movimento ou formato e extensão de superfícies. Sendo um espaço de dimensões reduzidas, o corpo do sinalizador não faz parte dessa integração, mas somente uma porção pequena do espaço de sinalização em frente ao corpo. Compressão de cenário e partição do corpo são conceitos importantes para explicar as características desse espaço (Dudis 2004). Algumas instâncias de sinalização envolvendo o espaço depictivo também incluem a criação simultânea de um espaço sub-rogado, que é um espaço usado para representar entidades em tamanho 'real', segundo a escala humana, e as ações dessas entidades. Esse espaço envolve o corpo do sinalizador (ou, ao menos, parte dele) e o espaço que o circunda. O desafio para a análise dos verbos depictivos está no fato de que eles são formados por uma parte simbólica (discreta e segmentável) e outra gestual (analogica e gradiente). O sinal PESSOA-CORPO-ERETO-ESTAR-EM ilustra esta dualidade: esse sinal tem, como características discretas e segmentáveis, ser realizado com uma das mãos, com o dedo indicador distendido apontando para cima, e os demais dedos fechados, codificando a entidade e representando, prototipicamente, um ser humano em pé, com o corpo em posição ereta. Outro traço segmentável e discreto que ele apresenta é o movimento curto para baixo, que marca a estatividade desse verbo. Os traços analógicos e gradientes desse verbo são a orientação da palma, que representa a direção para onde o corpo da entidade está direcionado, e a localização que ela assume no espaço de sinalização, que representa, analogicamente, a sua localização no espaço do evento. Seguindo as propostas de Liddell (2003) e Dudis (2004, 2007) para o tratamento desses itens lexicais na língua de sinais americana (ASL), vou inicialmente explicitar a diferença que existe entre verbos depictivos, sinais icônicos e sinais localizados em libras, para, em seguida, discutir aspectos da estrutura interna de alguns verbos depictivos. Para isso, vou me valer de narrativas contadas por um surdo adulto fluente em libras, transcritas segundo o modelo de transcrição proposto em McCleary, Viotti & Leite (2010) no software ELAN, desenvolvido pelo Instituto Max Planck de Psicolinguística. A análise dos dados descritos deverá possibilitar, ao fim da pesquisa, um entendimento da natureza desses itens lexicais e de seu processo de formação.

Palavras-chave: Língua Brasileira de Sinais; Verbos Depictivos; Iconicidade; Integração Conceitual.

## Sobre o Pseudo-Sincretismo de Voz

---

João Paulo Lazzarini Cyrino (Doutorado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Paula Scher  
Área: Morfologia  
([jpcyrino@gmail.com](mailto:jpcyrino@gmail.com))

Na análise do sincretismo passivo-reflexivo – a ocorrência, em diversas línguas, de uma mesma marca morfológica em construções reflexivas, passivas, inacusativas, entre outras relacionadas – destaca-se a proposta de Embick (1998, 2004), que considera-o como um fenômeno de voz. Tal análise, baseada no modelo da Morfologia Distribuída, sugere que a marca sincrética em inacusativas, reflexivas e passivas de diversas línguas seja um expoente do nó *v* que ocorra devido a ausência de um DP pleno (referencial/não-anafórico) no argumento externo dessas construções. No presente trabalho, apresento os dados de línguas como o georgiano e o kannada, como desafiadores dessa abordagem. Nessas línguas a mesma marca morfológica (-i- no georgiano e -koND- no kannada) que ocorre em inacusativos e reflexivos, como se observa em (1-2) abaixo, também ocorre num tipo de construção em que o argumento externo do verbo é um DP pleno, como se vê em (3):

- (1) Inacusativos
  - a. karida-i-gha. (georgiano)  
Portapret-inac-abrir.  
“A porta abriu.”
  - b. baagilu muchi-koND-itu. (kannada)  
portafechar-inac-pret.  
“A porta fechou”.
  
- (2) Reflexivos
  - a. Mariamam tavi da-i-xat'a. (georgiano)  
Mariaanf. pret-reflx-desenhar.  
“A Maria se desenhou.”
  - b. Hari tannannu hogaLi-koND-a. (kannada)  
Hariananf.elogiar-reflx-pret.  
“O Hari se elogiou.”
  
- (3) Sujeito Agente/Beneficiário / Construção de Posse
  - a. Mariamam da-i-gha k'ari. (georgiano)  
Mariapret-poss-abrir porta.  
“A Maria abriu a sua porta/a porta para si.”
  - b. Raaju angyiannu haridu-koND-a. (kannada)  
Raaju camisetaarasgar-poss-pret.  
“O Raaju rasgou a sua camiseta/a camiseta para si.”

Análises anteriores dessas línguas (Nash, 2002 e Lidz, 2004), embora não fornecendo uma análise uniforme abrangente de seu sincretismo, postularam que os morfemas -i- e -koND deveriam ser analisados como expoentes da categoria sintática *v*. No entanto, como mostro no presente trabalho, nessas línguas, a análise de Embick falha justamente porque, sob um olhar mais detalhado, vê-se que os morfemas -i- e -koND- não podem ser analisados como expoentes de *v*. Há outros morfemas na língua, ignorados na literatura até então, que parecem estar mais relacionados à *v* – como a concordância e os temas do georgiano e os sufixos causativizadores das línguas dravídicas. Tendo isso em conta,

com base nos princípios de sub especificação e de inserção tardia da Morfologia Distribuída, proponho que os morfemas -i- e -koND- sejam expoentes de um traço [κ] (kappa), inserido pós derivação sintática em todo sujeito que apresente coindexação com argumentos internos do verbo. Essa coindexação verifica-se no caso de reflexivos (objeto coindexado com sujeito agente), inacusativos (sujeito coindexado com argumento interno, por movimento) e nas construções de posse/sujeito agente-beneficiário (coindexação com argumentos internos possessivos).

Palavras-chave: Reflexividade; Sincretismo; Morfossintaxe.



## Periferia esquerda: um experimento perceptual sobre a prosódia de sentenças com tópico e foco no PB

---

João Vinicius de Almeida Braga (Doutorado)  
Orientador: Prof. Dr. Marcello Modesto  
Área: Sintaxe  
([joaum.vinicius@gmail.com](mailto:joaum.vinicius@gmail.com))

Este trabalho se situa na interface entre a sintaxe gerativa e a fonologia prosódica das sentenças com constituintes topicalizados e focalizados em Português Brasileiro (doravante PB) como as sentenças em (1), abaixo:

- 1) a. O livro, o Pedro comprou.  
b. O Pedro, geralmente, compra livro.  
c. Não, o Pedro comprou o livro.

Em (1a) temos o foco informacional sobre o objeto. Já em (1b) vemos o foco familiar sobre o sujeito e em (1c) o foco contrastivo. Nossa hipótese é de que as informações codificadas na estrutura sintática, segundo o programa minimalista (CHOMSKY 1995 e trabalhos posteriores), seguem alinhadas para PF e o componente fonológico como parte da informação suprasegmental. Nos apoiaremos deste modo na fonologia prosódica proposta por Nespor & Vogel (1986), e nos trabalhos de Tenani (2002) que caracteriza a entoação “neutra” em PB e Fernandes (2007) que apontam diversas características da focalização de sujeito em PB e PE (português europeu), inclusive com a descrição da entoação dessas estruturas. Para a sintaxe destas estruturas Rizzi (1997) será a referência norteadora, assim assumiremos que as sentenças possuem uma periferia esquerda mais articulada e capaz de abrigar diferentes constituintes com diferentes propriedades informacionais. Nosso trabalho também conta com o estudo de Frascarelli & Hinterhölzl (2007) que faz a caracterização prosódica das sentenças com tópicos familiares e contrastivos e focos informacionais em italiano e alemão. Deste modo nos propusemos a verificar as condições do PB em relação a estas construções e apresentaremos estes resultados durante o evento. Dada a caracterização destas sentenças em PB, com corpus montado a partir de entrevistas disponíveis on-line, realizamos um experimento perceptual que através da eliminação das frequências mais altas retirou a informação segmental para obter a correlação entre prosódia e informação sintática. Este experimento requer que o informante relacione sentenças com padrões entoacionais. As sentenças no cartão-resposta não contêm informações sobre a estrutura sintática, variando apenas na ordem de constituintes e com a indicação de em que sílaba o acento tonal recai. O sucesso do experimento depende crucialmente de que os arquivos de áudio das sentenças alvo tratados não consigam apresentar nenhum segmento que evidencie ao informante sua correspondência no cartão resposta. Por outro lado parece ser importante deixar o informante ter uma amostra da voz ao qual a entoação alvo pertence. Isso será confirmado com um grupo controle em que a amostra não é apresentada antes das sentenças alvo.

Palavras-chave: Sintaxe; Prosódia; Foco; Tópico; PB.

## Discurso, Mídia e desenvolvimento sustentável

Julia Lourenço Costa (Mestrado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Norma Discini  
Área: Semiótica  
([juliajlc@gmail.com](mailto:juliajlc@gmail.com))

Desde seu surgimento em 1987 no relatório Brundtland, elaborado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a conjunção entre o desenvolvimento econômico e a preservação ambiental se inseriu no cenário mundial por intermédio do sintagma desenvolvimento sustentável, o qual se configurou como ponto de convergência de ideais e pressuposições, tornando-se ponto de passagem obrigatório na construção discursiva do mundo contemporâneo. Após esse relatório, que definia o desenvolvimento sustentável como “o desenvolvimento que procura satisfazer as necessidades da geração actual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades”, novos eventos foram organizados acerca da questão ambiental e econômica, tais como a Eco-92, a Rio+10, a Rio+20, entre outros. Este fato demonstra o aumento da circulação do sintagma que pretendemos estudar como um acontecimento discursivo que fez emergir tal temática e aumentar o debate em torno do que é e a que vem o dito desenvolvimento sustentável. Elegemos como espaço de observação desse acontecimento discursivo a revista *Veja*, que se justifica não só pelo fato de este veículo ter dado nas suas mais diversas seções ampla cobertura às conferências relacionadas à temática, mas também por tal revista ser uma das que mais circulam em nossa sociedade (desde 1995 circulam mais de um milhão de exemplares por semana, segundo dados da Edição 1569: p.146, da própria revista), o que contribui para que a construção discursiva que ela faz de certas temáticas seja difundida de forma mais abrangente. Para atingir os objetivos deste trabalho, consideraremos a Semiótica de base greimasiana, procurando apreender a construção significativa de *Veja*, compreendendo a manifestação textual como, “a postulação do plano da expressão no momento da produção do enunciado e, inversamente, a atribuição do plano do conteúdo no momento de sua leitura” (Courtés & Greimas, 2008: p. 230). Em se tratando de Análise do Discurso, nos apoiaremos em Maingueneau (2006 e 2010) com o objetivo de descrever como esses sintagmas são destacados de seus contextos originais de produção e postos em circulação pela mídia, enquanto são submetidos ao regime discursivo da aforização. Esta extração pode levar ao funcionamento enunciativo de um sintagma enquanto uma fórmula, no entendimento de Krieg-Planque (2010); encaminharemos algumas reflexões também nesta direção. O presente trabalho procurará num movimento interdisciplinar, cotejar a conexão entre a Análise do Discurso de linha francesa e a Semiótica de base greimasiana, no que diz respeito a princípios teóricos e metodológicos que sustentam a investigação e a descrição dos mecanismos de construção do sentido, ora examinados na totalidade midiática referida.

Palavras-chave: Semiótica; Análise do Discurso; Desenvolvimento Sustentável; Fórmula.

## O significado do significante gráfico no texto poético

Juliana Di Fiori Pondian (Doutorado)  
Orientador: Prof. Dr. Ivã Carlos Lopes  
Área: Semiótica  
([julianapondian@gmail.com](mailto:julianapondian@gmail.com))

Reconhecendo que o discurso poético articula ao mesmo tempo um plano de conteúdo e um plano de expressão; e que este plano da expressão desdobra-se em outros dois: um plano fônico, que diz respeito ao significante sonoro, de um lado, e um plano gráfico, que diz respeito ao significante visual, de outro, o trabalho ora proposto estudará o significante visual do plano da expressão do texto poético. Entendemos como “significante visual” o texto tal como se apresenta na página, tudo o que pode ser visto antes mesmo de ser lido: utilizar uma fonte em vez de outra, cores, espaçamentos, distribuir o texto de tal ou tal forma na página, abrir parágrafos, espaçar as linhas, etc. Entram em jogo todos os recursos visuais utilizados pelos poetas para criar efeitos de sentido vários na história da poesia. O objetivo é, uma vez admitido que o significante gráfico cria sentido, inseri-lo no quadro teórico dos estudos linguísticos e discursivos, e buscar métodos recorrentes de exploração da visualidade empregados em poesia, a fim de enumerar alguns procedimentos que possam ser reconhecidos ao fim como “figuras de linguagem”. Ou seja: conhecendo já as figuras de pensamento (referentes ao plano do conteúdo) e as figuras de palavra (referentes ao plano da expressão sonora), encontrar quais seriam - se elas existem - as figuras do plano da expressão gráfico. Analisaremos então alguns textos emblemáticos que buscaram colocar em evidência o plano da expressão visual do poema. Um deles é o “Lance de dados” de Mallarmé, poeta francês do final do século XIX e considerado o primeiro a fazer sistematicamente experimentações com a linguagem. O “Lance de dados” costuma ser considerado um marco em relação à utilização funcional de recursos tipográficos e à exploração do branco da página, além de ser o embrião das experiências modernas posteriores. Em seguida, Apollinaire, do lado do Cubismo, e Marinetti, do lado do Futurismo, são dois autores de elevada importância na formalização visual da poesia. Partiremos desses textos a fim de sistematizar os procedimentos utilizados pelos poetas segundo critérios: (i) tipológicos: quando o poeta lança mão de recursos tipográficos; (ii) cromáticos: poemas que fazem uso de cores; (iii) eidéticos: poemas que arranjam as palavras de modo a compor formas reconhecíveis, objetos, e que normalmente estabelecem com o texto verbal uma relação icônica ou, pelo menos, simbólica, como os caligramas; e (iv) topológicos: que diz respeito à organização espacial do poema na página – espaçamentos, fragmentação de palavras, etc.

Palavras-chave: Tropos; Visualidade; Poesia.

## Nomes compostos e predicados complexos em inglês e PB: uma análise unificadora

---

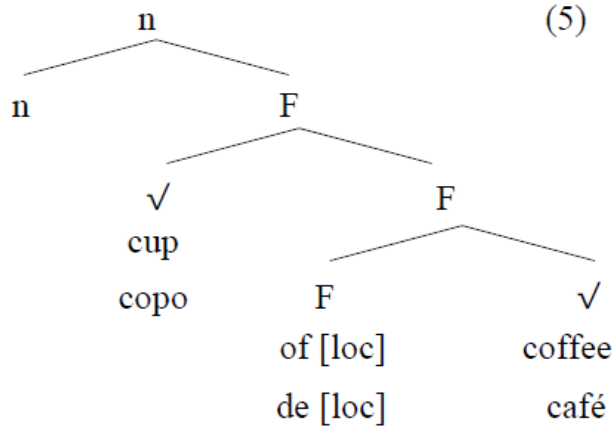
Julio William Curvelo Barbosa (Doutorado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Esmeralda Vailati Negrão  
Área: Sintaxe  
([jbarbosa@usp.br](mailto:jbarbosa@usp.br))

De acordo com o Parâmetro de Composição (Snyder 1995, 2001), existe forte evidência de aquisição que evidencia uma relação entre Compostos N+N e predicados complexos no inglês. Sugisaki & Snyder (2002) afirmam que construções resultativas, verbo + partícula, causativas, dativas, de objeto duplo, locativas e de relato perceptual são predicados complexos relacionados à presença de compostos translinguisticamente. Porém, Barbosa & Simioni (2009) mostram que, na aquisição do Português Brasileiro (PB), construções causativas, de relato perceptual, dativas e locativas, bem como expressões nominais complexas, do tipo N + de + N, surgem cedo na gramática dos falantes. Com base nestas evidências, este trabalho sugere que nomes compostos do tipo N+N do inglês sejam equivalentes às expressões N + de + N do PB, já que as expressões em ambas as línguas se equivalem quando se trata de (i) produtividade e padrão regular (de é a palavra mais escrita em PB, especialmente quando precedida por nomes (cf. Villavicencio, Finatto & Possamai 2005)); (ii) recursividade (cf. bolo de merengue de limão de dona de casa de interior e countryside city's housewife lime meringue cake) e (iii) equivalência semântica nas propriedades idiomáticas "sujeitas a especializações de significado 'gravadas no léxico'" (Olsen 2008) (2), (3):

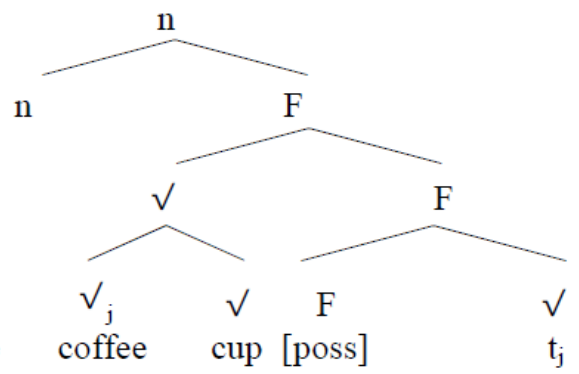
- (1) a. dog food vs. food for a dog (Olsen 2008, p.10)  
b. comida de cachorro vs. comida para cachorro(s)
- (2) a. toy spoon = colher de brinquedo  
b. wooden spoon = colher de madeira  
c. wooden spoon = colher de pau
- (3) a. toy face = cara de brinquedo  
b. wooden face = cara de madeira  
c. chutzpah = cara de pau

Para explicar a diferença sintática disposta entre compostos do inglês e do PB, é proposta uma estrutura idêntica em LF, já que a semântica entre as línguas se mostra idêntica. No entanto, uma proposta de variação paramétrica é apresentada para dar conta da diferença superficial entre a sintaxe dos compostos em inglês e PB. Esta variação permite que, no inglês, seja possível a presença de um traço possessivo [poss], ao invés do traço locativo [loc] quando a preposição que nucleia a projeção funcional F (cf. 4), (equivalente a de) não está presente. Por conta dessa ausência – impossível em PB – a realização do complemento do composto (comp, F) é adjungido ao elemento na posição de especificador da projeção (cf. 5), o que explica a inversão da ordem dos elementos do composto em cada língua, quando comparamos coffee cup e copo de café, por exemplo.

(4)



(5)



Se correta, a análise explica as assimetrias vistas entre os dados de PB e inglês, e contribui para o debate dentro das teorias de Princípios e Parâmetros.

Palavras-chave: Parâmetro de Composição; Português Brasileiro; Gramática Gerativa.

## Orações relativas em Karitiana: um estudo experimental

Karin Camolese Vivanco (Mestrado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana Raccanello Storto  
Área: Sintaxe  
([karin\\_c\\_v@hotmail.com](mailto:karin_c_v@hotmail.com))

As orações relativas nas línguas do mundo podem ser classificadas de acordo com a posição do núcleo (o elemento relativizado), em relação à oração relativa (RC) propriamente dita: as relativas de núcleo externo exibem o núcleo adjacente à oração relativa, podendo ele aparecer antes ou depois dela (i.e. [Núcleo [RC]]) ou [[RC] Núcleo]); as de núcleo interno possuem o núcleo dentro da própria subordinada: sua estrutura é portanto [RC .... Núcleo ....] (Alexiadou et al., 2000; De Vries, 2002). A marcação de caso é em geral diferente nas duas construções: nas relativas de núcleo externo, o núcleo realiza um caso morfológico compatível com sua posição na oração matriz; nas de núcleo interno, pelo contrário, o caso é atribuído de acordo com sua posição na subordinada. A análise de alçamento (Kayne, 1994) explica relativas de núcleo externo e interno a partir de uma mesma estrutura: nos dois casos, o NP é gerado dentro da própria subordinada, movendo-se posteriormente para Spec, CP. No caso das relativas de núcleo externo, o movimento aberto é obrigatório. Nas de núcleo interno, ele é realizado cobertamente e o núcleo é pronunciado *in situ*. Nas orações relativas da língua Karitiana (tronco Tupi), o núcleo parece estar movido, uma vez que o morfema de foco do objeto {ti-} está presente nas relativas de objeto. De acordo com Storto (no prelo), o verbo é prefixado com {ti-} sempre que seu objeto é extraído para a posição inicial da sentença em construções não-declarativas. Assim, este morfema diagnostica a presença de movimento do núcleo na língua. A marcação de caso no núcleo, no entanto, é compatível com o comportamento de relativas de núcleo interno, visto que o núcleo aparece com a marcação de caso exigida pelo verbo dentro da subordinada (Storto, 2003). Deste modo, as orações relativas discutidas aqui parecem exibir características antagônicas segundo as generalizações tipológicas, problematizando sua classificação. Basilico (1996), porém, reporta casos de relativas de núcleo interno cujo núcleo não aparece pronunciado em sua posição original. Nestes casos, as relativas correspondentes com o núcleo *in situ* são ambíguas e sua frontalização serve para desambiguar a sentença. Uma vez que os dados que embasaram os trabalhos anteriores sobre as relativas em Karitiana foram coletados com apenas um falante e sem uma metodologia de trabalho rígida, poderíamos pensar que o fato de o núcleo estar movido em todos os exemplos derivaria de uma preferência do falante por oferecer a variante menos ambígua em sua língua. Estas relativas teriam então um comportamento análogo àquelas descritas por Basilico e, em condições pragmaticamente adequadas, seria possível ter o núcleo pronunciado *in situ*. Assim, elaboramos um experimento no qual o falante avaliará se uma determinada sentença é adequada para descrever uma das histórias oferecidas. Tanto relativas com o núcleo movido como suas contrapartes com o núcleo *in situ* serão confrontadas com um mesmo contexto e, caso ambas sejam adequadas para descrevê-lo, haverá indícios consistentes de que estas construções são relativas de núcleo interno com movimento opcional do núcleo.

Palavras-chave: Sintaxe; Orações Relativas; Línguas Indígenas; Karitiana.

## Modificadores de grau de intensidade no Guaraní Paraguaio

Lara Frutos (Doutorado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Lúcia de Paula Müller  
Área: Semântica Formal  
([lara\\_frutos@yahoo.com.br](mailto:lara_frutos@yahoo.com.br))

Este trabalho visa apresentar o meu projeto de doutorado, que trata das relações de grau de intensidade em Guaraní Paraguaio. A descrição e análise propostas pelo trabalho baseiam-se na teoria de Kennedy (1999b) que postula uma variável de grau na entrada lexical do adjetivo quantificadas por modificadores de grau. Esses modificadores de grau atribuem um valor (grau) na escala dada pelo adjetivo. O objetivo descritivo do trabalho é avaliar a distribuição morfossintática, as relações de escopo e significados em cada contexto dos modificadores de intensidade de adjetivos e advérbios 'ite', 'reí', 'rasa'. Há quatro principais questões que norteiam este trabalho. A primeira trata da relação entre adjetivos de escala fechada (escalas que possuem um grau máximo, como a escala do adjetivo 'vazio') e modificadores de intensidade. Uma vez que adjetivos que possuem grau máximo podem ser modificados por intensificadores de grau, é necessário analisar qual a contribuição semântica desses modificadores em sentenças como (1):

- (1) Pe vasoi-nandi-ete.  
Demcopo3-vazio-ITE  
'Este copo está completamente vazio'

Se, em (1), 'nandi' (vazio) já significa ausência total de algum líquido no copo, é preciso entender de que forma 'ite'(muito) modifica essa escala. O segundo problema levantado pelo trabalho é a co-ocorrência de modificadores de grau, conforme exemplifica (2):

- (2) Che a-vy'aite-reírasa  
Eu 1S-vy'aITE-REÍ RASA  
'Eu estou demasiadamente feliz'

Em (2), há três modificadores de grau operando sobre o mesmo adjetivo. Como podemos observar no exemplo acima, os modificadores de grau operam composicionalmente para intensificar o grau de uma propriedade. Os modificadores 'ite', 'reí' e 'rasa' combinam-se, resultando na intensificação do grau de felicidade dado pelo adjetivo. No entanto, o adjetivo possui apenas uma variável de grau a ser modificada e, logo, os modificadores não podem estar atuando sobre a mesma escala. Nesse sentido, cabe discutir sobre quais escalas esses modificadores atuam. O terceiro problema deriva-se do segundo: uma vez que as relações de ordem entre esses intensificadores são restritas (qualquer ordem além da apresentada é agramatical), necessita-se avaliar quais as relações de ordem e escopo apresentadas por esses modificadores. Finalmente, a quarta questão discutida no trabalho é o uso de modificadores de grau sobre advérbios, como mostram os exemplos (3) e (4):

- (3) Juanháime-ite-iteo-mano-Ø.  
Juanquase-ITE-ITE3S-morrer-NFUT  
'Juan muito-muito-quasemorreu'
- (4) Chea-ka'u-Ø heta-itekuehe  
Che1S-comer-NFUTHETA-ITEontem  
'Eu comi muito ontem'



Nos exemplos (3) e (4), 'háime' (quase) e 'heta' (muito para VP's) são modificados pelo modificador de grau 'ite'. Esse modificador não pode atuar diretamente sobre VP's, mas pode atuar sobre esses advérbios. Uma vez que advérbios, ao contrário de adjetivos, não são tratados como introdutores de escalas, a questão que se deriva desses fatos é qual a escala modificada por 'ite' nesses casos. A questão teórica levantada por estes quatro problemas é se há necessidade de postular a existência de novas escalas para explicar as ocorrências desses modificadores de grau. Nesse sentido, busca-se chegar a uma proposta teórica dentro da teoria de escalas para explicar esses dados.

Palavras-chave: Escalas; Adjetivos; Intensidade.



## Indefinidos epistêmicos no PB

---

Lidia Lima da Silva (Doutorado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Lúcia de Paula Müller  
Área: Semântica Formal  
([lidialimadasilva@yahoo.com.br](mailto:lidialimadasilva@yahoo.com.br))

Este trabalho volta-se para a discussão de construções com algum e um certo, com objetivo de descrever e explicar a semântica e a pragmática dessas expressões linguísticas no português brasileiro (doravante PB). Muitos trabalhos têm-se voltado para a análise de expressões existenciais associadas a diferentes tipos de inferências pragmáticas (como ignorância, certeza, free choice). Defende-se aqui que a proposta de Alonso-Ovalle & Menéndez-Benito (2009, 2010) pode ser estendida para os dados do português. Seguindo essa proposta, algum é um indefinido que faz uma restrição especial no que diz respeito ao domínio sobre o qual ele opera. Tal restrição diz que seu domínio não pode ser unitário. De modo geral, isso garante que existam alternativas de indivíduos e, conseqüentemente, a partir da combinação de algum com um predicado verbal, são criadas alternativas proposicionais que competem entre si, gerando a implicatura de ignorância, uma vez que o falante não está em condições de escolher entre as alternativas geradas (por não saber qual delas é a verdadeira). Entretanto, na proposta, os autores analisam construções em que algum está em relação de escopo com modais como ter que em sua leitura epistêmica. Este trabalho se propõe a discutir construções em que algum está em relação de escopo com ter que em sua leitura deôntica. Dessa forma, diferentemente da proposta de Alonso-Ovalle & Menéndez-Benito (2010), defende-se que algum em PB, gera, além da implicatura de ignorância, a leitura free choice. Além disso, algum em relação de escopo com quantificadores como todo não gera a implicatura de ignorância. No que diz respeito à combinação de algum e nomes massivos, assumindo a mesma denotação dada para o algum apresentada por Alonso-Ovalle & Menéndez-Benito (2009, 2010) para dados do espanhol, este trabalho assume que o domínio massivo pode ser atômico (cf. Chierchia (1998a), Rothstein (2007)). Depois que os nomes massivos passam por uma operação de classificação, é criado um domínio com indivíduos sobre o qual algum pode operar. Então, o mesmo cálculo feito para algum e nomes contáveis pode ser feito para construções com algum e nomes massivos (para que seja gerada a implicatura de ignorância há uma competição entre alternativas proposicionais). Além disso, discute-se também o comportamento de algum com nomes abstratos. A problemática em torno dos nomes abstratos, é que, diferentemente do que acontece com nomes massivos, para os quais faz sentido dizer que seus domínios podem ser classificados, esse não parece ser o caso para nomes abstratos. Por sua vez, muitos autores têm-se voltado para analisar a semântica de construções como a certain, por exemplo, observando o conceito de especificidade. Este trabalho defende que existe uma distinção entre especificidade e identificabilidade, pois nem sempre um sintagma específico é identificável. Além disso, discute também a combinação de um certo e nomes massivos e abstratos. Este trabalho é realizado dentro do paradigma da semântica formal em intersecção com a pragmática.

Palavras-chave: Indefinidos; Efeito Epistêmico; Semântica; Pragmática.

## Perspectivas para um estudo semiótico das relações entre discursos e imagens na radiologia

---

Lionel Sturnack (Doutorado)  
Orientador: Prof. Dr. Waldir Bevidas  
Co-Orientador: Prof. Dr. Sémir Badir  
Área: Semiótica  
([lionel.sturnack@gmail.com](mailto:lionel.sturnack@gmail.com))

Pretendemos apresentar o âmbito e as perspectivas do nosso projeto de tese de doutorado, dedicado ao estudo comparativo dos tratamentos dos discursos e das imagens na prática médica. Este projeto serve a um objetivo principal, isso é, descrever o espaço discursivo complexo – principalmente composto por discursos e imagens – que apoia as decisões clínicas. Previamente, será preciso constituir um dispositivo analítico capaz de dar conta das relações intersemióticas que se desenvolvem dentro desses discursos, naturalmente complexos. Além disso, uma reflexão e uma crítica sistemática das diferentes orientações de pesquisa propostas nos estudos semióticos deverão acompanhar este projeto de análise de um discurso médico. Os problemas metodológicos encontrados serão organizados em níveis de análise e apresentados ao leitor com as questões características desse projeto. Trata-se por um lado das questões da semiótica e da linguística aplicada ao nosso objeto, e aquelas ligadas à epistemologia médica. A segunda questão introduz as bases epistêmicas da nossa pesquisa, a metodologia que será desenvolvida e os objetivos específicos que se definem. Estas bases são pelo menos duplas, já que o projeto de tese inscreve-se em dois campos distintos do conhecimento, a medicina e a semiótica, nos quais as considerações epistemológicas são bem apoiadas. No que diz respeito à semiótica, ele se encaixa por parte num ramo da pesquisa chamado “semiótica da imagem científica”, que foi revitalizado há alguns anos graças a um projeto da Association Nationale de la Recherche francesa (A.N.R.). No entanto não se trata apenas das imagens, mas de um processo discursivo global no qual as imagens estão inscritas por vários fins. Então, sem perder as questões impostas por uma semiótica das imagens científicas, principalmente a da referência e a dos gêneros, o objeto se enriquece necessariamente com uma perspectiva linguística. Portanto o objeto situa-se no âmbito de diversas abordagens que é preciso caracterizar quanto à sua pertinência como quanto à sua aplicabilidade ao objeto instituído. Relativamente às ciências médicas, o projeto se sustenta das discussões atuais dentro do campo da medicina, especialmente no trabalho de reflexão epistemológico que as acompanha. Assistimos faz alguns anos a uma tensão especializada entre duas orientações, a “Medicina Baseada em Evidências” e a “Medicina Narrativa”. Esta discussão especializada será desenvolvida a fim de situar dentro dela o nosso propósito que é de observar o papel central das imagens e das práticas discursivas no processo diagnóstico, a fim de analisar as relações que se desenvolvem entre a imagem radiológica e a variedade de discursos clínicos que a utiliza. A estrutura do corpus será também apresentada, como os modos de realização e as metodologias semióticas com que efetuaremos as análises. Como perspectivas, estas análises deveriam permitir a constituição de um modelo empírico capaz de dar conta da estrutura do juízo clínico, graças ao estudo sistemático das relações iconodiscursivas que se desenvolvem. Espera-se ainda poder tornar os discursos médicos objetiváveis pela epistemologia do domínio, logo que a descrição efetuada consegue identificar e definir seus critérios de variação.

Palavras-chave: Semiótica; Radiologia; Imagem Científica.

## **“Que aqui o esquema é outro... certo?": A pronúncia de (-r) em coda silábica no português paulistano**

---

Lívia Oushiro (Doutorado)  
Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes  
Área: Sociolinguística  
([livia.oushiro@usp.br](mailto:livia.oushiro@usp.br))

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov 2006), este trabalho apresenta uma análise multivariada da pronúncia de (-r) em coda silábica como tepe ou retroflexo em um corpus contemporâneo e robusto do português paulistano, composto de 102 entrevistas sociolinguísticas, coletadas entre 2009 e 2011 por membros do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística (GESOL-USP). O objetivo central é discutir o encaixamento linguístico e social das variantes de (-r), assim como mecanismos de adesão ou resistência a certas identidades sociais através de usos linguísticos (Le Page & Tabouret-Keller 1985, Mendoza-Denton 2004). Os informantes dessa amostra são todos paulistanos e estão estratificados de acordo com o seu sexo/gênero (masculino; feminino), três faixas etárias (20-34; 35-59; 60 anos ou mais), dois níveis de escolaridade (até Ensino Médio ou Curso Superior) e duas regiões de residência na cidade (bairros mais centrais ou mais periféricos). As análises quantitativas foram realizadas com o auxílio dos programas R e GoldVarb X. Dentre os grupos de fatores linguísticos, os resultados apontam para o favorecimento da variante retroflexa em contextos em que o (-r) é precedido por vogais [-altas], seguido de consoantes [coronais], em verbos, em sílabas tônicas e em final de palavra; dentre os grupos de fatores sociais, o retroflexo é favorecido entre moradores de regiões mais periféricas, com menor mobilidade geográfica, menos escolarizados, do sexo masculino e pertencentes a famílias menos enraizadas na cidade de São Paulo. Além disso, o construto “tempo aparente” (Labov 2001) indica possível mudança em progresso em favor do retroflexo, uma vez que a variante é favorecida por falantes mais jovens; no entanto, há indícios de movimentos divergentes dentro da comunidade: enquanto os habitantes de bairros mais periféricos apresentam a gradação etária observada na comunidade como um todo – ou seja, favorecimento de retroflexo entre os mais jovens e gradual desfavorecimento entre os mais velhos –, o mesmo não ocorre entre os habitantes de bairros mais centrais, para os quais o retroflexo é fortemente desfavorecido nas faixas etárias mais extremas e favorecido pelos falantes da faixa etária intermediária. A existência de movimentos divergentes dentro da comunidade pode ser um indicativo de que as identidades que se estabelecem com as variantes tepe e retroflexa vão além do binômio “padrão/não-padrão”. Ademais, a produtividade do retroflexo entre falantes nativos (taxa média de 33% na comunidade, mas acima de 70% para alguns falantes) permite questionar a sua associação exclusivamente a um falar “caipira” ou de pessoas provenientes do interior do estado, e permite associá-lo a certas identidades sociais urbanas. Desse modo, ancorado em resultados empíricos de análises sobre os usos linguísticos de paulistanos, este trabalho discutirá os graus de estigma/prestígio das variantes, as identidades sociais que se associam a seu emprego e o papel de valores sociais em processos de variação e mudança linguística.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista; Português Paulistano; (-r) em Coda Silábica; Identidades Sociais.

## Variabilidade semiótica em jogo

---

Lucas Takaedo Shimoda (Mestrado)  
Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto de Moraes Tatit  
Área: Semiótica  
([lucas.shimoda@yahoo.com.br](mailto:lucas.shimoda@yahoo.com.br))

Passadas quase três décadas após os trabalhos inaugurais da semiótica da canção, assiste-se simultaneamente a um estabelecimento das ferramentas analíticas formuladas nesta linha de pesquisa e ao desdobramento dos domínios de investigação dos estudos mais recentes em direção às questões deixadas a princípio em segundo plano. Propondo provisoriamente uma cronologia simplificada da disciplina, pode-se afirmar que o primeiro período da semiótica da canção dedicou seus esforços à construção de uma gramática tensiva da linha vocal, concebida como produto dos parâmetros de altura e duração. Assumindo estas primeiras conquistas teóricas, os pesquisadores do segundo período voltaram seu olhar para os aspectos considerados antes como secundários, tais como o papel de elementos como o andamento, do arranjo instrumental e das interpretações vocais na construção de sentidos de textos cancionais. Frequentemente considerados apenas como elementos de variação livre, a preocupação com o tratamento adequado destes aspectos traz à tona a questão de como abordar fenômenos tidos, em princípio, como pertencentes à ordem do ocorrencial e do fortuito. Para uma teoria filiada aos princípios de análise imanente, relacionar a presença de tais variações com fatores de natureza psicológica ou sociológica ainda permanece como uma solução insatisfatória devido à intrusão dos elementos tomados como extralinguísticos. Tendo em vista este sintético panorama, o presente trabalho propõe retomar a problemática tarefa de traçar soluções para os fenômenos de variabilidade semiótica (conforme serão referidos neste trabalho) de acordo com as premissas teóricas defendidas com tanto rigor pela semiótica estruturalista, buscando sempre relacionar as formulações teóricas com exemplos concretos dos “elementos variáveis” no modelo da semiótica da canção. Em primeiro lugar, serão retomados os conceitos saussurianos de língua, fala e valor. A partir de suas potencialidades e limitações, serão apresentados os avanços obtidos pela reformulação proposta por Louis Hjelmslev na tripartição esquema-norma-uso. Assumindo a preponderância deste último conceito sobre os demais, conforme afirmada pelo próprio linguista dinamarquês, pretende-se argumentar a favor de uma articulação direta entre a noção de uso – tido como o epicentro de uma teoria da execução – e a formalização dos fatos de variabilidade semiótica. Caso o liame entre o uso e as formas realizadas (em contraposição ao esquema e às formas realizáveis) possa ser comprovado, então mais um passo será dado em direção ao acolhimento das semióticas conotativas no interior do organismo teórico de uma semiótica do discurso.

Palavras-chave: Semiótica; Canção; Esquema; Uso.

## Linguagem, acontecimento e tensão enunciativa em cartas de Caio Fernando Abreu

Luis Antônio Damasceno Silva (Mestrado)  
Orientador: Prof. Dr. Waldir Beividas  
Área: Semiótica  
([luandasi@ig.com.br](mailto:luandasi@ig.com.br))

Nesse estudo, ainda incipiente, propomos verificar a partir da noção de acontecimento proposta por Zilberberg e Fontanille, de que modo pode-se verificar uma tensão enunciativa nas cartas de Caio Fernando Abreu ao jornal Estado de São Paulo (1994) ao descobrir-se soropositivo. A entrada do sujeito tímico, do universo passional no campo do inteligível permite a consideração, através da relação entre intensidade e andamento na análise do acontecimento de estruturas variantes nas narrativas e aprofundar as relações tensivas existentes entre enunciação e enunciado. No cotejamento entre a carta de tom mais confessional, e a literatura (crônica) – obra de ficção, buscamos identificar e relacionar isotopias temáticas recorrentes em ambos os gêneros, além das estratégias linguísticas utilizadas demonstrando de que forma o saber-se portador do HIV (acontecimento – abrupto e tônico) passou ao inteligível do sujeito enunciativo a partir dos enunciados-corpus analisados. Até agora, podemos perceber não somente um caminho do sujeito do inesperado que surge atormentador ao conforto do conhecido tranquilizador, do momento mais angustiante da tensão ao sentir aprazível do relaxamento, o que poderia representar a visada do sujeito frente à ruptura anterior, portanto, podemos verificar que há, aqui, um percurso gerativo do sentido. E, tomando a manipulação dos textos, nesse olhar proposto, teríamos, portanto, um fazer emissivo desse sujeito, que “busca” a compreensão, contra um fazer remissivo, demonstrado linguisticamente, se partirmos e considerarmos, agora, os recursos expressivos da linguagem no texto literário, visto que pode-se observar um ethos discursivo de sujeito num estado confuso, como uma continuação da parada. Sendo assim, tomando essas três cartas (enviadas ao jornal) dispostas, segundo nosso recorte, numa ordem não somente cronológica, mas “sintática”, considerando-as como um conjunto de mecanismos que ordenam um discurso, através do plano do conteúdo identificamos a formação de um sujeito que parecia, mas não “era” ou não queria que “fosse” (portador do vírus) configurando uma ilusão enunciativa através dos dêiticos de pessoa a uma espécie de escrachamento linguístico alargando o sentido através de um gradiente que vai da linguagem metafórica à linguagem de função denotativa ou referencial, que pode demonstrar não somente um reconhecimento pleno como a aceitação do sujeito.

Palavras-chave: Enunciador; Semiótica Tensiva; Enunciação; Cartas; Caio Fernando Abreu.



## **Reduplicação fonológica na aquisição do PB: uma abordagem dinâmica**

Maria de Fátima de Almeida Baia (Doutorado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raquel Santana Santos  
Área: Fonologia e Psicolinguística  
([baiamfa@usp.br](mailto:baiamfa@usp.br))

Este estudo apresenta uma análise inicial e uma discussão a respeito da reduplicação fonológica na fala infantil, especificamente na aquisição do Português Brasileiro (doravante PB), e o papel que esse processo desempenha na transição do balbucio às primeiras palavras e a sua natureza. Lewis (1936) e Fee & Ingram (1982) observam que palavras reduplicadas são ‘pedaços/vestígios de balbucio’; entretanto, nenhum desses autores conduziu uma análise comparativa dos dois períodos, o que é realizado no presente trabalho. O presente estudo é conduzido à luz da Teoria de Sistemas Dinâmicos (Thelen & Smith 1994, Pierrehumbert 2003) e Whole-Word Phonology (Macken 1979, Ferguson & Farwell 1975, Vihman & Velleman 2002, Vihman & Croft 2007). A Teoria de Sistemas Dinâmicos (Thelen & Smith 1994) entende o desenvolvimento da linguagem como um processo de evolução (mindless & oportunitic), no qual as representações não são estáticas e podem ser graduais. A teoria tem enorme influência na versão da Whole-Word Phonology e templates que é seguida no presente estudo. Segundo a Whole-Word Phonology, o princípio organizador no desenvolvimento fonológico inicial é a palavra. Tal princípio é defendido devido às substituições fonológicas não usuais encontradas nos dados iniciais. Segundo Macken (1979), tais substituições ocorrem por conta de uma ‘força de modelo’, a qual faz com que certos padrões sejam preferidos pela criança no início do desenvolvimento linguístico. Os padrões iniciais podem ser entendidos como templates, i.e. padrões sistemáticos que facilitam a expansão do léxico. O mesmo modelo é utilizado por Guimarães (2008) ao tratar da aquisição das africadas em PB, e tem sido utilizado por estudos em diferentes línguas que buscam mostrar o carácter individual do uso de tais padrões (sobre o inglês: Waterson [1971] e Vihman & Croft [2007], sobre o francês: Wauquier & Yamaguchi [2011], sobre o norueguês: Garman [2011] etc). Neste estudo, as palavras reduplicadas na fala infantil são entendidas como manifestação de templates. Foi realizado um estudo longitudinal a fim de investigar a reduplicação inicial no PB (M., menino, 9 – 24 meses). Foram analisadas 257 palavras reduplicadas e 148 produções de balbucios distribuídas ao longo de 15 sessões mensais. Duas hipóteses foram perseguidas: (a) a reduplicação infantil fortalece a hipótese da continuidade entre balbucio e fala; (b) a reduplicação inicial pode ser uma evidência de que a unidade fonológica inicial é a palavra. A hipótese acerca da (des)continuidade (Jakobson 1972, Vihman et al. 1985, 2006) foi confirmada. Nas sessões, balbucio e palavras reduplicadas foram produzidos em paralelo, e compartilharam uma organização segmental similar. A segunda hipótese foi confirmada, pois M. fez uso de reduplicação total como meio de adaptar e produzir a palavra-alvo como em [ka.'ka] ‘galinha’, [ta.'ta] ‘tchau’ etc.

Palavras-chave: Reduplicação Fonológica; Balbucio; Whole-Word Phonology.

## Do Centro-Oeste ao Sudeste: variação morfossintática nas capitais Campo Grande e São Paulo

---

Marília Silva Vieira (Doutorado)  
Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes  
Área: Sociolinguística  
([vieirasmarilia@gmail.com](mailto:vieirasmarilia@gmail.com))

Este estudo se propõe a analisar o uso de duas variáveis morfossintáticas no português culto falado nas cidades de São Paulo e Campo Grande: as estratégias de relativização e o apagamento de preposição em sintagmas preposicionados (SPs), com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2006). Para as estratégias de relativização, a hipótese de partida é a de que, na norma culta, a variação entre as orações relativas está centrada nas variantes padrão e cortadora, enquanto que o emprego da variante copiadora, de caráter estigmatizado, estaria correlacionado a fatores discursivo-pragmáticos. Para o apagamento de preposições, quer-se questionar, sobretudo, sua produtividade entre falantes cultos. Nesse sentido, a hipótese central deste estudo é a de que a ausência de preposição em sintagmas preposicionados - expressões circunstanciais, argumentos internos e orações relativas - existentes no Português culto, não se originaram simplesmente de uma regra de apagamento, mas atuam como caracterizadoras de mudanças no uso de expressões locativas e temporais e de alguns verbos, com os quais a norma padrão prescreve que se utilize preposição. Pretende-se discutir, sobretudo, se a ausência dessas preposições em SPs, dentro e fora do âmbito das orações relativas, deve ser entendida como resultante de uma mudança linguística, atrelada a fatores de natureza social e discursivo-pragmática. A variação nas estratégias de relativização e no preenchimento de preposição em SPs é analisada como dois fenômenos em um só, uma vez que o apagamento de preposição antecedendo termos relativizados (nas orações relativas) tem sido cada vez mais frequente entre falantes cultos (Kersch, 2008). Uma análise preliminar de uma subamostra composta por 10 entrevistas gravadas pelo GESOL em 2009 e 2010, e de 10 inquéritos gravados em Campo Grande, com informantes estratificados de acordo com seu gênero/sexo, sua idade e grau de escolaridade, revela a escassez de relativas em alguns contextos sintáticos, mais especificamente no que toca às relativas em que o termo relativizado seja genitivo, além do apagamento frequente da preposição em sintagmas preposicionados, sobretudo aqueles com valor temporal. É importante ressaltar que, dadas as configurações sócio-demográficas de ambas as capitais, a variável faixa etária recebeu uma estratificação específica em São Paulo (20-34; 35-59; 60 anos ou mais) e em Campo Grande (20-34; 35-49; 50 anos ou mais). Assim, comparando-se a frequência do fenômeno em São Paulo e Campo Grande, será possível verificar, quantitativamente, se há diferença em relação ao ritmo do encaixamento da variável em questão nas duas capitais (Zilles, 2007).

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista; Orações Relativas; Sintagma Preposicionado.



## **Análise semiótica da paixão da melancolia e da tensividade no percurso dos personagens no filme Melancolia, de Lars von Trier**

Natália Cipolaro Guirado (Mestrado)  
Orientador: Prof. Dr. Waldir Bevidas  
Área: Semiótica  
([natalia.guirado@gmail.com](mailto:natalia.guirado@gmail.com))

Na análise das paixões em semiótica o que interessa é o sujeito criado pelo discurso, pois há sempre um esquema narrativo relacionado às paixões. Sendo assim, pretendemos analisar os mecanismos de produção e apreensão do sentido na configuração da paixão da melancolia utilizando como corpus o filme Melancolia, do cineasta dinamarquês Lars von Trier. A paixão é uma dimensão importante do discurso para a semiótica, trata-se da maneira como se dispõem os elementos linguísticos e o arranjo das modalidades para configurar os termos da afetividade do texto. O aspecto e o tempo fazem parte das estruturas linguísticas da sistematização das paixões e devem ser levados em conta na análise. Pretendemos demonstrar que a melancolia é uma paixão durativa, pois envolve uma duração temporal e se remete simultaneamente ao passado e ao futuro. A Hipócrates é atribuída a criação do conceito de melancolia, como explica Jaime Ginzburg em seu texto “Conceito de melancolia”, que a define como um “estado de tristeza e medo de longa duração”. No entanto, mesmo compreendida desde o período medieval como doença, a melancolia difere-se do medo e da tristeza em suas motivações e finalidades a que leva o sujeito. Ginzburg afirma ainda que o filósofo Walter Benjamin estudou as concepções medievais da melancolia e o discurso que havia em torno da disposição do sujeito melancólico para a contemplação, pois a “bile negra” faria com que o espírito fosse apto à postura contemplativa. Uma relação estreita entre a melancolia e o planeta Saturno era estabelecida nos estudos iniciais sobre a condição melancólica, de acordo com o conhecimento mitológico. Ao analisar o percurso da personagem Justine no filme, podemos observar de que modo a aproximação do planeta Melancolia interfere no estado de alma do sujeito da narrativa. Utilizaremos a teoria semiótica do fazer missivo de Claude Zilberberg para analisar os percursos dos personagens do filme com a aproximação do planeta em relação à Terra, pois o semioticista utiliza as noções de intensidade e extensidade no estudo da tensividade da narrativa. Tendo em vista que, segundo Zilberberg, a intensidade é considerada o eixo do sensível, onde se localizariam os afetos, e a extensidade o eixo do inteligível, a intensidade rege a extensidade e o inteligível é regido por um sensível. Então, o afeto é colocado em uma posição de destaque nas pesquisas semióticas, pois no início da semiótica greimasiana havia uma preferência pelos estudos do “inteligível”, e não pelos conteúdos passionais para analisar a construção do sentido nos textos verbais. Os “estados de alma” correspondem à intensidade e os “estados de coisa” à extensidade, como Greimas e Fontanille definem na obra Semiótica da paixão e Zilberberg retoma em sua teoria. Sendo assim, verificaremos de que modo a semiótica pode auxiliar a compreender a paixão da melancolia nos textos e sistematizar seus desdobramentos na narrativa do filme de Lars von Trier, assim como verificar de que modo a análise da narrativa fílmica pode colaborar para a melhor apreensão de sua significação.

Palavras-chave: Semiótica; Paixões; Tensividade; Melancolia; Cinema.

## Descrição fonética de dois fenômenos de glotalização em Nonuya

Nelsy Lorena Orjuela Salinas (Mestrado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana Recanello Storto  
Co-Orientador: Prof. Dr. Didier Demolin  
Área: Fonética  
([lorena.orjuela@gmail.com](mailto:lorena.orjuela@gmail.com))

Nonuya é uma língua pouco estudada, falada na Colômbia e geneticamente classificada, segundo um lista de 394 palavras coletadas por Wavrin e Rivet (1953), como pertencente à família Uitoto Echeverri (2008). Atualmente a língua conta com três falantes nativos que são idosos e não fluentes e com várias pessoas que consideram se como parte do grupo, não falam a língua mas levam um processo de revitalização da cultura Nonuya faz há sete anos. O único trabalho feito sobre esta língua apresenta o inventário fonético de consoantes e vogais, assim como a descrição do sistema de acento e tom, a ocorrência de tipos de fonação e estrutura silábica Orjuela & Paez (em processo). Outros trabalhos centram se na descrição de aspetos culturais, assim como apresentam o drama desta comunidade durante a exploração da borracha (cf., Landaburu e Echeverri (1995) e Pineda (1982, 1985, 2000, 2001 e 2003)). O presente estudo pretende, a partir do trabalho feito, mostrar os resultados atingidos para os fenômenos de glotalização na língua. Quer se, mais especificamente, dar conta de dois fenômenos: realização de oclusivas glotais no final e no início da sílaba, e ocorrência dos tipos de fonação “phonation types” em vogais (adjacentes e próximas a consoantes glotais ou oclusivas). Para a observação das oclusivas glotais tomara se em conta a presença da soltura da oclusiva glotal marcada acusticamente por uma ou mais espícula “spikes/transients” assim como a concentração de energia acústica baixa, principalmente nas regiões de F1 e F2. No caso da ocorrência dos tipos de fonação observados, (voz rangeada e voz modal principalmente) terão se em conta tanto os correlatos acústicos comuns para cada um destes tipos de voz i.e., frequência fundamental baixa para a voz rangeada e frequências medias para a voz modal. Os dados usados para levar em conta a presente pesquisa são obtidos do trabalho feito por Landaburu e Echeverri entre os anos de 1991 e 1997, e incluem gravações de elicitación de palavras e orações. A análise realizado será de tipo acústico a partir do uso de Praat e a abordagem teórica adotada será a proposta pela Fonologia de Laboratório Pierrehumbert, J., Beckman, M. & Ladd, R. (2000); pelo trabalho desenvolvido por Ladefoged Ladefoged (2001) onde observara se que em muitas línguas o uso de uma variedade de qualidades de voz “phonation types” poderiam indicar contrastes fonológicos, marcar limites prosódicos ou inclusive distinguir categorias gramaticais ou criar distinções lexicais e pelo trabalho desenvolvido por Storto e Demolin (2010) onde para as línguas da América do Sul oferece se informação que mostra como as qualidades de voz estão presentes tanto nas consoantes, como aspiração, como nas vogais, como laringalização.

Palavras-chave: Nonuya; Fonética; Glotalização.

## Alguns elementos para a enformação da subjetividade na análise semiótica

Paula Martins de Souza (Doutorado)  
Orientador: Prof. Dr. Waldir Bevidas  
Área: Semiótica  
([paulamartins@usp.br](mailto:paulamartins@usp.br))

Conforme sabemos, o pensamento de Ferdinand de Saussure que ficou documentado no Curso de Linguística Geral (1916) foi responsável pela ascensão dos estudos da linguagem a um estatuto de ciência independente. Essa ascensão deveu-se à elaboração e / ou defesa de alguns gestos teóricos por parte do mestre genebrino. Dentre eles, ressalte-se a assunção do ponto de vista estritamente objetivo dos fenômenos da língua. Ainda que este também tenha sido um gesto justificável e mesmo desejável naquele ínterim, é graças ao pensamento do mesmo F. de Saussure que se torna possível matizá-lo nos dias de hoje, tendo como respaldo teórico alguns desenvolvimentos de seus continuadores. Com efeito, em seus desenvolvimentos teóricos, a semiótica da Escola de Paris – que havia sido postulada por F. de Saussure como uma ciência que deveria vir a ser desenvolvida – teve de reaver um ponto de vista subjetivo, embora formal, para dar conta de seu objeto, na medida em que este ultrapassa os limites da língua e mesmo da fala, ao englobar o fenômeno da linguagem, de modo geral. Nesse sentido, uma sequência de empreendimentos teóricos colaboraram com a retomada de um ponto de vista subjetivo sobre a linguagem, muitos advindos da pena do próprio fundador da Escola de Paris, Algirdas Julien Greimas, como é o caso da semiótica da enunciação e das chamadas virada modal e virada fenomenológica. Mais tarde, e na esteira de A. J. Greimas, seu discípulo Claude Zilberberg viria a radicalizar algumas ideias lançadas pelo mestre lituano, dentre elas, a filiação ao pensamento de Louis Trolle Hjelmslev, fundando assim a chamada semiótica tensiva. Na esteira (i) dos desenvolvimentos teóricos e metodológicos propostos por C. Zilberberg para a realocação do sensível (subjetivo) ao lado do inteligível (objetivo); (ii) dos desenvolvimentos teóricos e metodológicos propostos por Luiz Tatit para a adequação da teoria semiótica ao objeto canção; e (iii) dos desenvolvimentos teóricos propostos por Waldir Bevidas em nome do estabelecimento da relação entre semiótica discursiva e psicanálise, será apresentada uma análise da canção Se Eu Soubesse (Chico Buarque, 2011), em uma tentativa de demonstração da importância do ponto de vista subjetivo para a apreensão dos mecanismos de significação de um objeto transfrástico.

Palavras-chave: Semiótica Discursiva; Subjetividade; Psicanálise; Canção; Chico Buarque.

## **A formação de diminutivos no Português do Brasil: localidade e ciclicidade na distribuição de –inho e -zinho**

---

Paula Roberta Gabbai Armelin (Doutorado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Paula Scher  
Área: Morfossintaxe  
([paulinhaarmelin@yahoo.com.br](mailto:paulinhaarmelin@yahoo.com.br))

A formação dos diminutivos vem levantando muitas questões no âmbito da Teoria da Gramática. Dada a similaridade fonológica entre –inho e –zinho, formadores de diminutivo mais produtivos do Português brasileiro (PB), muito se falou sobre os aspectos morfonológicos dessas formações nos mais variados quadros teóricos, como na Fonologia Lexical (LEE, 1995) ou na Teoria da Otimidade (BISOL, 2010), por exemplo. No entanto, o estatuto dos elementos que expressam grau tem sido objeto de controvérsia. Para alguns autores, trata-se de um elemento gramatical e, mesmo dentro dessa visão, não existe consenso, já que o elemento em questão é interpretado ora como sufixo (BASÍLIO, 2004), ora como infixos (GUIMARÃES & MENDES, 2010). Para outros autores, algumas partículas de expressão de grau, tem estatuto lexical. Em Leite (1974), por exemplo, o diminutivo formado com -zinho pode ser considerado composição. Dentro dessa discussão, este trabalho investiga a distribuição das formas –inho e –zinho, a partir de uma perspectiva sintática, na tentativa de prever as possibilidades e restrições de alternância entre as formas –inho e -zinho. Com Embick (2010), queremos ressaltar que fonologia e sintaxe vêm tomando rumos distintos e, em grande medida, incompatíveis um com o outro. Enquanto a primeira corrente se desenvolve em linhas globalistas, como o quadro da Teoria da Otimidade (PRINCE & SMOLENSKY, 1993), a segunda segue por rumos localistas, como o quadro da Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ, 1993). Embora tais modelos de gramática sejam amplamente conflitantes, as questões fundamentais de pesquisa são as mesmas e o melhor juiz dessa discussão teórica será a cobertura empírica dos dados. Assim, trataremos neste trabalho análises desenvolvidas dentro dessas duas perspectivas: no que diz respeito à Teoria da Otimidade, revisitamos a proposta de Bisol (2010), que através de um ranqueamento de restrições propõe ser tão somente –inho o morfema de diminutivo e /z/ em –zinho, uma consoante epentética. Apontaremos, no entanto, que a hierarquia de restrições proposta pela autora exclui dados que, de fato, aparecem superficializados na língua, enfraquecendo o alcance empírico da análise. Quanto à Morfologia Distribuída, propomos uma análise que prevê sintaticamente as (im)possibilidades de alternância entre as formas –inho e –zinho. Assim, a sintaxe da formação determina, em grande parte, qual dos sufixos de diminutivo pode aparecer nas formações. Na implementação da proposta, trabalhamos com três noções importantes: (a) competição limitada aos expoentes fonológicos de traços semânticos e sintáticos (EMBICK & MARANTZ, 2008); (b) localidade (EMBICK, 2010) e (c) ciclicidade (EMBICK, 2010). Com esse aparato teórico, propomos que a alternância é possível nos casos em que há a presença de núcleos não-cíclicos fonologicamente realizados intervindo entre a raiz e a posição sintática que aloja o diminutivo. Por outro lado, a alternância não é possível nos casos em que raiz e morfema de diminutivo estão em relação de adjacência, não havendo entre eles nenhum núcleo não-cíclico com material fonológico realizado. Enfim, os resultados aqui atingidos parecem favorecer um modelo de gramática em que a relação entre a morfologia e a fonologia não é global, mas acontece em ciclos localmente determinados.

Palavras-chave: Diminutivos; Localidade; Ciclicidade; Morfologia Distribuída.

## A estrutura de argumentos a partir de núcleos funcionais

Rafael Dias Minussi (Doutorado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Paula Scher  
Área: Morfologia  
([rafaelminussi@usp.br](mailto:rafaelminussi@usp.br))

Os estudos sobre nominalizações (cf. CHOMSKY, 1970) e os estudos sobre estrutura argumental das nominalizações (cf. GRIMSHAW, 1990) sempre ressaltaram que tais nomes: a) possuem propriedades que mesclam tanto propriedades nominais (modificação por adjetivos), quanto propriedades verbais (modificação por advérbios) e b) podem ser divididos entre nominais derivados, que não possuem uma relação direta com o verbo de origem, como: *growth*, *destruction*, etc., e nominais gerundivos, que possuem uma relação direta com o verbo origem, como *growing*, *destroying*, etc., podendo herdar a estrutura argumental do verbo. Por sua vez, no quadro teórico da Morfologia Distribuída (MD) (cf. HALLE; MARANTZ, 1993), uma teoria não lexicalista, Marantz (1997), ao analisar tanto os nominais derivados, quanto os gerundivos, defende a ideia de que existam dois tipos de núcleos funcionais verbais, cada um com propriedades diversas quanto à seleção argumental: (i) um v causativo, que projeta uma posição para o agente, formando nominalizações como *destroying*, e um v não-causativo, que não projeta uma posição para o agente e forma nominalizações como *growth*. Além disso, Marantz defende que as raízes podem denotar: uma causa, interna ou externa, ou um estado, além de selecionar seu argumento interno. Neste trabalho analisamos as nominalizações do hebraico, observando o fato de que elas podem ser formadas por diferentes padrões vocálicos e as consequências que essa variação de padrões pode trazer. Observamos, por exemplo, que esses padrões apresentam propriedades diversas quanto à modificação (ibud ‘processamento’ CiCuC pode ser modificado por adjetivo e advérbio; mexica ‘apagamento’ C CiCa não pode ser modificado por advérbio), constituindo um desafio para propostas como a de Chomsky (1970) e Grimshaw (1990). Para dar conta desses fatos, propomos que somente os núcleos funcionais são capazes de selecionar os argumentos, sejam eles externos ou internos, de um predicado, contra Marantz (1997), que assume que a raiz pode selecionar um tema. Assim, defendemos que os nominais que podem ser modificados tanto por adjetivos, quanto por advérbios (padrão CiCuC), tenham um verbo em sua formação e, posteriormente, são nominalizados. Como evidência morfológica par esse fato, temos que a primeira parte do padrão CiC corresponde à primeira parte do padrão verbal CiCeC, além do fato de que esse nome herda a estrutura argumental do verbo. Já o padrão C CiCa, que é modificado apenas por adjetivos, não possui uma fase verbal. Como evidência, temos que a primeira parte do padrão nominal C Ci não tem correspondência com o padrão do verbo de origem CaCaC. Para tratar as diferenças apresentadas pelos nomes acima, defendemos que os padrões nominais são a realização morfológica de núcleos n com propriedades argumentais e gramaticais distintas. Por exemplo, um n transitivo, um n intransitivo, um n que possibilita o alçamento de nomes, outro que não, etc. Como consequências da proposta, temos: (i) um modelo de MD sem um quadro de subcategorização para as raízes e (ii) uma resposta sobre o porquê de haver diferentes interpretações e formas de licenciar argumentos em um elemento formado a partir de uma mesma raiz, seja em uma mesma língua, ou em línguas diferentes.

Palavras-chave: Nominalização; Estrutura Argumental; Núcleos Funcionais.



## Negação sentencial variável no português paulistano

Rafael Stoppa Rocha (Mestrado)  
Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes  
Área: Sociolinguística  
([rocha87@gmail.com](mailto:rocha87@gmail.com))

Este trabalho objetiva contribuir para o entendimento da variável “negação sentencial” na variedade paulistana do português brasileiro, a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov 2006). Os estudos dessa variável, além de escassos, não tratam da variedade paulistana do português. Para tanto, este estudo preliminar analisa os dados de 12 entrevistas sociolinguísticas estratificadas de acordo com o sexo/gênero do informante (masculino; feminino), sua faixa etária (20-35 anos; 36-55 anos; e mais de 56 anos) e seu nível de escolaridade (até ensino médio; com ensino superior). Tais entrevistas fazem parte do Corpus do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística da USP (GESOL), coletadas entre 2003 e 2010. As estruturas de negação sentencial englobam, em princípio, três variantes: (1) NEG1, negação com um elemento pré-verbal apenas: Não conheço Maria; (2) NEG2, negação com dois elementos, um pré e outro pós-verbal: Não conheço Maria não; e (3) NEG3, negação com um elemento exclusivamente pós-verbal: Conheço Maria não. Ilari & Basso (2006) descrevem as variantes NEG2 e NEG3 como características da língua falada e, ainda, da norma popular. Por essas razões e, por ser muito mais frequente, NEG1 é comumente descrita como negação canônica, enquanto NEG2 e NEG3 são consideradas não canônicas (BARME, 2005; SCHWENTER, 2005). Além disso, estas últimas são, também, frequentemente descritas como características de falas do nordeste do Brasil (MARROQUIM, 1945; RAMALHO, 1998; MELLO ET AL., 1998; SCHWENTER, 2005) e, portanto, pode-se inicialmente aventar a hipótese de que seu uso seria marcado na fala paulistana. A fim de definir o envelope de variação, ou seja, verificar quais estruturas são de fato alternativas num mesmo contexto, este trabalho parte da proposta de Schwenter (2005), cujo estudo apresenta um modelo de distribuição para as formas de negação no português baseado em restrições discursivo-pragmáticas. Para ele, a possibilidade de realização de uma ou mais formas de negação está ligada ao estatuto da proposição sendo negada: (i) NEG3 apenas poderia ser realizada quando tal proposição é diretamente ativada no discurso; (ii) NEG2 poderia ser realizada no mesmo caso anterior, mas também quando a proposição sendo negada é inferida no discurso ou é contextualmente ativada; (iii) NEG1 ocorreria em todos os contextos acima, mas também nos casos de negação de informação nova; neste último caso, NEG2 e NEG3 não poderiam ocorrer, impedindo a variação. Quando se trata da fala paulistana, porém, não se observa uso frequente de NEG3 – no estudo preliminar, essa forma representa menos de 1% do total de 1061 de sentenças negativas (casos em contextos variáveis). Desse modo, a análise quantitativa que aqui se apresenta, vê-se forçada a excluir NEG3 (GUY & ZILLES, 2007). Nesta apresentação, retoma-se a discussão do modelo de Schwenter (2005) para a análise da variação de negação sentencial em português paulistano. Além das distribuições gerais das variantes NEG1 e NEG2 em diferentes contextos, serão especificamente explorados os resultados preliminares que parecem indicar que a forma não canônica é favorecida entre mulheres (69) e paulistanos cujos pais não são naturais da cidade de São Paulo (78).

Palavras-chave: Negação Sentencial; Variação; Português Paulistano.

## A acentuação das palavras compostas em japonês

Renata do Amaral Teixeira Rede (Mestrado)  
Orientador: Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza  
Área: Fonologia  
([renata\\_rede@hotmail.com](mailto:renata_rede@hotmail.com))

O acento do idioma japonês possui a acentuação do tipo pitch-accent, em que há uma melodia tonal associada a cada palavra e o tom e o acento incidem concomitantemente nela. Além disso, neste idioma, não existe a possibilidade de haver acentos secundários. Isso nos faz concluir que só é permitido um acento – ou queda tonal HL – por frase fonológica. Também devemos considerar que grande parte do léxico do idioma é não-acentuado, portanto, sem queda tonal (HARAGUCHI, 2001). Essa melodia é referente à variedade padrão estudada, de Tóquio. Neste tipo, existe um sistema tonal de acentuação conhecido como n+1, ou seja, n moras podem possuir n+1 tipos de acento. Isso acontece devido ao fato de que nesta variedade, as palavras podem ser acentuadas em qualquer uma de suas sílabas ou não ter acento em lugar algum. Assim, observamos a ocorrência de palavras acentuadas e não acentuadas. A melodia HL de Tóquio implica que sempre que houver o tom alto (H) seguido de um baixo (L), será no local do último tom alto que o acento sempre estará (HARAGUCHI, 2001:5). Quando tratamos de acento em compostos, precisamos descobrir qual é a posição fonológica em que o acento incidirá. Parece ser possível determinar a acentuação desse tipo de palavra. A acentuação dos compostos já foi estudada por diversos pesquisadores desde a metade do século XX e levaremos em conta algumas dessas análises (MCCAWLEY, 1965; SAITOU, 1997; KUBOZONO, 2001; TANAKA, 2001). Com o auxílio dessas pesquisas, observamos que nós devemos levar em conta questões como morfemas de palavras e pés fonológicos. Além disso, podemos ver que alguns estratos do idioma, como os empréstimos (TANAKA, 2001), fogem à regra e se comportam de maneira diferente do esperado porque estão na periferia (ITÔ&MESTER, 1995) e não são influenciados por todas as restrições do idioma. Também é importante não ignorarmos o comportamento dos compostos que não possuem acento, porque assim como é difícil explicar uma regra de acentuação dessa proporção, existe uma tendência no idioma que aponta uma futura desacentuação das palavras. Assim, vemos que as regras de acentuação do idioma japonês possuem muitas exceções, mas é relevante perceber quais são as exceções e a qual grupo elas pertencem.

Palavras-chave: Acentuação; Japonês; Composto; Acento-Tonal.



## Aquisição da proforma contrastiva 'ele mesmo' no Português Brasileiro

Renato Caruso Vieira (Mestrado)  
Orientadora: Profª Drª Elaine Grolla  
Área: Aquisição de Linguagem  
([caruso\\_108@hotmail.com](mailto:caruso_108@hotmail.com))

Nossa pesquisa tem por objetivo investigar a aquisição da forma anafórica 'ele mesmo', bem como discutir sua natureza enfática e contrastiva em relação à proforma 'ele'. Acreditamos que o 'ele' e o 'ele mesmo' tenham suas regras de recuperação anafórica determinadas não pelo contexto sintático em que se manifestam, mas, sim, por aspectos semântico pragmáticos do predicado do qual participam. Assim, inspirados em Zribi-Hertz (1989/1990/1995/2007) e Jakubowicz (1994), defendemos que os traços determinantes, no predicado, para a distribuição referencial do 'ele' e do 'ele mesmo' sejam os de "reflexividade mais ou menos provável", de tal forma que, diante de uma ação na qual seria inesperada a coincidência referencial entre agente e paciente, como a de 'cumprimentar', tal reflexividade só é possível com 'ele mesmo' ("O João cumprimenta ele mesmo") e nunca apenas com 'ele'. Já em ambientes de reflexividade "mais provável", tanto o 'ele' quanto sua contraparte complexa 'ele mesmo' são capazes de compartilhar, com o sujeito da oração, o índice referencial, como em "O João só pensa nele/nele mesmo". Realizações experimentais conduzidas por Jakubowicz (1994), com o 'lui-même' francês, e por Grolla (no prelo), com 'ele mesmo', parecem indicar uma aquisição tardia dessas proformas complexas. Nossos objetivos são: investigar como procede a aquisição da expressão 'ele mesmo' por parte de crianças monolíngues adquirindo o Português Brasileiro; verificar se os traços de reflexividade [+ provável] e [- provável] dos predicados são determinantes na distribuição dos índices referenciais do 'ele mesmo' e do 'ele'; e, aplicar métodos experimentais (a serem apresentados abaixo) em crianças adquirindo o PB. Serão entrevistadas 60 crianças entre 3;0 e 6;6 anos adquirindo o PB. No primeiro teste, será exibido um curta-metragem de animação no qual um idoso joga xadrez "contra si mesmo", para que, ao relatarem o que assistiram, tenhamos a oportunidade de observar a maneira como os entrevistados expressam predicados que contenham uma reflexividade "menos provável". No segundo, enunciados serão lidos e acompanhados, cada um, por três figuras. Será tarefa do sujeito associar cada sentença à figura que lhe pareça melhor corresponder a ela. Faremos uso de três sentenças com 'ele' e três com 'ele mesmo' contidos nos mesmos predicados de reflexividade "menos provável" (como "está beijando ele/ele mesmo"), e de três com 'ele' e mais três com 'ele mesmo' em predicados de reflexividade "mais provável" (como "está desenhando ele/ele mesmo"). A pesquisa teve início em março de 2012 e, portanto, os resultados ainda não foram obtidos. Parece-nos que, diante de predicados de inesperada reflexividade, o elemento 'mesmo' de 'ele mesmo' assume uma função enfática da reflexividade "pouco provável", contrastando com a forma simples 'ele'. Sabendo que itens regulados por princípios semânticos ou pragmáticos são mais tardiamente adquiridos do que aqueles meramente sintáticos, a comprovação de que o 'ele mesmo' só é dominado por crianças mais velhas reforçaria nossa hipótese sobre o caráter semântico-pragmático de sua distribuição referencial.

Palavras-chave: Aquisição; Contrastiva; Ele Mesmo.

## Flutuação de quantificadores em português brasileiro: restrições da sintaxe sobre o discurso

---

Renato César Lacerda Ferreira (Mestrado)  
Orientador: Prof. Dr. Jairo Morais Nunes  
Área: Sintaxe  
([lacerdaferreira@usp.br](mailto:lacerdaferreira@usp.br))

Esta pesquisa investiga o comportamento sintático dos quantificadores flutuantes em português brasileiro, dentro do modelo teórico do Programa Minimalista da Sintaxe Gerativa (Chomsky, 1995). Em termos descritivos, quantificadores flutuantes são aqueles que podem ser realizados em uma posição não-adjacente ao sintagma nominal sobre o qual quantificam. A ordem “canônica” pode ser vista nas sentenças em (a) abaixo, enquanto exemplos de flutuação são vistos em (b):

- (1) a. Todos os alunos foram bem na prova.  
b. Os alunos foram TODOS bem na prova.
- (2) a. Cada um dos professores deu duas provas.  
b. Os professores deram CADA UM duas provas.

Buscamos alcançar dois objetivos principais: 1) identificar a estrutura interna das expressões quantificadas; 2) identificar as posições da sentença em que os quantificadores podem ou não ser realizados. Seguindo a análise de Valmala Elguea (2008) para a flutuação de quantificadores em espanhol, vamos assumir que também no português brasileiro este é um fenômeno relacionado ao discurso, ou seja, derivado a partir de movimentos “informativos” (de focalização e de topicalização). Em relação ao primeiro objetivo, argumentamos que diferentes quantificadores podem ter diferentes estruturas sintagmáticas, de modo que o quantificador “todos” e o quantificador “cada um” se comportam diferentemente, uma vez que suas distintas estruturas levam a diferentes resultados no cômputo de Minimalidade Relativizada (um dos fatores da gramática que regulam os movimentos sintáticos). Veja que em (3a) o elemento nominal “os alunos” pode se separar de “cada um”, mas em (3b) não pode se separar de “todos”:

- (3) a. Os alunos ganharam duas revistas cada um.  
b. \*Os alunos ganharam duas revistas todos .

Em relação ao segundo objetivo, adotamos a cartografia de posições informativas proposta por Rizzi (1997) e Belletti (2004). O primeiro autor propõe a existência de projeções de tópico e foco na periferia esquerda ALTA da sentença, como ilustramos em (4a). Já a segunda autora estende a proposta do primeiro e aponta projeções de tópico e foco também no interior da sentença (periferia esquerda BAIXA), como ilustramos em (4b):

- (4) a. O João[TOP], as meninas encontraram na quarta-feira.  
b. Os alunos vão ler, do Chomsky[TOP], só os textos mais recentes.

Argumentamos que a assimetria entre as áreas informativas alta e baixa corrobora nossa hipótese de que diferentes quantificadores podem ter estruturas diferentes – e, assim, comportamentos diferentes. Veja em (5) que a periferia esquerda baixa distingue o comportamento de “cada um” e “todos”, o que não acontece em (6), que envolve a periferia esquerda alta:

- (5) a. Eu dei pros meninos dois livros pra cada um.  
b. \*Eu dei pros meninos dois livros pra todos.
  
- (6) a. Pros meninos, eu dei dois livros pra cada um.  
b. Pros meninos, eu dei dois livros pra todos.

Nossa contribuição será no sentido de mostrar como as possibilidades e restrições de flutuação de quantificadores em português brasileiro resultam da interação entre a estrutura interna das expressões quantificadas e as demais propriedades sentenciais desta língua e da Gramática Universal, apontando como os processos discursivos de topicalização e focalização são controlados pela sintaxe.

Palavras-chave: Programa Minimalista; Flutuação de Quantificadores; Cartografia Informacional.

## Variação linguística na gramaticografia quéchua colonial (séculos XVI-XVII)

Roberta Ragi (Doutorado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Altman  
Área: Historiografia Linguística  
([robertaragi@gmail.com](mailto:robertaragi@gmail.com))

Entre os séculos XVI e XVII, foram produzidas oito gramáticas sobre a língua quéchua, no contexto da colonização espanhola na América: Domingo de Santo Tomás, 1560; Anônimo, 1586; Diego González Holguín, 1607; Alonso de Huerta, 1616; Diego de Torres Rubio, 1619; Juan Roxo Mexia y Ocón, 1648; Juan de Aguilar, 1690; Estebán Sancho de Melgar, 1691. Nesse mesmo período, três Concílios foram responsáveis por organizar, em Lima, a Política Linguística que normatizou as práticas didático-missionárias relativas à língua geral andina: os dois primeiros, coordenados pelo dominicano Jerónimo de Loaysa (1543-1575), foram celebrados respectivamente entre 1551-1552 e 1567-1568; o terceiro, liderado pelo jesuíta José de Acosta (1539-1600), desenvolveu-se entre 1582-1583, tomando por diretrizes as rígidas sanções do Concílio Tridentino (1545-1563). O objetivo deste trabalho é estabelecer uma análise comparativa do discurso sobre a variação linguística, tal como sistematizado nas oito gramáticas supracitadas, tendo em vista a Política Linguística efetivada no período. Para isso, serão examinadas as continuidades e descontinuidades do repertório metalinguístico dos autores, no quadro teórico das oito partes do discurso, relacionadas ao discurso gramatical sobre a variação linguística. De outro modo: propõe-se, aqui, um estudo metasemiótico (Swiggers, 2010) que analise a metalinguagem gramatical, sobre a problemática em questão, em suas dimensões contextuais específicas. Sabe-se que a primeira gramática quéchua, escrita entre os dois primeiros Concílios limenhos, descreveu variações linguísticas de maneira a exaltar a língua dos indígenas peruanos. Assim, em Domingo de Santo Tomás (1499-1570), as variantes dialetais de um mesmo vocábulo (çára/hára, para 'trigo'; ou póri/póli, para 'andar') foram descritas como um fenômeno linguístico natural, presente em qualquer língua de civilização. O mesmo tom favorável à língua quéchua foi observado, em Santo Tomás, na descrição de outros tópicos gramaticais, como a ordem da sentença, por exemplo, no qual o dominicano fez defesa semelhante da língua dos nativos. Com efeito, o discurso sobre a variação linguística, na primeira gramática quéchua, alinou-se ao projeto político dos dominicanos para o Peru, no primeiro momento da colonização espanhola. Amigo pessoal e colaborador direto de Bartolomé de Las Casas (1484-1566), Santo Tomás foi responsável por uma enunciação pautada pela defesa incondicional dos indígenas, que deveriam ser alçados, na perspectiva dominicana, à condição de súditos diretos da coroa. Contrariamente à postura dominicana, os jesuítas, representados por José de Acosta, consideraram excessivo o discurso de seus antecessores e promoveram normatizações muito mais rígidas para as práticas linguísticas pedagógicas nas colônias da América do Sul. Como consequência, a segunda gramática quéchua (Anônimo, 1586), enquanto produto do Terceiro Concílio limenho, abandonou a descrição das variantes dialetais da língua andina, introduzindo nova Política Linguística para o Peru colonial. Como se posicionaram, por sua vez, os outros seis gramáticos quéchuas, no século XVII, em relação à descrição das variantes linguísticas? Seguiram as rígidas prescrições do Terceiro Concílio, ou afastaram-se delas, paulatinamente? Por outro lado, como o repertório metalinguístico desses autores foi capaz de plasmar as continuidades e descontinuidades descritivas, metodológicas e históricas observadas em cada caso? Este trabalho busca responder a essas perguntas, no contexto dos estudos da Historiografia Linguística.

Palavras-chave: Historiografia Linguística; Política Linguística; Quéchua.

## Aproximações iniciais à ‘escolha de retórica’ em Bello (1847) e Said Ali (1919; 1931)

Stela Maris Detregiacchi Gabriel Danna (Mestrado)  
Orientadora: Profª Drª Olga Ferreira Coelho  
Área: Historiografia Linguística  
([smdanna@hotmail.com](mailto:smdanna@hotmail.com))

Nesta comunicação, pretende-se comentar as primeiras etapas previstas para o projeto “‘Escolha de retórica’ em Andrés Bello e Said Ali: uma análise a partir da metalinguagem”, que tem por objetivo verificar a ‘escolha de retórica’ (cf. Murray, 1993:23) a partir de um estudo da metalinguagem empregada em obras escritas pelos dois gramáticos sulamericanos. Para tanto, os materiais de análise escolhidos foram: a “Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos” (1853, 1859 [1847]), do estudioso venezuelano; e a “Dificuldades da língua portuguesa” (1919[1908]) e a “Gramática história da língua portuguesa” (1931), ambas do gramático brasileiro. Segundo as considerações de Murray (1993:23-24), aspectos referentes ao ‘acesso a reconhecimento’, à ‘condição de elite’ e à ‘idade profissional’ influenciariam no diálogo que certa escola/autor estabelece com a tradição científica precedente. Murray (ibid.) entende o ‘acesso ao reconhecimento’ como a percepção que os próprios estudiosos têm de sua importância na comunidade científica em que atuam. Teria como indicador, por exemplo, a possibilidade de publicação. A ‘condição de elite’ está relacionada ao treinamento ou à circulação dos cientistas em instituições de prestígios. Já a ‘idade profissional’ está, basicamente, ligada à distinção entre estudantes e cientistas profissionais. Com base nestes fatores, Murray expõe um modelo que determinaria a ‘escolha de retórica’. O difícil acesso ao reconhecimento, o recrutamento de estudantes e a localização em instituições periféricas levariam um grupo a adotar uma ‘retórica revolucionária’, ou seja, uma reivindicação de ruptura com a tradição precedente. Por outro lado, a facilidade de publicação e reconhecimento, a presença de cientistas experientes e a inserção em uma instituição de elite contribuiriam para que um grupo assumisse uma ‘retórica de continuidade”, isto é, um discurso que assimila ideias da tradição que o antecede. Considerando o objetivo delineado e tendo como base os pré-requisitos levantados por Murray, serão expostos os resultados parciais referentes às etapas realizadas neste primeiro semestre de pesquisa, que foram: 1) a reprodução dos materiais selecionados; 2) o delineamento inicial de perfis biográficos dos autores, buscando captar informações que apontem para sua ‘condição de elite’, a ‘idade profissional’ e o ‘acesso a reconhecimento’; 3) a contextualização das obras, rastreando dados sobre as influências exercidas e recebidas, o nível de circulação e o clima de opinião geral no qual foram produzidas. Podemos exemplificar brevemente essas contextualizações, destacando que Said Ali, adotando-se o modelo, tenderia a optar por uma retórica continuísta, já que desfrutava de bastante prestígio e circulou por instituições de elite do Brasil e da Europa. No entanto, a tendência que se observa é a de procurar inovar nos processos de descrição, inclusive com a incorporação de bibliografia ainda pouco difundida à época (cf. Elia 1975; Bechara 1962). Informações desse caráter, associadas ao futuro levantamento e análise dos aspectos ‘internos’ das obras – etapa que deverá ser concretizada mais adiante - contribuirão para o estabelecimento de uma conclusão a respeito da ‘escolha de retórica’ dos autores e, também, a respeito da operacionalidade desse conceito em Historiografia Linguística.

Palavras-chave: Escolha de Retórica; Gramática do Português; Gramática do Espanhol; Metalinguagem.

## O processamento da morfologia verbal por crianças falantes de português brasileiro

---

Talita Edwald Wuergues (Mestrado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elaine Bicudo Grolla  
Área: Aquisição de Linguagem  
([talitaew@gmail.com](mailto:talitaew@gmail.com))

A Aquisição de Linguagem, subárea da Psicolinguística que investiga o processo aparentemente espontâneo que ocorre com as crianças ao adquirirem a língua materna, possui diversas linhas de pesquisa. Uma linha que vem sendo pesquisada nas últimas quatro décadas é a do Processamento Morfológico Verbal, que observa, através da aquisição, como funciona o processamento cognitivo das flexões dos verbos. Os teóricos apontam dois modelos que procuram responder à questão imposta: o Modelo de Mecanismo Dual e o Modelo de Mecanismo Simples. O Modelo Dual afirma que existem dois mecanismos qualitativamente diferentes de processamento morfológico dos verbos: um funciona através de regras que geram as formas verbais regulares, o outro através de um sistema associativo que opera com a memorização lexical e é aplicado às formas verbais irregulares. Esse modelo permite a regularização excessiva dos verbos irregulares e prevê que somente os verbos regulares são produtivos. Já o Modelo Simples propõe que tanto as formas regulares quanto as formas irregulares são determinadas por regras (diferentes) e são qualitativamente semelhantes. Para o Modelo Dual a generalização e a produtividade de cada forma verbal são determinadas pelo tamanho da classe verbal a que pertence. Visto que no Português Brasileiro não temos dados disponíveis na área até onde sabemos, nesta pesquisa estamos investigando, através de dados de fala espontânea de crianças, qual dos dois modelos de Processamento Morfológico Verbal é o mais adequado para explicar o PB. Para isso analisamos a produção verbal dos tempos presente e pretérito por crianças de 1;6 a 4;2 anos de idade, brasileiras e falantes nativas de PB. Em um primeiro levantamento dos dados, observamos que os verbos regulares não parecem ser sensíveis à frequência de uso. Observamos também o frequente erro de regularização dos verbos irregulares e não o contrário. Ambas as ocorrências suportam a visão do Modelo Dual e, por conta desses fatores, parece-nos que a hipótese Dual seja a mais adequada para dar conta dos dados do PB. A presente pesquisa tem como objetivos específicos coletar os dados de crianças, analisar as produções – classificando-as em relação a acertos e tipos de erros –, comparar o perfil de produções de erros com os dados do Italiano e do Espanhol presentes na literatura e confrontar os dados com o Modelo de Mecanismo Dual e o Modelo de Mecanismo Simples. Para confirmar a aplicação do Modelo Dual ao Português Brasileiro, formulamos duas hipóteses a serem testadas na pesquisa: i) os verbos irregulares deverão ser sensíveis à frequência de uso, já os verbos regulares não deverão receber interferências da frequência de uso; ii) os verbos regulares deverão apresentar generalização de seus padrões para formas verbais irregulares, enquanto o contrário não deverá aparecer nos dados. Com base em nossas hipóteses, buscamos definir os padrões verbais do Português Brasileiro e qual Modelo de Processamento Morfológico Verbal melhor descreve essa língua.

Palavras-chave: Aquisição de Linguagem; Processamento Morfológico Verbal; Flexões Verbais.



## Foraclusão: linguagem e significação

---

Tatiana Cristina Ferreira (Doutorado)  
Orientador: Prof. Dr. Waldir Beividas  
Área: Semiótica  
([tatyferreira@hotmail.com](mailto:tatyferreira@hotmail.com))

O texto apresenta uma relação interdisciplinar entre a linguística e a psicologia. Dentro destas áreas trabalho com a face semiótica e a psicanalítica. Pressuponho uma convergência entre as áreas e também um movimento de contradição pela relação interdisciplinar e pelo conceito foraclusão, advindo do termo Verwerfung - alemão, possuir raiz negativa. Tentarei trazer as diferenças para o eixo da tensão e buscar os efeitos de sentido das torções e distorções analíticas. Apresentarei os passos iniciais de uma pesquisa de interface, centrada na significação, num percurso de uma epistemologia discursiva que busca construir o conceito foraclusão dentro de uma episteme que favoreça a tese de que a racionalidade humana é discursiva, isto é, a linguagem constrói os sentimentos, ela é o reflexo do mundo. Na possibilidade de diálogo entre duas teorias aparentemente distantes, a primeira conhecida como teoria da significação (semiótica) e a outra como evidenciadora do significado inconsciente - sonhos, fantasmas, delírios - (psicanálise), ficamos em meio a efeitos de sentido de um processo bem complexo no qual desempenha papel fundamental a cognição, o inteligível, e também os meios sensoriais, o sensível. Pauto-me nos estudos saussureanos e semióticos: estudos de Beividas sobre a psicose e o mito e a psicose e a ciência. E também na leitura do Seminário III de Lacan – As Psicoses. Se na psicose o inconsciente está em realce e este é estruturado em linguagem, quais as tensões neste percurso? De que linguagem falamos? Se na psicose, o sintoma está amarrado à estrutura da linguagem, quais processos disfóricos e/ou eufóricos permeiam sua construção de significação? Se a negatividade se estende como uma isotopia subjacente ao universo da linguagem, como e quantas são as instâncias do discurso? No processo de tensão, como que gera o positivo, se o negativo permite a presença? Neste sentido, o negativo pode contribuir para o estudo dos modos de existência e para o movimento que fornece a passagem de um dos modos para outro. É ainda por meio dos ditos de Lacan: "psicótico é habitado, possuído pela linguagem" que pautaremos nosso processo de tensão de significação de uma das operações fundamentais do inconsciente: foraclusão. Assim, se a psicose é tratada pelos psicanalistas como modelo de construção subjetiva e a foraclusão como sendo a função do inconsciente, podemos trazê-los para uma semiótica da presença e numa epistemologia discursiva pressupor um inconsciente para representações que acontecem dentro de um percurso de significação do negativo da ausência? É assim, por caminhos escuros, que tentarei construir uma epistemologia discursiva da significação do processo de subjetividade do foraclusão.

Palavras-chave: Linguagem; Psicose; Foraclusão.



## A referência a entidades em línguas de modalidade gestovisual

Thaís Bolgueroni Barbosa (Mestrado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Evani de Carvalho Viotti  
Área: Linguística Cognitiva  
([thais.barbosa@usp.br](mailto:thais.barbosa@usp.br))

Este trabalho tem como objetivo descrever como é realizado o processo de referência em narrativas contadas em língua de sinais brasileira (libras), salientando o papel da organização espacial da narrativa para o estabelecimento de relações de correferência. Os dados apresentados fazem parte de uma narrativa intitulada 'O amor é surdo', contada por um surdo fluente em libras. A narrativa foi filmada e transcrita de acordo com o modelo proposto em McCleary, Viotti & Leite (2010). O processo de referência nas línguas orais, de um modo geral, tem sido analisado, sobretudo, a partir da medição da distância temporal entre as menções dos referentes. Givón (1983), por exemplo, sugere que três fatores estão por trás do uso de determinadas formas gramaticais para a retomada de referentes no discurso: i) a distância da última menção do referente, medida em número de orações; ii) a persistência do referente no discurso subsequente, medida também em número de orações; e iii) a presença de outros referentes no discurso que possam causar ambiguidade. Fox (1987) acrescenta a eles fatores relacionados à estrutura discursiva do tipo de texto em questão, além de alguns fatores não-estruturais. Essas propostas, entretanto, estão fortemente relacionadas à linearidade dos discursos orais. As línguas sinalizadas são línguas de modalidade gesto-visual. Isso significa que a referência a entidades e eventos da história é feita através da organização do espaço de sinalização, em que os referentes são dispostos de acordo com a conceitualização da cena pelo sinalizador. Nessa medida, a linearidade do discurso nessas línguas desempenha um papel secundário. Consequentemente, fatores relacionados à distância temporal entre menções dos referentes perdem a primazia, uma vez que o que tem relevância para o estabelecimento da correferência é a organização do espaço de sinalização. Também, a presença de outro referente no discurso não é um fator que, necessariamente, causa ambiguidade, uma vez que a disposição espacial dos referentes, previamente estabelecida, permite que marcas gestuais, como a direcionalidade do tronco ou do olhar, sejam suficientes para a identificação do referente adequado. Neste trabalho, mostro que a organização do espaço de sinalização é, fundamentalmente, realizada por meio da combinação entre elementos linguísticos e gestuais, isto é, o uso de sinais atrelado a mudanças na posição do tronco e da cabeça, direcionamento do olhar, marcas faciais, apontamentos e realização de sinais em localizações não-prototípicas do espaço de sinalização.

Palavras-chave: Referência; Libras; Narrativa; Organização Espacial.

## **Gloria Anzaldúa em Borderlands/La Frontera: the new mestiza: a análise semiótica de um discurso identitário de fronteira por meio da narrativização de uma experiência**

---

Thami Amarilis Straiotto Moreira (Doutorado)

Orientador: Prof. Dr. Ivã Carlos Lopes

Área: Semiótica

([thamiamarilis@yahoo.com.br](mailto:thamiamarilis@yahoo.com.br))

Este trabalho pretende mostrar parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado na qual foi discutida a constituição complexa de uma identidade que se formou na fronteira sudoeste dos Estados Unidos com o México, baseado na narrativa de espécie autobiográfica de Gloria Anzaldúa em sua obra *Borderlands/La Frontera: the new mestiza*. Anzaldúa é uma chicana nascida no Estado do Texas em uma cidade fronteiriça ao México, Rio Grande Valley. Nessa região limítrofe coexistem forças culturais que se chocam, culminando em conflitos de ordem tanto social quanto psicológica nos habitantes, denominados de chicanos. O encontro desarmonioso das culturas brancas, mexicana e indígena intensifica problemas com a língua, com a raça e com o gênero, que podem ser vistos a partir da narrativa de Anzaldúa. Neste trabalho será apresentado um desses aspectos conflitantes da identidade mestiça: a língua. De acordo com os relatos da obra é possível perceber a estreita relação que existe entre língua e identidade e a intensidade aumentada que essa relação ganha quando se trata de um lugar no qual as línguas se misturam, confundindo e desestabilizando outra identidade que é essencializada: a identidade nacional. Para analisar essa narrativa utilizamos os métodos da semiótica francesa de Greimas (1993; 1973; 2008) que são chamados de percurso gerativo de sentido, junto com outros teóricos da mesma linha (BARROS, 1990a, 1990b, 2001; FIORIN, 2001; FONTANILLE, 2007; et al). A escolha teórica de análise se justifica por entender que essa é uma teoria que satisfaz a análise narrativa contendo instrumentos adequados para revelar a sua estrutura; e também por acreditar que a teoria semiótica francesa tem maior abrangência podendo melhor contemplar o sentido e as discussões propostas pela obra. Durante o percurso gerativo de sentido outros teóricos (ORLANDI, 1988; HALL, 2003; SPIVAK, 2010; et al) relacionados suscitados pela obra sobre o tema língua foram trazidos ao trabalho para dialogarem com Anzaldúa promovendo, assim, uma discussão sobre os conflitos entre língua e nacionalidade na constituição dessa identidade de fronteira. Com a discussão promovida entre os teóricos chegamos a um importante fator que está por trás desse cenário gerenciando tal conflito identitário: o fator político. Encontramos a política mapeando e, em determinada medida, mantendo as difíceis relações linguísticas dessa região. E, ao final, entendemos que por trás dos impasses políticos, sociais e psicológicos causados devido a constituição identitária em uma fronteira encontra-se o desejo e o problema do reconhecimento.

Palavras-chave: Língua; Identidade de Fronteira; Percurso Gerativo de Sentido; Mestiçagem.

## Dimensões enunciativas: a formação de uma práxis em Augusto de Campos

Thiago Moreira Correa (Mestrado)  
Orientador: Prof. Dr. Antonio Vicente Pietroforte  
Área: Semiótica  
([thiago.moreira.correa@usp.br](mailto:thiago.moreira.correa@usp.br))

A obra de Augusto de Campos é formada por movimentos tensivos, a proposta inicial baseada no texto de Bertrand (Cortina; Marchezan, 2004, p.67-88 ), que por sua vez está fundamentada em Bordron e Fontanille (2000), em considerar a enunciação em três dimensões e cada dimensão teria um modo de existência semiótico e uma intensidade. Essas dimensões são associadas a três critérios de apreensão, seguindo as teorias tensivas de Bordron e Fontanille (2000), o primeiro define as relações de coexistência entre as dimensões (categorias), segundo extensão, compatibilidade, hierarquização etc; a segunda apreensão está relacionada ao modo de presença dessas categorias, cujo quadrado dos modos de existência semiótica se faz presente, e por último, o critério de “assunção enunciativa”, cujo conceito está relacionado à intensidade da presença das categorias (forte ou fraco). As dimensões oscilam em determinados períodos da obra (texto diacrônico), contudo, a influência exercida pelo movimento concretista no texto diacrônico é evidenciada. De modo mais ou menos intenso ou de modo mais ou menos presente os valores construídos no auge da vanguarda concretista formaram uma práxis na poesia de Augusto de Campos. Apesar de a prática semiótica também ter sua realização no plano da expressão, somente será abordado seu plano de conteúdo. A tensão gerada entre a adoção dos valores gerados na vanguarda e sua negação, em partes, moveu todo o texto diacrônico. Com isso, é notada uma tendência à virtualização da dimensão enunciativa transpessoal ao longo da obra, motivadora dos valores explicitados em toda análise. Essa dimensão cresce em força conforme a obra de Augusto de Campos progride, no início da vanguarda ela está em um modo de existência potencializado, mas forte, para na fase seguinte, dos poemas com temáticas sociopolíticas, estar virtualizada, porém com uma menor intensidade. A partir do livro Despoesia (Campos, 1994), a dimensão transpessoal da enunciação ganha intensidade em poemas como “Coração-cabeça”, todavia, em “Pós-tudo”, o parâmetro transpessoal é atualizado enquanto o interpessoal é virtualizado. Esses movimentos estão relacionados de certa forma as escolhas de pessoa na sintaxe discursiva, no primeiro período, uma sintaxe discursiva de modo enuncivo, enquanto nos seguintes períodos uma tensão entre modos enuncivos e enunciativos, acompanhados de determinados tipos metalinguísticos e determinadas escolhas no plano da expressão. Provavelmente, os valores que movem tais variações estão ligados à objetividade vs. subjetividade, em termos de efeitos discursivos. Tais valores moveriam a obra de Augusto de Campos e teriam sua origem no movimento vanguardista, do qual fez parte.

Palavras-chave: Enunciação; Semiótica; Poesia Concreta.

## Segmentos nasais em Dâw: fonemas ou alofones?

Wallace Costa de Andrade (Mestrado)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana Raccanello Storto  
Área: Fonética/Fonologia  
[wallace.andrade@ymail.com](mailto:wallace.andrade@ymail.com)

A língua Dâw, pertencente à família Nadahup, é falada por cerca de 94 falantes que residem na comunidade de Waruá, próximo a São Gabriel da Cachoeira, na região do Alto Rio Negro. Esta língua está em uma região de grande difusão areal e contato linguístico, recebendo fortes influências de línguas Tukano. Esta pesquisa tem como objetivo a descrição e análise da nasalização na língua, através de levantamento bibliográfico de dados, construção de um corpus para o trabalho de campo, e posterior elicitación e gravação com falantes nativos. Serão realizadas gravações acústicas e aerodinâmicas de seis falantes nativos, sendo três do sexo masculino e três do sexo feminino. Para as gravações acústicas será utilizado microfone de cabeça (head-set) e, para as gravações de dados aerodinâmicos, será utilizada uma estação de trabalho portátil (MacQuirer ou Eva). Concomitantemente, serão realizadas gravações de áudio e vídeo com uma câmera Sony DV. As medições serão realizadas através de softwares para análise acústica (Signal Explorer ou Formant Explorer). Para a elaboração do corpus, serão coletadas, em bibliografia, palavras de contextos puramente nasais, orais e mistos. A descrição do comportamento da nasalidade nesta língua aparece, na principal descrição da língua, ora como fonemicamente estabelecida ora como foneticamente condicionada. Esta pesquisa busca, através das medições, a descrição precisa deste comportamento. Espera-se que as medidas acústicas e aerodinâmicas possam evidenciar a característica da nasalidade nesta língua, para que seja atestado seu status na língua. A análise será feita baseada nas teorias fonológicas não-lineares, principalmente a Fonologia autosegmental e a Geometria de traços. A língua Dâw apresenta inventário fonológico composto por 40 fonemas, sendo 25 consoantes e 15 vogais. Dentre estes grupos, a nasalidade é apresentada em 7 consoantes e 6 vogais. Na principal descrição, embora seja postulado o status fonológico para a nasalização, são citados alguns fenômenos, como pré-oralização de consoantes nasais adjacentes a vogais orais e restrição de adjacência em alguns ambientes mistos (orais e nasais). Estes fenômenos parecem apontar para possível alofonia presente na língua, que, além de muito comum nas demais línguas Tukano que apresentam contato com ela, é verificado nas descrições das línguas-irmãs, como o Hup e o Yuhup. A realidade sócio-espacial na qual se insere a comunidade Dâw pede intensificação de seus estudos. Por serem considerados inferiores hierarquicamente, os Dâw estão aprendendo a se comunicar em diversas línguas, principalmente em línguas Tukano, que é a língua franca da região e o português-brasileiro, devido avanço da urbanização. O estudo linguístico mais recente foi realizado em 2004, mas a região apresenta grande difusão areal de características linguísticas das línguas Tukano. Esta difusão, somada ao baixo número de falantes e o desprestígio da língua, evidencia necessidade de melhor acompanhamento de pesquisadores de diversas áreas, para que se evite a perda da língua, da comunidade e da cultura Dâw.

Palavras-chave: Nasalidade, Dâw, Fonologia, Nadahup, Maku.

## O determinante kel em caboverdiano

---

Wânia Miranda (Mestrado)  
Orientador: Prof. Dr. Marcos Lopes  
Área: Semântica  
([waniamiranda@usp.br](mailto:waniamiranda@usp.br))

Neste trabalho faremos uma abordagem preliminar sobre a função dos determinantes em caboverdiano (CCV) – língua crioula de base portuguesa falada nas ilhas de Cabo Verde – com enfoque no determinante kel, partícula muito estudada em CCV e que causa controvérsia entre os especialistas da língua quanto à previsibilidade de seus contextos de ocorrência. A partícula kel é tida por alguns estudiosos como um artigo definido, mas a definitude não é necessariamente marcada por ele, podendo os nomes sem determinantes também expressá-la em caboverdiano. Além disso, de acordo com grande parte dos especialistas do CCV, o uso desta partícula não é nem necessário nem previsível. Entre as características de kel, observamos que ela pode ocorrer tanto com nomes específicos quanto com não-específicos; pode retomar um referente, embora este possa ser retomado sem a presença de qualquer determinante; parece não poder ser utilizada de modo atributivo sem qualquer familiaridade com o referente e também não poder se referir a entidades hipotéticas ou não existentes. Kel expressa especificidade no CCV, entretanto, sua presença, assim como a presença de qualquer outro determinante, não é necessária para que os nomes em caboverdiano sejam específicos, sendo os nomes nesta língua, predominantemente nus. Lucchesi (1994) afirma que em CCV não há nenhum dispositivo especial para marcar a distinção entre “específico” e “não-específico” e aponta que o uso da partícula tida como artigo definido (kel) junto aos NPs específicos pressupostos é bastante irregular, sendo o uso desta partícula determinado mais por fatores discursivos ou estilísticos do que por alguma necessidade de se marcar uma determinada referencialidade do nome. Os nomes com a presença de determinante, assim como os próprios determinantes do caboverdiano, possuem uma variabilidade interpretativa. A interpretação relevante, de acordo com Baptista (2002), é capturada pelo contexto (no próprio texto ou fora dele) ou pragmaticamente, com restrições de usos “familiares aos falantes da língua”. A bem da verdade, a maioria das descrições sobre o caboverdiano não manifesta acordo quanto à existência ou não de artigo nesta língua. Os que afirmam sua existência parecem muitas vezes apresentar análises do CCV centradas na descrição e análise do português, sobretudo o europeu, e não em fatos do próprio caboverdiano. No presente trabalho realizaremos, de modo preliminar, uma sistematização dos contextos de ocorrência de kel, dado o fato de causar controvérsia entre os estudiosos e de ser pertinente ao entendimento do sintagma nominal como um todo em caboverdiano.

Palavras-chave: Língua Crioula; Semântica; Sintagma Nominal.

# **PÔSTERES**

## Uma breve análise semiótica na narrativa do seriado americano Criminal Minds

Alice Harumi Samecima  
Orientador: Prof. Dr. Waldir Beividas  
Área: Semiótica  
([alice.samecima@usp.br](mailto:alice.samecima@usp.br))

Desde a criação da televisão, a narrativa cinematográfica já fazia parte da vida das pessoas da época tendo o cinema como seu veículo e, atualmente, tem estado cada vez mais presente em nossas vidas através de programas tais como seriados, filmes, documentários e sitcoms. A partir da década de 50, essa variedade de programação começou a fazer parte do cotidiano dos telespectadores. Com o fenômeno da globalização, os seriados, sobretudo americanos, estão mais presentes do que nunca na vida das pessoas do mundo todo, mais precisamente via TV a cabo. As séries que mais atraem o público são as policiais, dentre elas, CSI, Law and Order, Criminal Minds, Bones e The Closer. Com o advento das séries policiais, o gênero policial deixa de ser um gênero exclusivo da literatura, passando a receber como suporte um veículo de massa: a televisão. Sabemos que a violência é uma das grandes vogas em nossos debates axiológicos atuais. Assim, a recorrência do assunto e suas distintas abordagens por meio do noticiário televisivo acabou por dessemantizar esse conteúdo, diminuindo o efeito de sentido de “realidade” e “ficção” que antes era mais delimitado nos discursos do noticiário e dos seriados, filmes, telenovelas, etc. O noticiário já deixou de chocar o público porque a morte - e também a vida - foram banalizadas. A notícia de primeira mão, o "furo jornalístico", como costumava ser chamada, não é mais impactante como antes. O aumento da similaridade que postulamos haver entre um seriado e o noticiário, conforme buscaremos demonstrar por meio da análise proposta, parece derivar, sobretudo, da ênfase na etapa narrativa da sanção por parte dos dois tipos de discurso. Por exemplo, antes, a história de um assassinato relatado no noticiário, chegava aos telespectadores “pronta”, ou seja, o noticiário contava essa história de maneira bem resumida: alguém que matou a vítima e depois foi preso pela polícia. Hoje, os noticiários têm acompanhado todo o desenvolvimento do julgamento de possíveis culpados em casos especiais, com ampla divulgação na mídia. Do mesmo modo, o seriado mostra como um caso de assassinato é resolvido, de modo que o público “participa” da investigação, sentindo-se, também, investido da função narrativa de destinador julgador. Para nossa análise, escolhemos a série americana Criminal Minds, por se diferenciar das demais que estão no ar atualmente no que tange à sua narratividade e, também, por ser um dos programas mais assistidos nos Estados Unidos e no mundo.

Palavras-chave: Série Policial; Assassinato; Noticiário; Mídia; Narratividade.



## Flutuação do Acento em Palavras Produzidas por Falantes Nativos do Português Brasileiro

---

Aline de Lima Benevides  
Orientador: Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza  
Área: Fonologia  
([enilaalb@yahoo.com.br](mailto:enilaalb@yahoo.com.br))

Esta pesquisa tem como objetivo verificar o condicionamento da flutuação do acento em algumas palavras produzidas por falantes nativos do português brasileiro (PB). O corpus foi composto com palavras que são apontadas pelos gramáticos como sujeitas ao “erro de prosódia”, que é provocado pelo deslocamento da tonicidade das palavras (Cunha & Cintra, 2001; Lima, 2002; Bechara, 2005). Na primeira etapa da pesquisa, verificou-se as principais teorias do acento regular no PB, segundo Ferreira-Netto (2007), que são elas: Hipótese do Acento Livre (CAMARA JR, 2001), Hipótese do Molde Trocaico (BISOL 1992 apud Collischon, 1999) e Hipótese do Acento Morfológico (LEE, 1995). A partir do estudo de Araújo et al (2007), constatou-se que essas teorias do acento regular no PB não conseguem explicar a atribuição acentual nas proparoxítonas sem tratá-las como exceções. Portanto, tais teorias não foram adotadas como base de análise do corpus. Em uma segunda etapa da pesquisa, a partir da Fonologia do Uso (BYBEE, 2001), investigou-se a frequência de uso das palavras que compõem o corpus, confirmando a baixa frequência delas e que tal proposta poderia ser aplicada ao corpus, adotou-se essa teoria como método de análise. Os principais fatores para adotar tal teoria foram: poder analisar todas as palavras de modo semelhante, isto é, não tratar as proparoxítonas como casos excepcionais; que o uso modela as representações mentais e que a frequência de uso está relacionada com a facilidade no acesso das palavras. Como resultado parcial da pesquisa, têm-se algumas palavras explicadas pelas teias de conexões fonológicas, outras que possuem as duas formas dicionarizadas ou ainda palavras cujo acento possui caráter distintivo. Entretanto, ainda há uma porcentagem do corpus que falta ser explicado. Para isso, constatou-se a necessidade da realização de alguns testes, tal como de gramaticalidade e de produção, na busca de explicar possíveis processos de mudança e sensibilidade ao peso silábico no PB, que serão realizados no desenvolvimento da pesquisa.

Palavras-chave: Fonologia; Acento; Português Brasileiro.

## Para a inclusão de classe social nos estudos sociolinguísticos paulistanos

Camila Barbosa de Faria  
Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes  
Área: Sociolinguística Variacionista  
([camila.barbosa.faria@usp.br](mailto:camila.barbosa.faria@usp.br))

Nos estudos sociolinguísticos brasileiros, a variável classe social geralmente se baseia na diferença de níveis de escolaridade dos falantes de uma comunidade (COELHO, 2006; NASCIMENTO, 2010; OUSHIRO, 2011; RODRIGUES, 2009), como modo de inferir seu status socioeconômico. Entretanto, a implementação de certas políticas públicas tais como a Progressão Continuada e o ProUni, nas últimas décadas, contribui para o questionamento da validade desse parâmetro na estratificação de grupos sociais para fins de estudos sociolinguísticos (OUSHIRO, 2011). Além disso, tem-se verificado, nos últimos anos, um amplo alargamento da classe média brasileira e uma reconfiguração dos grupos sociais que compõem cada estrato socioeconômico (SOUZA & LAMOUNIER, 2010), de modo que é necessário olhar para essa variável de maneira mais atenta. Nesse sentido, esta pesquisa propõe-se a discutir critérios que levem à inclusão da variável classe social em estudos sociolinguísticos na cidade de São Paulo, utilizando os preceitos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista. Tal objetivo central endereça o fato de que o estudo desta variável não é sem controvérsia: por um lado, os critérios utilizados em certas comunidades nem sempre são aplicáveis a outras (ASH, 2002); por outro, dificilmente um único parâmetro (p.ex. renda, ocupação ou nível de escolaridade) é capaz de dar conta das nuances de estratificação social em uma grande metrópole como São Paulo. Em estudos prévios que analisaram a variável classe social, parece haver consenso acerca da importância de alguns fatores como nível de escolaridade e ocupação; de fato, algumas pesquisas baseiam-se no primeiro (p.ex. RODRIGUES, 2009) e outras no segundo (p.ex. HORVATH, 1985) para classificar o padrão socioeconômico dos falantes. Neste trabalho vem-se realizando uma coleta de entrevistas voltadas especificamente a investigar quais são as camadas sociais e o modo como nelas estão distribuídos os paulistanos, segundo as percepções dos habitantes da cidade de São Paulo. Para experimentar quais desses critérios podem ser utilizados com certa praticidade nas pesquisas sociolinguísticas, aplica-se um questionário socioeconômico a um grupo de trinta informantes estratificados quanto ao sexo, faixa etária e classe social. Com os resultados desse questionário, é elaborada uma tabela na qual cada conceito ganha uma determinada pontuação (TRUDGILL, 1972), de modo que seja possível atribuir, a cada informante, uma pontuação que indicará seu pertencimento a um estrato social. Dessa forma, a partir de tal discussão, deverá ser possível, futuramente, investigar o papel de diferenças de classe social em certos fenômenos linguísticos em variação e mudança na cidade de São Paulo.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variacionista; Classe Social; Percepções Paulistanas.

## Novelas de TV à luz da semiótica

---

Jéssica Zaiba Curuchi  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Norma Discini de Campos  
Área: Semiótica  
([jessica.zaiba@uol.com.br](mailto:jessica.zaiba@uol.com.br))

Nosso projeto, com apoio na semiótica de base greimasiana (GREIMAS, 2008), volta-se para questões relativas à cultura de massa, ou seja, novelas de TV. Pensamos na novela não apenas como um enunciado sincrético, isto é, aquele que junta o verbal, o visual, o melódico, o gestual, entre outras substâncias da linguagem. Queremos investigar, para além da trama que “segura” o espectador na ansiedade e no suspense do final de cada capítulo, os simulacros de realidade. Assim, temos como objetivos principais: depreender mecanismos de construção do sentido nas novelas de TV, na medida em que parecem recuperar estereótipos e na medida em que parecem valer-se da prolixidade narrativa, discursiva e textual, para “segurar” o telespectador; investigar como e por que estratégias que fazem o mundo parecer como da ordem da verdade (parece e é) promovem seu deslizamento para o eixo da mentira (parece mas não é), tal como propõe a semiótica, ao tratar a verdade como efeito de sentido voltado para a categoria da veridicção: temos uma verdade contemplada na relação com a mentira, o segredo e a falsidade. Para tal, temos, como corpus de análise, duas novelas de Manuel Carlos – prioridade de recorte, por enquanto – Laços de Família (05/06/2000 – 02/02/2001) e Mulheres Apaixonadas (17/02/2003 – 11/10/2003). Analisamos o primeiro capítulo de cada uma em relação ao todo de seus enredos, o que será contextualizado por meio de um resumo parafrástico, isto é, sem comentários, de cada uma das duas novelas trazidas à luz para esta pesquisa. Fazemos a reprodução livre das cenas sujeitas à análise, o que significa que, em nossa “transcrição” do texto novelístico, inserimos rubricas, já que não dispomos do roteiro. Fizemos isso como espectadora das novelas, para elucidar a leitura. Num segundo momento da pesquisa, agregaremos, para fins de comparação, mais uma novela do mesmo autor – a ser definida. Num terceiro momento, traremos mais outras, de novos autores, para que possamos estabelecer a identidade discursiva (DISCINI, 2005) de Manuel Carlos em confronto com o outro, a alteridade. O instrumento metodológico de base será o percurso gerativo do sentido, contemplado nos níveis fundamental, narrativo e discursivo (GREIMAS, 2008; BARROS, 2002).

Palavras-chave: Semiótica; Telenovelas; Enunciação.

## Wittgenstein e a Linguística Cognitiva

---

Joana Bortolini Franco  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Evani Viotti  
Área: Linguística Cognitiva  
([joanabfranco@gmail.com](mailto:joanabfranco@gmail.com))

O pôster irá apresentar alguns resultados obtidos em uma pesquisa de iniciação, em que foi feito um comentário analítico do Livro Azul, de Wittgenstein, e estabelecidas algumas semelhanças com a linguística cognitiva, tal como apresentada por Lakoff e Johnson. Serão apresentadas algumas semelhanças observadas em suas perspectivas, no que diz respeito ao funcionamento superficial da linguagem. Depois disso, serão levantados alguns problemas que surgem quando a filosofia de Wittgenstein é confrontada com a teoria do corporeamento de Lakoff e Johnson. No Livro Azul, Wittgenstein critica alguns problemas da filosofia tradicional com base na análise de como certas expressões são usadas na linguagem cotidiana. Segundo ele, as teorias filosóficas surgem quando o filósofo se afasta do uso cotidiano da linguagem e ignora os múltiplos usos da palavra, elegendo um só dentre os usos possíveis como o único verdadeiro. Uma postura muito semelhante é encontrada em Lakoff e Johnson, que criticam as teorias filosóficas por elevarem metáforas da vida cotidiana a teoria técnicas. Em muitos casos, os erros apontados por Wittgenstein e por Lakoff e Johnson coincidem, mostrando muitas semelhanças em como os autores compreendem o funcionamento da linguagem. Mas a filosofia de Wittgenstein está fortemente apoiada na ideia de que a gramática da linguagem é arbitrária, ou seja, que nada exterior ao uso, à prática continuada de interação linguística, pode determiná-la. A linguística cognitiva, por outro lado, considera que a linguagem só pode ser entendida se for abordada com referência à sua relação com o sistema cognitivo como um todo, especialmente a relação desse sistema com o conhecimento sensório-motor registrado neuronalmente. Os problemas que emergem dessa questão serão apenas citados, indicando os próximos passos a serem dados na pesquisa. O levantamento das semelhanças e dos problemas encontrados na aproximação entre Wittgenstein e Lakoff e Johnson servirão para esboçar as perspectivas para uma futura pesquisa, que deverá ser desenvolvida nos próximos semestres e se aprofundará nos problemas levantados pelo confronto entre a arbitrariedade da gramática e a teoria do corporeamento.

Palavras-chave: Wittgenstein; Linguística Cognitiva; Metáfora; Teoria do Corporeamento.

## Fan Fiction: uma proposta de abordagem semiótica

Júlia Maria Andrade de Melo Ignácio  
Orientador: Prof. Dr. Waldir Beividas  
Área: Semiótica  
([ignaciojulia@hotmail.com](mailto:ignaciojulia@hotmail.com))

A Fan Fiction (ou “Ficção de Fã”) é uma produção na qual o fã, alguém que nutre um afeto intenso por uma obra (cinematográfica, musical e, especialmente, literária), desenvolve tramas que são julgadas por ele pertinentes em relação ao universo ao qual este mesmo fã dirige sua atenção. Muito embora tenha raízes em ocorrências literárias dos séculos XVII e XVIII, a Fan Fiction ganha força na atualidade com a publicação de séries infanto-juvenis que, ao resgatarem antigos mitos e reelaborarem ficções na qual as personagens possuem largo apelo junto a esse público (ganhando inclusive adaptações cinematográficas bem-sucedidas), angariam ficções produzidas por esse próprio público, com base nas séries originais mas com tramas e personagens ora diferentes ora semelhantes. Entretanto, tais tramas e personagens são delineados pelo leitor que agora se torna autor: o “ficwriter”. Cabe ressaltar a importância dos meios de comunicação atuais (em especial a internet), que tornam fácil o acesso, através de custo geralmente nulo, dos fãs a Fan Fictions que correspondem à sua área de interesse, sendo igualmente facilitada a divulgação de obras por parte do próprio “ficwriter”. Além disso, a internet e suas ferramentas tais como blogs e sites também favorecem a criação de comunidades de fãs e a comunicação entre eles. A partir deste fenômeno, o objetivo deste pôster é relatar uma proposta de abordagem semiótica para a Fan Fiction – como, a partir do ponto de vista do Percurso gerativo de sentido proposto pela Semiótica de Greimas e segundo o qual o sentido do texto pode ser entendido como construído em níveis (do mais abstrato ao mais concreto), pode ser analisada a maneira pela qual se dá a construção do sentido na Fan Fiction, dado que ela parte de uma obra já estabelecida. Neste pôster, será descrita a proposta de análise da Fan Fiction e do texto de que ela deriva – o texto original – que foi traçada para o estudo d’ “A apreensão do caráter discursivo das personagens para a construção da Fan Fiction”, objeto principal de estudo da Iniciação Científica homônima. Aqui discorre-se, pois, sobre um recorte deste estudo mais abrangente, da perspectiva do pôster em questão.

Palavras-chave: *Fan Fiction*; Semiótica; Análise.

## A Lenição em Dinamarquês

---

Júlia Sales Paez Fernandez  
Orientador: Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza  
Área: Fonologia  
([julia.fernandez@usp.br](mailto:julia.fernandez@usp.br))

Este trabalho tem como objetivo analisar em que contextos, quais os tipos e por quais motivos, se dá o fenômeno da lenição na língua dinamarquesa. Para tal, serão feitas comparações diretas com as línguas sueca e norueguesa e indiretas com as línguas portuguesa e espanhola. A lenição é uma das fontes de mudanças fonológicas que consiste num conjunto de fenômenos de enfraquecimento das consoantes, podendo ser sincrônica ou diacrônica. Do latim *Lenir*: *leniō, is, ívi* ou *ii, ítum, íre* 'acalmar, abrandar'; *Len(i)-*: *lénis*, 'macio; doce, agradável, suave; brando, não violento'. Alguns dos processos de lenição segundo Kirchner (1998): degeminação – redução de uma consoante longa para uma curta; o vozeamento – uma consoante surda é passada a sonora; a espirantização – redução de uma oclusiva ou africada a uma fricativa ou aproximante; a flapping – redução de uma obstruinte a um flap; a fricativização – redução de uma obstruinte a uma fricativa; a semivocalização – passagem de uma consoante a semivogal; a debucalização – redução de uma consoante a uma glotal ou até sua completa; a elisão. O processo de lenição ainda não é amplamente levantado por teóricos, por isso pouco é explicado dentro deste campo. Kirchner, em seu texto *An Effort-Based Approach to Consonant Lenition*, questiona pontos que manuais de fonologia dão sobre lenição e que são aceitos sem uma maior explicação, por exemplo a lenição ser um fenômeno unificado. Além disso, levanta a seguinte hipótese: “Especificamente, vou argumentar que os padrões de lenição fonologicamente condicionados são conduzidos por um imperativo fonético para minimizar o esforço de articulação: a lenição é caracterizada como a substituição de um conjunto de gestos de menos esforço. Ainda argumento que este imperativo de minimização de esforço pode e deve ser incorporado diretamente no formalismo fonológico, como uma restrição violável, que denomino LAZY. As representações fonológicas devem, portanto, incluir muito mais detalhes sobre gestos articulatórios, e seus custos resultantes do esforço do que tem sido concebido normalmente.” (KIRCHNER, 1998) Coloca assim, a hipótese de uso de uma fonologia mais articulatória, que será levada em conta nesta pesquisa. Inicialmente foram utilizados manuais de fonologia, dicionários de pronúncia e linguística, e textos teóricos voltados exclusivamente para o tema. O corpus foi obtido através da gravação de um falante nativo e de dicionários de pronúncia. Outras duas gravações serão feitas, afim de obter mais dados sobre quais os tipos de processos de lenição que ocorrem em dinamarquês, e se os contextos são sempre de consoantes intervocálicas como a maioria dos manuais de fonologia explícita.

Palavras-chave: Lenição; Dinamarquês; Kirchner; Pronúncia.



## **Intertextualidade e Polifonia: O percurso semiótico do homem comum em Dostoiévski**

---

Lara Maria Arrigoni Manesco  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Norma Discini  
Área: Semiótica  
([lara.manesco@usp.br](mailto:lara.manesco@usp.br))

O projeto "Intertextualidade e Polifonia: o percurso semiótico do homem comum em Dostoiévski", que acaba de ser iniciado, visa a interrogar a construção intertextual do ator Makar Diévuchin na obra "Gente Pobre" de Dostoiévski a partir do conto "O capote" de Gógol e do conto "O chefe da estação" de Puchkin. Além disso, pretende analisar o plurilinguismo e o gênero intercalar na obra, através de análise fundada na metodologia oferecida pela semiótica francesa nos seus desdobramentos tensivos. A obra Gente Pobre, primeiro romance de Dostoiévski, configura-se como uma fonte relevante para análise, pois, apesar de ser um romance epistolar, agrega diversos gêneros em sua composição: a carta, o depoimento, a estilização de um romance inserido no interior da obra e, ainda, a crítica literária. Desse modo, trata-se de um exemplar caso da maleabilidade do próprio gênero romance - eleito por Bakhtin como o locus de manifestação por excelência do dialogismo - e cuja matéria implica a pluralidade de vozes. A polifonia nesse romance manifesta-se tanto no âmbito da heterogeneidade, isto é, da incorporação de gêneros pela obra, quanto no embate de vozes que ocorre entre o nível da enunciação e do enunciado. O presente trabalho investiga como estas questões têm respaldo no corpus selecionado para a análise, questionando em que medida a obra é exemplo do romance polifônico como concebido pelo teórico russo Bakhtin. O foco da pesquisa recai sobre o ator do enunciado Makar Diévuchin, que caracteriza-se como o herói inacabado do romance polifônico, um sujeito em falta, oprimido pelo cotidiano e por seus questionamentos existenciais. Como sujeito em falta ele está sempre em busca de algo, como os demais protagonistas dostoiévskianos, e é exemplo cabal do percurso do homem comum em Dostoiévski.

Palavras-chave: Intertextualidade; Polifonia; Semiótica; Dostoiévski.

## Estudo sociolinguístico de gays paulistanos em diferentes situações de fala

Larissa Soriano

Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes

Área: Sociolinguística

([larissa.soriano@gmail.com](mailto:larissa.soriano@gmail.com))

O objetivo geral da pesquisa é a de construir uma amostra da fala de homens paulistanos gays, em diferentes situações de interação social e realizar uma observação etnográfica que permita estudo das relações entre usos linguísticos e a expressão de uma identidade de gênero. Para isso, adotam-se pressupostos da Sociolinguística, numa vertente interacional, cujo interesse pela linguagem é de natureza social e se baseia nas amostras de fala e em análises do contexto, da comunidade de que o falante faz parte e dos fatores extralinguísticos importantes em uma situação de interação social específica (ECKERT e McCONNELL-GINET, 2003). Neste trabalho, apresentam-se os métodos empregados na coleta da amostra e os resultados obtidos até o momento. A construção da amostra se baseia na teoria de redes sociais (MILROY, 2004). Assim, é dividida em duas redes selecionadas por duas âncoras de grupos distintos. Além delas, a amostra é estratificada de acordo com a faixa etária dos falantes (18-25, 26-35 e 36-45 anos) e três situações de fala distintas: entrevista sociolinguística, encontro com amigos e trabalho. Assim, totalizam-se 18 gravações. Além das observações feitas nas situações em que os falantes são gravados, são feitas entrevistas e notações etnográficas da cena gay paulistana. A intenção de observar o mesmo indivíduo em diferentes situações de interação social é verificar a mudança de estilo (LABOV, 2001; ECKERT, 2001) e a teoria de que a fala de uma mesma pessoa varia de acordo com a situação. Aspectos extralinguísticos como grau de formalidade, identificação com o interlocutor e o tópico da conversa podem influenciar na variação de fala de um mesmo indivíduo. Das três situações de fala, aquela da entrevista sociolinguística é a única que possui um roteiro prévio. O documentador participa da gravação com um grupo de amigos do informante. A ideia é observar as relações entre os membros do grupo, características semelhantes da fala e os fatores extralinguísticos que envolvem a situação e as pessoas. Já para as gravações em ambiente de trabalho, o falante leva o gravador consigo, sem a presença do documentador, totalizando no mínimo 6 horas de gravação. Os resultados até o momento indicam que há certas divisões na cena gay paulistana, baseadas principalmente em “tipos” de identidades – p.ex. “barbies”, “ursos”, “pão com ovo”, “pintosas” – e na classe socioeconômica dos indivíduos. Tais distinções se verificam em diferentes tipos de bares, festas e clubes noturnos frequentados, modos de se vestir, tipos físicos, etc.

Palavras-chave: Sociolinguística; Português Paulistano; Identidade de Gênero.

## O conceito bakhtiniano de polifonia: desdobramentos semióticos sobre a obra dostoievskiana

---

Marcos Rogério Martins Costa  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Norma Discini de Campos  
Área: Semiótica  
([marcosrmcosta15@gmail.com](mailto:marcosrmcosta15@gmail.com))

Esta pesquisa prevê ressaltar os elementos constitutivos do conceito bakhtiniano de polifonia no romance “Crime e Castigo”, do autor russo Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski. Para tanto, utilizamos, de um lado, o instrumental teórico da semiótica discursiva, proposta por Algirdas Julien Greimas e, de outro, a semiótica tensiva, proposta por Claude Zilberberg. Analisamos o que o texto diz, por que diz e como diz, considerando o plano do conteúdo tripartido em: nível fundamental, narrativo e discursivo. Investigamos como se constrói a incompletude dentro da obra dostoievskiana e observamos que ela é arquitetada no próprio eixo do limiar, por meio da heterogeneidade constitutiva do gênero romanesco- como salienta os estudos de Maingueneau e Authier-Revuz-, a qual converge, no contexto desse romance, para a polifonia constitutiva dos atores do enunciado, em especial o protagonista Raskólnikov. Essa observação dos fundamentos inconclusos do romance dostoievskiano permitiu-nos, portanto, adentrar nas tessituras discursivas arquitetadas pelo autor-destinador Dostoiévski, para assim investigarmos como se assenta o efeito de polifonia no discurso literário desse autor russo. Por conseguinte, em uma análise híbrida, na qual dialogam a teoria bakhtiniana, a Semiótica e a Análise do Discurso, pretende-se depreender a incompletude estratégica dentro da obra dostoievskiana, do que resulta uma construção discursiva no eixo do limiar. Isso porque observamos que há no texto dostoievskiano uma interação de consciências isônomas e plenivalentes, que dialogam entre si, interagem e preenchem com suas vozes as lacunas e evasivas deixadas por seu autor-criador, produzindo o que Bakhtin chama de grande diálogo do romance polifônico. Observando esses pressupostos, a pesquisa, ainda em andamento, já demonstra que a obra dostoievskiana tem uma estrutura peculiar: uma construção no limiar, no qual os limites se borram e as rédeas do autor-destinador do texto (ator da enunciação) se soltam, contribuindo assim para uma maior autonomia dos atores do enunciado. Essa observação contribui para os estudos do texto, principalmente para a investigação da aplicabilidade dos conceitos bakhtinianos, visto que, a partir das ferramentas oferecidas pela semiótica de Paris, podemos construir um percurso gerativo do efeito de sentido de polifonia, demonstrando, assim, que sua presença não afeta apenas o nível superficial do texto, mas, antes, é uma construção de sentido que perpassa e se sustenta nos três níveis do plano do conteúdo, isto é, o conceito de polifonia possui tanto estruturas discursivas como tensivas e narrativas.

Palavras-chave: Polifonia; Semiótica; Dialogismo; Percurso Gerativo de Sentido.

## Um estudo sociolinguístico de Itanhandu

---

Mariane Esteves Bieler da Silva  
Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes  
Área: Sociolinguística  
([maribieler@gmail.com](mailto:maribieler@gmail.com))

A proposta dessa pesquisa é construir uma amostra da fala da comunidade mineira de Itanhandu, cidade localizada ao sul do estado. Tal *corpus* deverá permitir uma investigação sobre a relação existente entre usos linguísticos e a identificação dos itanhanduenses com sua cidade. A construção dessa amostra integra o desenvolvimento de um projeto de pesquisa em duas etapas: a amostragem da comunidade de fala itanhanduense; e a transcrição e revisão das entrevistas segundo critérios do GESOL - USP (Grupo de Estudos Sociolinguísticos da USP). A amostra inicial da fala itanhanduense é constituída de 18 entrevistas sociolinguísticas (de acordo com Labov 1972 e Labov 2006). A constituição desse corpus se baseou no cruzamento de três variáveis sociais: o sexo/gênero dos falantes; três faixas etárias (de 18 a 30 anos, 31 a 45 anos e 46 a 65 anos); e a relação de identificação estabelecida com Itanhandu (moram na cidade e não têm intenção de deixá-la; moram na cidade, mas desejam se mudar ou *tiveram* que voltar; moram fora e não desejam retornar à cidade). A coleta da amostra apresentou algumas dificuldades. Em primeiro lugar, os informantes para os perfis estabelecidos apresentaram certa dificuldade de serem encontrados. Outra questão importante é que parece não existir uma relação simétrica entre querer sair de Itanhandu e, em correlação a isso, produzir variantes de outras cidades, como do Rio de Janeiro ou de São Paulo - que são as duas grandes metrópoles para onde os itanhanduenses costumam destinar-se. Do mesmo modo, não parece ser direta a relação entre não querer se mudar da cidade e produzir apenas variantes locais. Diante dessas questões, faz-se necessário um estudo qualitativo mais detido de tal comunidade, atentando-se para eventuais mudanças na pesquisa ou mesmo no corpus nela utilizado. Após a transcrição, está sendo feita a análise qualitativa do material sociolinguístico de modo a estabelecer os próximos passos da pesquisa. A coleta inicial dos dados e a sua consequente transcrição deixam antever características peculiares na comunidade mineira de Itanhandu. Para a descrição da heterogeneidade observada na fala dessa comunidade sul-mineira, à constituição da amostra seguirão análises qualitativas acerca dos usos linguísticos dos itanhanduenses em correlação à sua identificação com São Paulo e Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Comunidade de Fala; Identidade; Itanhandu.

## As composições sintagmáticas nas Ciências Naturais

Nathasha Dupré Friaça  
Orientadora: Profª Drª Mariângela de Araújo  
Área: Terminologia  
([nathasha.friaca@gmail.com](mailto:nathasha.friaca@gmail.com))

A composição sintagmática, processo de formação de palavras que se configura quando os membros que integram um segmento frástico estabelecem entre si uma íntima relação sintática, morfológica e semântica, de modo a constituir uma única unidade léxica (cf. Alves, 1990: 50), é responsável por grande parte dos termos formados em diferentes áreas do saber. No âmbito das Ciências Naturais, em revistas de divulgação científica brasileiras, a análise dos termos coletados até o momento demonstrou-nos que, dentre todos os termos que coletamos, na Pesquisa FAPESP, 35,8% eram composições sintagmáticas, enquanto que, na Superinteressante, as composições sintagmáticas excediam ainda mais esse número, totalizando 43,5% dos termos. Para desenvolvermos esta pesquisa utilizamos o aparato teórico-metodológico desenvolvido pela Terminologia, cujos estudos têm avançado no sentido de oferecerem ao pesquisador-terminólogo não apenas procedimentos metodológicos para a elaboração de bases de dados e de dicionários terminológicos, mas também uma teoria que dê conta dos fenômenos linguisticamente observáveis. Além disso, para a descrição e a análise dos termos coletados, também consideramos estudos relativos à morfologia derivacional, à lexicologia e à neologia. Sendo assim, este trabalho visa a apresentar um estudo sobre os termos formados a partir desse processo, buscando-se, em um primeiro momento, apresentar uma diferenciação entre este e a composição propriamente dita, e, posteriormente, analisar a constituição dos termos sintagmáticos formados, suas possibilidades de variação e alguns aspectos semânticos relativos aos elementos que os constituem. Os termos analisados fazem parte da Base de Dados Terminológicos das Ciências Naturais - BDTCien, constituída na Universidade de São Paulo e cujo corpus é formado pelas edições de 2007, 2008 e 2009 das revistas Pesquisa FAPESP e Superinteressante.

Palavras-chave: Terminologia; Neologia; Composição Sintagmática; Ciências Naturais.

## Complementos gerundivos em PB - proposta preliminar de análise

Suzana Fong  
Orientador: Prof. Dr. Marcello Modesto  
Área: Sintaxe Gerativa  
([suzana.fong@gmail.com](mailto:suzana.fong@gmail.com))

Considerem-se os seguintes complementos oracionais:

- (a) O João [adora crianças cantando]
- (b) O João [ouviu crianças cantando]

Por o verbo estar no gerúndio, os denominaremos ‘complementos gerundivos’ (CGs). Embora sejam linearmente idênticos, os CGs acima apresentam diferenças, especialmente no que concerne à interpretação do (‘crianças’) e a fenômenos de passivização. O sujeito no plural nu em (a) é interpretado genericamente e o de (b), existencialmente. Seguindo algumas propostas, sugere-se que essa diferença interpretativa seria derivada estruturalmente: um sujeito sem força quantificacional inerente interpretado genericamente ocupa uma posição sintática relativamente mais alta que um interpretado existencialmente. \*Observe-se que não é possível passivizar o sujeito encaixado em (a), mas, em (b), é:

- (a') \*Crianças são adoradas cantando pelo João.
- (b') Crianças foram ouvidas cantando pelo João.

No entanto, quando o verbo, por suas propriedades lexicais, dispõem de uma preposição, a passivização a partir de um CG como em (a) é possível:

- (c) Crianças são consideradas \*(como) sendo ingênuas.

No âmbito de uma perspectiva gerativista, propomos, em caráter provisório, que o CG em (a) é um TopP (como em Kuroda) ou SubjP (como na cartografia para a posição de sujeito de Cardinaletti) e o em (b), um TP. A diferença de interpretação notada acima seria decorrente de o sujeito em (a) ocupar uma posição relativamente mais alta ([Spec, TopP/SubjP]) do que o de (b) ([Spec, TP]). Para dar conta dos fatos de passivização, propõe-se ainda que o gerúndio em (a), mas não o em (b), precisa ser marcado com Caso.

- (a'') [adorar [TopP crianças1 [TP t1 cantando]]]
- (b'') [ouvir [TP crianças cantando]]

Assumindo que a passivização envolve uma projeção participial a ser marcada com Caso, a agramaticalidade de (a') seria decorrente da intervenção do particípio, impedindo que o gerúndio fosse marcado com Caso. Quando uma preposição como ‘como’ está disponível, o Caso do gerúndio poderia ser valorado independentemente, mesmo na presença de um particípio interveniente. Por o gerúndio em (b) não precisar ser marcado com Caso, a passivização de seu sujeito ocorre sem problemas. O trabalho pretende detalhar essa análise, bem como apresentar outros dados que poderiam ser abarcados com ela.

Palavras-chave: Gerúndio; Complemento Oracional; Complemento Gerundivo.



## Categorização das raízes neoclássicas: nominalização a partir do segmento vocálico -o-

---

Vitor Augusto Nóbrega  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Paula Scher  
Área: Morfologia  
([vitor.augusto.nobrega@gmail.com](mailto:vitor.augusto.nobrega@gmail.com))

Nas chamadas composições neoclássicas (i.e. composições com base em elementos de origem grega ou latina, e.g. oftalm-o-logia, term-ô-metro e fot-o-grafia), o segmento vocálico -o-, caracterizador desse tipo de composição (cf. Amiot & Dal 2007), interfere na análise morfológica dada às unidades que constituem esses compostos, já que pode ser visto como: (a) pertencente ao elemento à esquerda (e.g. [oftalmo] [logia]) (cf. Gonçalves 2011); (b) pertencente ao elemento à direita (e.g. [oftalm][ologia]); ou (c) unidade de ligação (e.g. [oftalm][o][logia]) (cf. Kehdi 1989, Sandmann 1989, Laroca 1994). No entanto, algumas propriedades dos compostos neoclássicos do português brasileiro (PB) desafiam essas caracterizações. No PB, essas peças podem derivar palavras como oftalm-ia, térm-ico ou hidr-ante, sugerindo que a vogal -o- não pode ser parte do primeiro ou do segundo elemento. Além disso, a visão de que -o- figura como uma unidade de ligação também não dá conta dos fatos, já que não explica a presença de -o- em formas como oftalm-o, térm-o, hidr-o, em que a função de ligação não se aplica a tal segmento. Neste trabalho, discutimos como esse segmento vocálico -o- está conectado a traços morfossintáticos, utilizando, para tanto, a teoria da Morfologia Distribuída, proposta por Halle & Marantz (1993), valendo-nos principalmente da proposta de Harley (2008), que assume que os compostos são estruturas de incorporação. Propomos que o segmento vocálico -o- apresenta a função de categorizador nominal de raízes à esquerda de composições neoclássicas (1), contrariamente a ideia de que tal segmento seja inserido por regras fonotáticas:

- (1) oftalm-o (oftalmologista)  
héter-o (heterossexual)  
fot-o (fotografia)  
quil-o (quilograma)  
eletr-o (eletrodoméstico)

Como evidências para essa função categorial, temos (i) o fato de que tal segmento pode ocorrer em palavras que não concordam com o gênero marcado no artigo definido (e.g. a [trib]o)n, a [libid]o)n), em que também atribuem a categoria n e (ii) a capacidade que essas formas truncadas têm de receber outros afixos após a categorização, como o morfema de plural (e.g. “leveí meu filho a dois oftalm-o-s”). O composto neoclássico, portanto, apresenta sua raiz à esquerda sendo inicialmente categorizada por -o-; em seguida, essa raiz categorizada concatena-se ao segundo elemento, e a incorporação ao categorizador do segundo elemento dará categoria a todo o composto. Assim sendo, evitamos que o primeiro elemento do composto fique sem categoria, aproximando a formação dos compostos neoclássicos dos outros tipos de composição; e, com a mesma proposta, damos conta de como são categorizadas as formas truncadas desses compostos.

Palavras-chave: Composição Neoclássica; Categorização; Morfologia Distribuída.